

Vol. 02, **Nº 04** (2025)
ISSN: 2966-0130

REVISTA FIOS DE **LETRAS**

TEORIA QUEER
DA LÍNGUÍSTICA À LITERATURA



Organização:

Prof. Me. Renato Régis Barroso (UEA)

Profa. Dra. Rita de Cássia Fraga Machado (PPGED-UEA)



editora
UEA



UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS



GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS

Wilson Miranda Lima
Governador

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
Centro de Estudos Superiores de Tefé
Coordenação do Curso de Letras

Reitor	André Luiz Nunes Zogahib
Vice-Reitora	Kátia do Nascimento Couceiro
Pró-Reitor da PROESP	Roberto Sanches Mubarak
Pró-Reitor da PROGRAD	Fábio Carmo Plácido Santos
Diretor do CEST	Yomarley Lopes Holanda
Coordenação de Qualidade	Monica Dias de Araújo
Coordenador do Curso de Letras	Maria Ozana Lima de Arruda

Endereço da Reitoria (sede administrativa):
Av. Djalma Batista, 3578 – Flores.
Manaus. Amazonas. Brasil.
CEP.: 69050-010.

Endereço do Centro de Estudos Superiores de Tefé:
Estrada do Bexiga, nº 1085, Juruá.
Tefé. Amazonas. Brasil.
CEP.: 69552-315.

editoraUEA

Isolda Prado de Negreiros Nogueira Horstman
Diretora

Maria do Perpétuo Socorro Monteiro de Freitas
Gerente

Wesley Sá
Editor Executivo

Raquel Maciel
Produtora Editorial

Isolda Prado de Negreiros Nogueira Horstman (Presidente)

Allison Marcos Leão da Silva

Almir Cunha da Graça Neto

Erivaldo Cavalcanti e Silva Filho

Jair Max Furtunato Maia

Jucimar Maia da Silva Júnior

Manoel Luiz Neto

Mário Marques Trilha Neto

Silvia Regina Sampaio Freitas

Conselho Editorial da editoraUEA



Endereço da editoraUEA:
Avenida Djalma Batista, 3578, Flores.
Manaus. Amazonas. Brasil.
CEP.: 69050-010.

Contato:
E-mail:
editora@uea.edu.br
Fone:
+55 092 99205-8858

REVISTA FIOS DE LETRAS

Centro de Estudos Superiores de Tefé
Colegiado do Curso de Letras

Endereço:
Estrada do Bexiga, nº 1085, Juruá.
Tefé, Amazonas, Brasil.
CEP.: 69552-315.

Contato:
E-mail:
revista.fiosdeletras@uea.edu.br

Suporte técnico:
kazevedo@uea.edu.br

Organização do Vol. 02, N° 04 (Jan-Jun/2025):

Me. Renato Régis Barroso
Universidade do Estado do Amazonas
Dra. Rita de Cássia Fraga Machado
Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade do Estado do Amazonas

Projeto gráfico, capa e diagramação:
Kenedi Santos Azevedo

Revista Eletrônica publicada digitalmente em junho de 2025

Revista Fios de Letras - vol. 02, nº 04, (Jan-Jun/2025) -. Tefé/AM: EditoraUEA, 2025.

Semesmestral

ISSN eletrônico: 2966-0130

DOI: <https://doi.org/10.59666/fiosdeletras>

1. Letras - Periódicos; 2. Linguística; 3. Artes; 4. Literaturas de Língua Portuguesa; 5. Literatura Comparada; 6. Análise do Discurso



COMISSÃO EDITORIAL

Editora Chefe

Dra. Maria Ozana Lima de Arruda. Universidade do Estado do Amazonas. Brasil.



<https://ror.org/04j5z3x06>



<http://lattes.cnpq.br/5483160509504868>



<https://orcid.org/0000-0002-3017-3151>

Editor Gerente

Dr. Kenedi Santos Azevedo. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Brasil



<https://ror.org/03490as77>



<http://lattes.cnpq.br/9855078383230746>



<https://orcid.org/0000-0001-6795-4616>

Editor da área de Linguística

Me. Manoel Domingos de Castro Oliveira. Universidade do Estado do Amazonas. Brasil.



<https://ror.org/04j5z3x06>



<http://lattes.cnpq.br/5332003288110141>



<https://orcid.org/0000-0001-5545-5625>

Editora da área de Literatura

Dra. Núbia Litaiff Schwamborn. Universidade do Estado do Amazonas. Brasil.



<https://ror.org/04j5z3x06>



<http://lattes.cnpq.br/5486560823049231>

Comitê Avaliativo e de Revisão

Dra. Monica Dias de Araújo. Universidade do Estado do Amazonas. Brasil.



<https://ror.org/04j5z3x06>



<http://lattes.cnpq.br/5538217836402363>

Dra. Fátima Castro Amorim Moraes. Universidade do Estado do Amazonas. Brasil.



<https://ror.org/04j5z3x06>



<http://lattes.cnpq.br/4774134259703699>

Me. Teresinha de Jesus Costa. Universidade do Estado do Amazonas. Brasil.



<https://ror.org/04j5z3x06>



<http://lattes.cnpq.br/9201296495966758>

Dra. Roseanny Melo de Brito. Universidade Federal do Amazonas. Brasil.



<https://ror.org/02263ky35>



<http://lattes.cnpq.br/7331221850716989>



<https://orcid.org/0000-0002-1533-3655>

Esp. Rosineide Rodrigues Monteiro. Universidade do Estado do Amazonas. Brasil.



<https://ror.org/04j5z3xo6>

<http://lattes.cnpq.br/4151776187258374>

Conselho Editorial

Estudos Literários:

Dra. Carmen Lúcia Tindó Secco.

Universidade Federal do Rio de Janeiro. Brasil



<https://ror.org/0349oas77>

<http://lattes.cnpq.br/1817695469772873>



<https://orcid.org/0000-0002-6649-2971>

Dr. Dennys Silva-Reis.

Universidade Federal do Acre. Brasil



<https://ror.org/05hag2y10>

<http://lattes.cnpq.br/4218236447751518>



<https://orcid.org/0000-0002-6316-9802>

Dr. Flavio García.

Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Brasil



<https://ror.org/0198v2949>

<http://lattes.cnpq.br/4242057381476599>



<https://orcid.org/0000-0003-0761-8092>

Dr. Gabriel Albuquerque.

Universidade Federal do Amazonas. Brasil



<https://ror.org/02263ky35>

<http://lattes.cnpq.br/0632488092860482>



<https://orcid.org/0000-0001-8982-2948>

Dra. Germana Sales.

Universidade Federal do Pará. Brasil



<https://ror.org/03q9sr818>

<http://lattes.cnpq.br/8723885160615840>



<https://orcid.org/0000-0002-2120-7364>

Dra. Luciene Almeida de Azevedo.

Universidade Federal da Bahia. Brasil



<https://ror.org/03k3p7647>

<http://lattes.cnpq.br/2783013091209078>



<https://orcid.org/0000-0002-0224-6034>

Dr. Rauer Ribeiro Rodrigues.

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Brasil



<https://ror.org/0366d2847>

<http://lattes.cnpq.br/0639290942591728>



<https://orcid.org/0000-0002-3045-1879>

Dra. Renata Beatriz Brandespin Rolon.

Universidade do Estado do Amazonas. Brasil

 <https://ror.org/04j5z3x06>
 <http://lattes.cnpq.br/4985813714235077>
 <https://orcid.org/0000-0002-3880-7163>

Dra. Rita Barbosa de Oliveira.

Universidade Federal do Amazonas. Brasil

 <https://ror.org/02263ky35>
 <http://lattes.cnpq.br/2602637105704791>
 <https://orcid.org/0000-0001-6817-5569>

Dra. Shirley de Souza Gomes Carreira.

Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Brasil

 <https://ror.org/0198v2949>
 <http://lattes.cnpq.br/7147623689731561>
 <https://orcid.org/0000-0002-8787-8283>

Dr. Silvio Renato Jorge.

Universidade Federal Fluminense. Brasil

 <https://ror.org/02rjhbb08>
 <http://lattes.cnpq.br/3744848219239914>
 <https://orcid.org/0000-0002-6784-9960>

Estudos Linguísticos:

Dra. Alana Driziê Gonzatti dos Santos.

Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Brasil

 <https://ror.org/04wn09761>
 <http://lattes.cnpq.br/2631544473226058>
 <https://orcid.org/0000-0002-9308-6303>

Dra. Aline da Cruz.

Universidade Federal de Goiás. Brasil

 <https://ror.org/0039d5757>
 <http://lattes.cnpq.br/4931264307365579>
 <https://orcid.org/0000-0003-0448-3137>

Dra. Ilza Galvão Cutrim.

Universidade Federal do Maranhão. Brasil

 <https://ror.org/043fhe951>
 <http://lattes.cnpq.br/6628313480144303>
 <https://orcid.org/0000-0003-2091-4814>

Dra. Juciane dos Santos Cavalheiro.

Universidade do Estado do Amazonas. Brasil

 <https://ror.org/04j5z3x06>
 <http://lattes.cnpq.br/8629828786064536>
 <https://orcid.org/0000-0002-5845-8079>

Dra. Raynice Geraldine Pereira da Silva

Universidade Federal do Amazonas. Brasil



<https://ror.org/02263ky35>



<http://lattes.cnpq.br/6871299150014070>



<https://orcid.org/0000-0002-8890-7613>

Dr. Thiago Laurentino de Oliveira.

Universidade Federal do Rio de Janeiro. Brasil



<https://ror.org/03490as77>



<http://lattes.cnpq.br/4470317184826146>



<https://orcid.org/0000-0002-9537-5264>

Estudos Clássicos:

Dr. Carlos Renato R. de Jesus.

Universidade do Estado do Amazonas. Brasil



<https://ror.org/04j5z3x06>



<http://lattes.cnpq.br/0790502180741262>



<https://orcid.org/0000-0001-9642-5924>

Dr. Fábio Fortes.

Universidade Federal de Juiz de Fora. Brasil



<https://ror.org/04yqw9c44>



<http://lattes.cnpq.br/5854856000021815>



<https://orcid.org/0000-0003-4411-7115>

Dr. Francisco Edi Sousa.

Universidade Federal do Ceará. Brasil



<https://ror.org/03srtnf24>



<http://lattes.cnpq.br/5232866346013249>

Dr. Paulo Martins.

Universidade de São Paulo. Brasil



<https://ror.org/036rp1748>



<http://lattes.cnpq.br/2851759456379474>



<https://orcid.org/0000-0002-2321-1033>

Membros do Conselho no Exterior:

Dra. Annabela Rita.

Universidade de Lisboa. Portugal



<https://ror.org/01c27hj86>



<http://lattes.cnpq.br/7129933229775554>



<https://www.cienciavitae.pt/9313-DC1B-A42D>



<https://orcid.org/0000-0002-1541-3006>

Dra. Anna M. Klobucka.

University of Massachusetts. Estados Unidos da América



<https://ror.org/03hamhx47>



<https://www.cienciavitae.pt/portal/E61D-D158-9BE9>



<https://orcid.org/0000-0003-1277-4073>

Dr. Antonio Jesus Gil González.

Universidade de Santiago de Compostela. Espanha



<https://ror.org/03oeybx10>



<https://cvn.fecyt.es/editor/cvnOnline/0000-0003-2260-6436>



<https://orcid.org/0000-0003-2260-6436>

Dr. Jerónimo Pizarro.

Universidad de los Andes. Colômbia



<https://ror.org/02h1bx27>



<http://lattes.cnpq.br/5521117545082606>



<https://www.cienciavitae.pt/portal/5512-7DCC-B6BF>



<https://orcid.org/0000-0002-9688-9830>

Dr. Maged Tallad Mohamed Ahmed Elgebaly.

Aswan University. Egito



<https://ror.org/048qnr849>



<http://lattes.cnpq.br/7077226875372610>



<https://www.cienciavitae.pt/portal/241B-oD95-Co9A>



<https://orcid.org/0000-0002-4572-4526>

Dra. Pia Paganelli.

Universidade de Buenos Aires. Argentina



<https://ror.org/0081fs513>



<http://lattes.cnpq.br/9149881179971251>



<https://orcid.org/0000-0001-7923-1642>

Pareceristas do Vol. 02, N° 04 (Jan-Jun/2025)

Lucelene Teresinha Franceschini

Universidade Estadual do Paraná. Brasil.

Renato Régis Barroso.

Universidade do Estado do Amazonas. Brasil

Roseanny Melo de Brito.

Universidade do Estado do Amazonas. Brasil

Denise de Souza Carneiro.

Universidade Federal do Oeste do Pará. Brasil

Marcondes Cabral de Abreu.

Universidade Estadual de Campinas. Brasil

Chandra Wood Viegas.

Universidade de Brasília. Brasil

Kenedi Santos Azevedo.

Universidade do Estado do Amazonas. Brasil

Mikael de Souza Frota.

Universidade do Estado do Amazonas. Brasil

Valdinei Tibúrcio de Lima.

Universidade Federal do Amazonas. Brasil

Odenildo Queiroz de Sousa.

Universidade Federal do Oeste do Pará. Brasil

Apresentação

Teoria *Queer*: da Linguística à Literatura

Sob a luz torta do que é dito “desvio”, nesta edição, preferimos o salto, o rasgo e o rebolado. Com o tema “Teoria Queer: da Linguística à Literatura”, lançamos um dossiê que não apenas estuda, mas performativiza - rasura as normas, coreografa as palavras e inscreve dissidências no tecido da linguagem e da arte.

A metáfora do “salto e do rebolado” dialoga com o que Judith Butler (1990) aponta como performatividade de gênero: não como essência, mas como repetição estilizada de atos que podem ser reapropriados, desfeitos e reinventados. A teoria queer nos convida a esse desvio, não como erro, mas como estética da fratura - o que Preciado (2014) chamaria de “corpo hackeado”, onde a linguagem é também prótese e insurgência.

Organizada pelo Prof. Me. Renato Régis Barroso (UEA) e pela Profa. Dra. Rita de Cássia Fraga Machado (PPGED-UEA), esta edição é uma parada polifônica onde os corpos e os textos se entrelaçam em uma escrita que desbina, desmonta e propõe novos modos de existir no discurso - em consonância com o conceito de heteroglossia de Bakhtin (2003), aqui reconfigurado por uma escuta queer, que tensiona os sentidos dominantes da linguagem e revela os múltiplos timbres de vozes silenciadas.

No Dossiê Temático, investigamos as presenças lésbicas e trans na Antiguidade Romana, os embates políticos da linguagem neutra no Brasil contemporâneo, os afetos clandestinos e as dominações simbólicas nas relações lésbicas desfem, além da abordagem crítica de gênero na literatura infantil - tudo sob o pano de fundo das epistemologias dissidentes, decoloniais e afetivas. É o que Audre Lorde (1984) nos ensinou: a palavra pode ser arma e cura, e a escrita é também um lugar de sobrevivência.

Essa escrita queer, híbrida e afetiva encontra amparo em autoras como Eve Kosofsky Sedgwick (1990), que desconstrói os binarismos fálicos da crítica literária tradicional, propondo uma leitura que acolhe os excessos, os silêncios e as potências eróticas do texto. Também ecoa nos trabalhos de Rodrigo Borba (2019), que nos alerta para os modos como o gênero é construído interacionalmente e linguisticamente, e de Richard Miskolci, que propõe uma sociologia das margens, onde a diferença não é objeto de correção, mas de celebração.

Na seção Temas Livres, uma travessia poética de corpo e existência encarna a escrita como resistência e deslocamento - como diria Jean Wyllys, a escrita queer é um gesto de sobrevivência política. Em *Vária*, seguimos nos abismos narrativos, nas nuances do ensino de gramática crítica e nos encontros entre o latim e o português - desvelando, inclusive na norma, seus próprios desvios, como propõe Rodrigo Borba ao defender uma linguística queer que desafia os regimes de normalização gramatical.

Esta não é apenas uma edição; é uma convocação à escuta de vozes historicamente caladas, à leitura de corpos que gritam através dos textos, à abertura dos olhos para o que não cabe nas margens da cisnorma, da heteronorma ou do colonialismo linguístico - como propõe Maria Clara Araújo, ao pensar gênero, raça e linguagem como sistemas interdependentes de opressão e resistência.

Seja bem-vinde a esta travessia - onde cada artigo é um feitiço, cada verso uma navalha, cada parágrafo um corpo em fuga, como diriam Ventura Profana ou Jota Mombaça: não é só teoria, é sobrevivência, grito e reencantamento do mundo por meio da palavra dissidente.

Referências

- ARAÚJO, Maria Clara. *Travestis, gênero, raça e linguagem*. Diversidade e Educação, 2021.
- BAKHTIN, Mikhail. *A estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BUTLER, Judith. *Gender Trouble*. Routledge, 1990.
- BORBA, Rodrigo. *Linguistic activism: Language, queer theory and social transformation*. In: *Language and Sexuality*, 2019.
- LORD, Audre. *Sister Outsider*. Crossing Press, 1984.
- MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- MOMBAÇA, Jota. *Não vão nos matar agora*. Revista Rosa, 2019.
- PRECIADO, Paul B. *Manifesto contrassexual*. São Paulo: n-1 edições, 2014.
- SEDGWICK, Eve Kosofsky. *Epistemology of the Closet*. University of California Press, 1990.
- VENTURA PROFANA. *Performances e entrevistas*. Disponível em: <https://www.instagram.com/venturaprofana/> e <https://www.youtube.com/@VenturaProfana>. Acesso em: 15 jul. 2025.
- WYLLYS, Jean. *Tempo bom, tempo ruim: identidade, políticas e afetos*. Civilização Brasileira, 2014.

Organização:

Prof. Me. Renato Régis Barroso (UEA)

Profa. Dra. Rita de Cássia Fraga Machado (PPGED-UEA)

Vol. 02, **Nº 04** (2025)
ISSN: 2966-0130

REVISTA FIOS DE **LETRAS**

LESBIANIDADE E TRANSEXUALIDADE FEMININA NA
ANTIGUIDADE ROMANA

Weberson Fernandes Grizoste



editora
UEA



UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS



Lesbianidade e transexualidade feminina na antiguidade romana

2

Lesbianity and female transsexuality in roman antiquity

Weberson Fernandes Grizoste¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3509-6885>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9595958464572167>

E-mail: wgrizoste@uea.edu.br

Resumo: Este estudo trata da lesbianidade e da transexualidade feminina na literatura da antiguidade clássica latina, resguardando sempre os anacronismos óbvios dos termos. Em grande parte, é um recorte adaptado, e ampliado, para uma investigação destes assuntos, sobretudo do tópico “A relação sexual entre mulheres” de uma pesquisa de pós-doutorado, ainda inédita, e intitulada “A linguagem desbragada e obscena na poesia latina”. Por isso, muito do que aqui se discute gira em torno das palavras de baixo-calão e alguns parágrafos estão harmonicamente ligados à investigação supracitada acerca das obscenidades e da linguagem desbragada em Roma. Entretanto, para esta ocasião buscamos compreender como os principais poetas latinos compreenderam sistematicamente a lesbianidade e a transexualidade feminina, quer nos mitos, quer na vida social romana. Aqui, nota-se que apesar do homoerotismo ser um tópos literário bastante frequente e preferido dos poetas romanos, a relação sexual entre mulheres e a mudança de gênero são temas escassos – a transexualidade é um tema preferido dos mitos, a lesbianidade um tema social de menor interesse.

Palavras-chave: lesbianidade; transexualidade; obscenidade; antiguidade.

Abstract: This study deals with lesbianity and female transsexuality in the literature of classical Latin antiquity, always considering the obvious anachronisms of the terms. Mostly, it is an adapted and expanded excerpt for an investigation of these subjects, especially the topic “Sexual relations between women” from post-doctoral research, still unpublished, and entitled “Unbridled and obscene language in Latin poetry”. Therefore, much of what is discussed here revolves around profanity and some paragraphs are harmoniously linked to the investigation into obscenities and foul language in Rome. However, for this occasion we seek to understand how the main Latin poets systematically understood lesbianity and female transsexuality, both in myths and in Roman social life. Here, it is noted that despite homoeroticism being a very frequent and preferred literary topic of Roman poets, sexual relations between women and gender change are rare themes – transsexuality is a preferred theme of myths, lesbianity a social theme of lesser interest.

Keywords: lesbianity; transsexuality; obscenity; antiquity.

¹ Possui graduação em Letras (Português e Inglês) pela Universidade do Estado de Mato Grosso (2006), mestrado em Poética e Hermenêutica pela Universidade de Coimbra (2009) e doutorado em Poética e Hermenêutica pela Universidade de Coimbra (2014), fez estágio pós doutoral na Universidade Estadual Paulista (2020) desenvolvendo o projeto intitulado “A linguagem desbragada e obscena na poesia latina”. É professor adjunto de Latim e Estudos Clássicos da Universidade do Estado do Amazonas. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Latim e Literatura Latina, atuando principalmente nos seguintes temas: Virgílio; Gonçalves Dias; Indianismo; Recepção dos Clássicos; Relações Interpoéticas; Poesia Épica; Sexualidade; Obscenidade; Catulo; Marcial; Etimologia; Linguística Comparada.

Introdução

Em latim, os nominativos *amor* e *Roma* **são anagramas**. Por conseguinte, o amor encontra-se no cerne e nas raízes do povo romano. Eneias, fundador da estirpe romana, era filho de Vênus, deusa do amor e do prazer. Um irmão de Eneias e filho da mesma deusa é o Cupido, o deus menino alado do amor sensual e físico, a quem os gregos chamavam Eros. A imagem do Cupido, de menino inocente desferindo setas de seu arco de maneira inconsequente, fez Propércio questionar: *quicumque ille fuit, puerum qui pinxit Amorem | nonne putas miras hunc habuisse manus?* (“quem quer que seja o pintor do Amor criança, | não tem as suas mãos maravilhosas?”, 2.12.1-2). Neste episódio, entre outras questões, Propércio refletia a falta de bom senso dos amantes e a maneira sumária como o amor se inflama ao golpe certo de uma seta imprudente (Grizoste, 2020, 98). Alguns poetas, tomando o mesmo passo, declararam que **não havia distinção sobre o sexo da pessoa capaz de inflamar amor a um homem viril** – mulheres e homens efeminados são de uma mesma atração. Como já observamos anteriormente (Grizoste, 2020, 93-94), Lucrécio, na primeira metade do século I a.C, explanou esta cegueira do amor relativamente ao gênero sexual do objeto da paixão:

*sic igitur Veneris qui telis accipit ictus,
siue puer membris muliebribus hunc iaculatur
seu mulier toto iactans e corpore amorem,* (4.1052-1054)

o mesmo sucede ao que recebeu uma ferida dos dardos de Vênus,
quer lhos tenha lançado um moço de membros feminis,
quer as mulheres cujo corpo, todo ele, lança amor.

Na segunda metade do mesmo século, Horácio reafirmou o pensamento romano no *Epodos* 11 (cf. André, 2006, 198-199):

*Petti, nihil me sicut antea iuuat
scribere uersiculos amore percutsum graui,
amore, qui me praeter omnis expetit
mollibus in pueris aut in puellis urere.* (1-4)
(...)
*nunc gloriantis quamlibet mulierculam
uincere mollitia amor Lycisci me tenet;
unde expedire non amicorum queant
libera consilia nec contumeliae graues,
sed alius ardor aut puellae candidae
aut teretis pueri longam renodantis comam.* (23-28)

Ó Pétio, já me não apraz, como antes,

escrever versinhos, golpeado pela força do amor,
pelo amor, sim, que mais que a todos me procura
inflamar por doces rapazes ou por meninas.

(...)

Agora, possui-me o amor por Licisto, que se orgulha de vencer
em meiguice qualquer mulherzinha;
daí não serão capazes de me afastar os conselhos licenciosos
dos amigos, nem a força de injúrias,
mas apenas outra paixão ou por uma moça formosa
ou por um rapaz bem feito, de longos cabelos soltos.

Entretanto, não é verdade que os romanos percebiam de forma completamente indulgente a relação sexual entre pessoas de mesmo sexo (D’Onofrio, 1968, 142-143). É fato que não a viam como um problema à parte (Veyne, 2008, 229). Em Roma, ao contrário da Grécia, o sexo não tinha nenhum aspecto iniciático ou educacional, principalmente após a *Lex Scantinia* (Johnson e Ryan, 2005, 9; Richlin, 1993, 530; Cantarella, 2017, 23). Ao contrário, entre os Romanos a pederastia com os adolescentes livres não era tolerada e estava proibida desde a referida lei de 149 a.C., que protegia o adolescente contra o *stuprum* (Grizoste, 2020, 62). Além disso havia “um desprezo colossal pelo homem adulto e livre que fosse um homófilo passivo, ou como se dizia em Roma, *impudicus*” (Veyne, 2008, 234), entretanto, também se sabe que havia uma classe aceite de homens passivos, bem como um considerável número – registrado nas fontes históricas – de alegados bissexuais (Sullivan 1991, 186). Dessa forma, o homoerotismo, ignorando a feição social da realidade romana, foi um tópos literário, um tema bastante frequente e preferido de certos poetas como Tibulo, Catulo, Horácio e Marcial.

Por outro lado, a lesbianidade e a transexualidade, resguardando sempre o anacronismo óbvio dos termos, são bastante escassos na literatura latina. Quanto a escassez de fontes literárias da relação sexual entre mulheres, para Cuatrecasas (1997, 82), “a razão deve ser procurada, talvez, na pouca importância que se dava à mulher na Antiguidade como elemento sexual ativo”, afirmação que coincide com Cantarella (2017, 107). Quanto a escassez de fontes literárias sobre a mudança de gênero na antiguidade partimos de igual pressuposto de Cuatrecasas e Cantarella para o caso das mulheres, e ao inverso, para o caso dos homens sexualmente passivos, pelo fato de renunciarem ao direito de serem ativos, tornando-se *impudicus*. Diferente da pederastia, o amor entre mulheres não era um instrumento de formação cidadã, e portanto, não interessava à cidade e consequentemente à poesia.

1. A lesbianidade

Iniciamos este tópico com uma advertência: tudo o que sabemos sobre a lesbianidade na cidade de Roma chegou-nos escrito por mãos de homens.



<https://doi.org/10.59666/fiosdeletras.v2i04.4450>



<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

No contexto social romano da antiguidade, os homens que atraíam outros homens eram os melhores, os únicos capazes de lidar com os assuntos públicos, precisamente por amarem o que lhes são semelhantes, alcançam a plenitude do ser. Já, as mulheres que atraíam outras mulheres, ao contrário, são as tríbades. Como observa Cantarella (2017, 125), trata-se de uma palavra densa de significado inquietante: as tríbades eram mulheres selvagens, incontroláveis e perigosa. Portanto, a relação sexual entre duas mulheres, ao contrário da relação entre dois homens, era contra a natureza. Encontraremos nas *Metamorfoses* de Ovídio (9.666-797) uma mulher caída em amores por outra mulher lamentando a qualidade antinatural do seu amor (Cantarella, 2017, 214). Para além de ser contra a natureza, também era considerado um crime e podia enquadrar-se na lei do adultério. Sêneca (*Controvérsias* 1.2.23) dá-nos pelo menos uma referência de uma mulher acusada pelo marido e condenada por adultério numa relação com outra mulher. Entretanto, ao menos alguns séculos mais tarde, houve quem defendesse a equidade das relações sociais: Pseudo-Luciano (*Amores* 28) considerava que, se a relação sexual entre homens era permitida, o mesmo se devia aplicar às mulheres. Ao mesmo instante, a sua opinião é paradoxal. Luciano é adepto do matrimônio e condena a homossexualidade masculina; no entanto, diz que quem é adepto da relação entre homens, para ser coerente, tem de permitir o mesmo às mulheres (Cantarella, 2017, 216-217; Jope, 2011, *passim*).

Não existe a mesma aceitação no comportamento homossexual entre mulheres. Marcial ataca com grande animosidade qualquer forma de tribadismo, de prática de lesbianidade (Sullivan 1991, 186-187). As mulheres ricas, imperiosas e ameaçadoras, comumente aparecem em epigramas dessa natureza (Mart. 6.23, 10.55, 12.97) e são ofuscadas pela representação dramática da mulher fálica, figura que ocorre proeminentemente nos romancistas romanos (Quartilla, Circe, Palaestra, Fotis) e nos satiristas (Juv. 6.246, 419). Esse é um tipo de mulher que destrói o ego e a potência sexual masculina, pois deseja subjugar e controlar o homem de forma agressiva. Apesar disso, Marcial é um dos poucos poetas romanos a mencionar a lesbianidade (Richlin, 1992, 134; cf. Richlin, 1993, 533).

No entanto, há uma aparente confusão de lesbianidade com identidade de gênero em Marcial. No epigrama 1.90 o poeta emprega um termo específico aos homens para uma mulher: *fututor*. Bassa, *fututor eras* (v. 6), literalmente, “Bassa, eras o fodedor”. O poeta revelara aqui que nunca encontrava Bassa rodeada de homens, nem jamais escutara rumores de um suposto amante, mas que, ao contrário, estava sempre rodeada de mulheres. A queixa do poeta é que, embora passasse a imagem de uma Lucrécia² – isto é, de uma mulher casta e virtuosa –, Bassa era na realidade um *fututor*:

² Lucrécia, esposa de Tarquínio Colatino, foi violada pelo filho de Tarquínio Soberbo, rei etrusco que dominava Roma. Depois de relatar o ultraje ao marido e ao pai suicidou-se, para não sobreviver o opróbrio (vd. Oliveira, 1990, 28-29).

*at tu, pro facinus, Bassa, fututor eras.
Inter se geminos audes committere cunnos
mentiturque uirum prodigiosa Venus.
Commenta es dignum Thebano aenigmate monstrum,
hic ubi uir non est, ut sit adulterium. (v.6-10)*

mas, ó desgraça, eras tu, Bassa, o fodedor.
Ousas unir entre si duas bocetas,
e a Vênus prodigiosa é fingido o varão.
Ês inventada um monstro digno do enigma tebano,
aqui não há homem, embora haja adultério.

No entanto, como observa Cantarella (2017, 215), Bassa não é a única mulher dedicada a essa prática monstruosa: há outras, com comportamentos não menos repugnantes. E Filênis é, claramente, outro exemplo disso – desta falaremos no próximo tópico. Para Sullivan (1991, 187) este é um dos epigramas “mais obscenos e artificiais” contra a lesbianidade, que Marcial considera uma forma monstruosa e enigmática de adultério feminino. A um nível mais concreto, usa mesmo o termo *fututor* para aquelas mulheres que tinham o clitóris suficientemente alongado e resistente para inserção peniana, como se verifica no epigrama 3.72.6 (*aut aliquid cunni prominet ore tui*, “ou projeta alguma coisa da boca da tua boceta”), tal como se verá também na *Priapeia* 12.14 (*barbato macer eminente naso*, “macerado contra o nariz barbudo proeminente”). Adams (1982, 97) recorda que o clitóris de tamanho excessivo era um tópico de injúria contra as *tribades*, que julgavam poder usar o clitóris como um homem usava a *mentula*.

Para Sullivan (1991, 188), a indignação crescente de Marcial contra a lesbianidade decorre do medo e do ódio às mulheres lésbicas, e é coerente com sua visão hierárquica de sociedade. E isto não significa que Marcial fosse tolerante com toda a gama de comportamento homossexual masculino. Sua aprovação, de fato, refere-se predominantemente ao comportamento pederástico ativo, geralmente com formosos jovens escravos ou ex-escravos. Para Cantarella (2017, 218), o homem romano imaginava a relação sexual entre mulheres de uma forma não natural e quase como uma caricatura da relação heterossexual. A relação entre mulheres poderia significar uma tentativa de substituir o homem, e uma tentativa derivada da relação homossexual, de maneira não natural, pois o prazer era um dom que só podia ser conferido pelo homem. Por isso Marcial no epigrama 7.67 diz que Filênis tenta demonstrar seu poder sexual a todo custo: no fim, dirá que ela penetra garotos, não satisfeita com doze virgens num só dia.

A mulher romana tinha apenas um status e não a função de cidadã; não podia participar do poder legislativo ou das decisões judiciárias, não podia ser magistrada; em suma, estavam-lhe vedadas todas as tarefas consideradas masculinas. Mesmo quando eram admitidas na vida social da cidade, havia certas restrições. Nos banquetes, por exemplo,

eram admitidas até certo ponto, durante a segunda parte da festa (*secundae mensae*), e o vinho só era servido quando elas já tinham abandonado o recinto. As boas mulheres não deviam beber pois o vinho rouba o auto controle, e as mulheres não podiam jamais perder o controle de si. Não à toa Ovídio (*Ars* 1.237-246) aconselhará o vinho desde que bebido em justa medida. Apesar das proibições, isto não significava que as mulheres não bebessem separadamente. Cantarella (2017, 212) recorda que, no *Satiricon* de Petrônio, durante o banquete na casa de Trimalquião, sua esposa Fortunata e Cintila, esposa de Habinas, estão rindo e levemente embriagadas, beijando-se enquanto falam de seus afazeres domésticos e seus maridos, que estão se divertindo do lado de fora e negligenciando o que estava acontecendo aí. A relação homossexual não é explícita, mas pode desprender-se das palavras de Petrônio. Não se deve deixar de lembrar que Fortunata é uma ex-prostituta e que tais mulheres são suspeitas de homossexualidade (Petr. *Satyr.* 67). No ponto de vista de Cantarella (2017, 219), eram mulheres que rejeitavam o regulamento fundamental da relação entre os sexos, o regulamento da natureza que deu ao homem o poder do domínio sexual, não só sobre a mulher, mas também sobre outro homem: homens inferiores, como os escravos; homens odiados, como os inimigos; homens desprezados, como os passivos.

2. A transexualidade

As fontes literárias que lidam com a transexualidade são ainda mais escassas que o tema que tratávamos acima. Pesa ainda o fato que estas fontes se dividem em dois grupos: aqueles em que um homem passa a viver como mulher e aqueles em que uma mulher passa a viver como um homem. Este segundo grupo é quase inexistente na literatura, pelo que este tópico intitular-se-ia facilmente “viver como mulher”.

Na raiz da “transexualidade” encontramos o prefixo latino *trans*, que exprime a ideia de “além de, para além de, em troca de, através e para trás”. Logo, o transexual é o sujeito que transita por entre os sexos, não se identificando com o gênero identificado durante o seu nascimento a partir de seu sexo biológico. “A identidade de gênero pode ser completamente ou parcialmente oposta ao sexo biológico de nascimento” (Lopes, 2017, 47). Neste aspecto, destacam-se os mitos de Tirésias, Cenis ou Ceneu, Ífis, Hermafrodito e Afrodito. E, antes de entrarmos completamente no tópico, é forçoso repetir o anacronismo do termo e destacar que não podemos confundir a transexualidade com a emasculação – bastante frequente no caso dos eunucos.

Um dos mitos mais emblemáticos de transexualidade feminina é o mito de Ceneu. Nascida Cênis, filha de Lápitia Élato, foi transformada por Netuno num homem invulnerável, como compensação por ter sido violada pelo deus (Ov. *Met.* 12.189-209). De fato, a primeira referência a Cênis/Ceneu no *Metamorfoses* de Ovídio está no livro 8: *et iam non femina Caeneus*, “e Ceneu que já não era mulher” (v.305). Ou seja, a

primeira característica, como uma sombra de seu passado, mas que anda à sua frente e que o identifica é o de ter sido transicionado, até porque quase nada mais é dito aqui. Aqui, Ceneu é apenas um entre os homens sedentos de glória, reunidos por Meleagro, para caçar um javali maior que um touro que deambulava, por ordem de Ceres, causando grandes prejuízos pelos campos de Eneu.

Mais adiante, no livro 12. 168-188, Nestor revela ter visto Ceneu sofrer mil golpes e sair de corpo ileso; e logo a seguir, revela que o fato mais admirável nele, para ele, é que este homem nascera mulher: *quoque id mirum magis esset in illo, | femina natus erat.* ', "e o caso mais espantoso nele é que | ele nascera mulher" (vv. 174-175). O passado de Ceneu é uma sombra que não o abandona, jamais. Aquiles interroga a Nestor: *quis fuerit Caeneus, cur in contraria uersus*, "quem foi esse tal Ceneu, porque mudou de sexo" (v.189), e entre outras coisas, em que expedição Nestor o teria conhecido, a quem Ceneu teria derrotado, e se por acaso, alguém o tinha derrotado.

Nestor revela que Cênis era a jovem mais formosa da Tessália. Em vão, pretendentes ansiavam e suspiravam por ela, pelo que jamais contraiu matrimônio. Um dia, caminhava numa praia recôndita, quando foi violada por Netuno. O deus do mar, depois de desflorar a virgem, ofereceu-lhe uma proposta: podia conceder-lhe, sem direito de recusa, o pedido que lhe fizesse. Cênis pediu para deixar de ser mulher e que jamais sofresse o que tinha sofrido. Netuno transformou-a em homem e concedera-lhe algo mais: que jamais pudesse ser ferida por golpe algum, ou que jamais perecesse pelo ferro. Desde então, Ceneu passou a vida em Átrax, em ocupações masculinas (*studiisque uirilibus aeuum* v.208).

Na batalha entre os Lápitas e os Centauros, após Ceneu executar cinco deles (Estífele, Bromo, Antímaco, Élimo e Piracmo), o centauro Latreu lançou-se sobre ele em duelo, e as palavras desferidas antes da luta são bastante sintomáticas para um leitor moderno:

*"et te, Caeni, feram? nam tu mihi femina semper,
tu mihi Caenis eris. nec te natalis origo
commonuit, mentemque subit, quo praemia facto
quaque uiri falsam speciem mercede pararis?"* (vv. 470-473).

"também tenho de te tolerar, Cênis? Pois tu para mim serás sempre mulher, tu serás para mim Cênis. Não te lembras tua origem de nascimento, não te vem à mente porque fato foste recompensada a que preço obtiveste essa falsa forma de homem?"

Além de não reconhecer a transição de Ceneu, Latreu insiste para que ele tome mão das coisas próprias de mulher, a roca e os cestos com lã para coser-lhes os fios, deixando a guerra para os homens. A batalha acaba melhor para Ceneu que feriu mortalmente a Latreu. No entanto, vencido o duelo, os outros centauros atacaram-no violentamente,

enquanto o centauro Mônico insiste em continuar escavando o passado feminino de Ceneu, exclamando atônito pela tremenda desonra de serem derrotados por um “não homem”: “*populus superamur ab uno | uixque uiro; quamquam ille uir est, nos seignibus actis, | quod fuit ille, sumus*”. “um só, e nem bem um homem, vence um povo inteiro; mas ele é, de fato, homem, pela ação débil somos, afinal, o que ele já foi” (vv. 499-501). O verso 506 traz para Ceneu mais um adjetivo depreciativo, *semimari*, isto é, “semi-macho”. Em toda *Metamorfoses*, Ceneu não tem sua condição de homem reconhecida; apesar da valentia, o gênero atribuído pelo sexo de nascimento é uma sombra que está, a todo momento, à sua frente.

Outro exemplo nos mitos é o caso de Ífis, filha de Ligdo e Teletusa (Ov. Met. 688-197)³. Estando Teletusa gestante e perto de dar à luz, Ligdo fez votos por duas coisas: o mínimo de dores no parto e que nascesse um rapaz, e ordenou que se nascesse uma menina, fosse morta. Como observa Lopes (2017, 58), “Em muitas sociedades antigas (e algumas contemporâneas) o infanticídio era aceitável, tanto de bebês que apre sentassem anormalidades, quanto do sexo feminino, mesmo sem anomalias”.

Teletusa era devota de Ísis, e a deusa apareceu-lhe em sonhos para ordenar que ela não cumprisse as ordens do esposo. Sem que Ligdo soubesse, Teletusa deu à luz a uma menina. A mãe mentiu dizendo-o um rapaz e só a ama sabia do logro. Então, Ligdo atribuiu-lhe o nome do avô, Ífis. Teletusa alegrou-se, pois o nome era igual nos dois gêneros e assim não enganaria a ninguém. Ao contrário de Cênis, que até a idade adulta se mostrava como mulher, Ífis nascera, fora criada e se mostrava como menino até a idade adulta. Como bem declara Lopes (2017, 59), “utilizando o termo contemporâneo, sua identidade de gênero sempre foi masculina”. Ífis trajava-se como rapaz e seu rosto podia ser tanto de moça quanto de rapaz. Aos treze anos, Ífis foi prometido pelo pai à loira Iante, filha de Telestes do Dicte, a donzela mais admirada pela beleza entre os Féstios, também da mesma idade. A paixão tocou o peito de ambas, mas as expectativas eram distintas: Iante ansiava pelas bodas e acredita que será seu homem quem ela julga ser homem; Ífis amava sem esperança de a poder possuir.

Mas, Ovídio não era adepto da relação entre as pessoas do mesmo sexo⁴, e neste episódio do *Metamorfoses*, mais uma vez, deixa claro que a relação sexual entre duas fêmeas era contra a natureza.

3 A história de Ífis foi novamente relatada dois séculos depois por Antonino Liberal, gramático grego do século II, em seu livro *Metamorfoses*. A história também é ambientada em Creta, mas mudam-se todos os nomes das personagens. Ífis é Leucipo, sua mãe Galatea e seu pai Lampro. Antonino não cita o amor e o casamento com Iante e o episódio da mudança de sexo acontece no santuário da deusa Leto. Através de Antonino sabemos que a história aparecia no segundo livro das *Metamorfoses*, de Nicandro de Cólofon, poeta e prosador grego do século II a.C (cf. Lopes, 2017, 58-59).

4 No segundo livro da *Arte de Amar*, Ovídio deixa evidente a sua preferência: *odi concubitus, qui non utrumque resoluunt; | hoc est, cur pueri tangar amore minus*. (“odeio atos de amor onde não se soltam ambos os parceiros; | é por isso que o amor por um rapazinho me toca menos”, vv. 683-684).

nec uaccam uaccae, nec equas amor urit equarum:
urit oues aries, sequitur sua femina ceruum.
sic et aues coeunt, interque animalia cuncta
femina femineo conrepta cupidine nulla est (9.731-734)

O amor não queima nem a vaca de vaca, nem as éguas de éguas:
O carneiro deseja ovelhas, o veado é seguido por sua fêmea.
Assim também acasalam as aves, e entre todos os animais
Fêmea alguma é arrebatada pelo cio de outra fêmea.

Ao contrário de Lucrécio e Horácio, para Ovídio, *femina nempe marem*, “a fêmea [ama] seguramente o macho” (v.737), o resto não passa de um intercuro sexual sem prazer absoluto. Teletusa procura adiar as bodas várias vezes, ora fingindo uma doença, ora alegando presságios e sonhos; mas, esgotados todos os recursos, chegou o fatídico dia do Himeneu. Então, como último recurso Teletusa dirigiu uma prece desesperada à deusa. Ísis, com palavras milagrosas, finalmente transforma o Ífis em rapaz: *femina nuper eras, puer es!*, “eras mulher, és agora rapaz” (v. 791). Mas, após a transformação, as mesmas sombras do passado tão presentes em Ceneu, passam a seguir Ífis, num breve epigrama colocado no altar da deusa: *dona: puer: soluit: quae: femina: uouerat: iphis*. “com oferenda, Ífis, rapaz, paga voto feito quanto mulher” (v. 794).

No entanto, para Lopes (2017, 59) o amor de Ífis por Iante jamais pode ser declarado como homoerótico, e além disso, a história mostra-nos que o desejo consciente ou inconsciente dos pais pode moldar a identidade de gênero de um bebê em oposição ao seu sexo biológico. Mais ainda, para Lopes esta narrativa parece-se até com “um dos textos mais radicais dos teóricos que defendem a construção social do gênero, e até mesmo dos que defendem que a identidade de gênero possa ser adquirida”.

Em geral, o romano não distinguia a lesbianidade da transexualidade feminina. Talvez, o caso mais próximo, resguardando todas as proporções necessárias, de transexualidade encontre-se em Marcial no epigrama 7.67⁵, e ela se chama Filênis.

*Pedicat pueros tribas Philaenis
et tentigine saeuior mariti
undenas dolat in die puellas.
Harpasto quoque subligata ludit
et flauescit haphe, grauesque draucis 5
halteras facili rotat lacerto,
et putri lutulenta de palaestra
uncti uerbere uapulat magistri:
nec cenat prius aut recumbit ante
quam septem uomuit meros deunces; 10
ad quos fas sibi tunc putat redire,
cum coloephia sedecim comedit.
Post haec omnia cum libidinatur,*

5 Juvenal adaptou parte desse epigrama para a Sátira 6 (vv. 246-264, 425-433), mantendo apenas os elementos não sexuais. Noutro ponto (S. 2.47-49), uma oradora nega mesmo a existência da lesbianidade (Richlin, 1992, 134).

*non fellat – putat hoc parum uirile –
sed plane medias uorat puellas. 15
Di mentem tibi dent tuam, Philaeni,
cunnum lingere quae putas uirile.*

A sapatona Filênis enraba rapazes
e em coceira feroz mais selvagem que o marido
descasca onze meninas em um dia.
De roupas íntimas também brinca com a bola
e fica amarela com o pó, e os pesados halteres 5
para os sodomitas facilmente gira nos braços,
e coberta de lama do fétido ginásio
se entrega às pancadas do massagista untado:
não janta primeiro e nem se reclina antes
de ter vomitado sete cíatos puros, 10
direito divino que ela julga ser capaz de repetir
depois de ter comido dezessete colifias.
Depois de tudo isto, para satisfazer a luxúria,
não chupa – julga isto pouco viril –
mas, de modo fácil, devora as meninas ao meio. 15
Um deus te dê inteligência, Filênis, tu
que pensas ser viril chupar uma boceta.

A mulher que exerce um papel ativo sobre outra mulher constitui uma inversão do mundo, e para Sêneca (*Ep.* 95.21⁶) é um horror igual ao das mulheres que cavalam os homens⁷. Em geral, a homofilia romana reduziu-se a um caso típico, “a relação ativa de um adulto com um adolescente que não tem prazer com isso” (Veyne, 2008, 238). Acreditava-se que esta seria a situação geral, porque tal relação sexual desconhecia as agitações da alma e a “subserviência da paixão” (Veyne, *ibidem*). Por sua vez, o pederasta sentia prazer, e, de acordo com Veyne (2008, 231), “um pederasta não era um monstro, era simplesmente um libertino, movido pelo instinto universal do prazer. Não havia o horror sagrado ao pederasta”.

Para Sullivan (1991, 206), Filênis é acusada por Marcial de avaliar erroneamente as práticas sexuais masculinas, e o poeta escolhe ignorar suas preferências lésbicas ativas. Mas, isto não é uma conclusão que se restrinja a Marcial; nas *Epodos* 5.41-46, Horácio diz

⁶ *Libidine uero ne maribus quidem cedunt: pati natae (di illas deaeque male perdant!) adeo peruersum commentae genus impudicitiae uiros ineunt.* (“De fato, não cedem aos maridos por verdadeira lascívia: nascidas para se submeter – ó mal, que os deuses e deusas o dissipem – submetem o marido, e por isso é perverso o gênero de impudicícia inventada”).

⁷ vd. Veyne, 2008, 238; André, 2006, 174-180; Holzberg, 2000, 36. Uma vertente historiográfica interpretou esta postura sexual como passiva e submissiva (Veyne, 2009, 185; vd. Sanfelice, 2017, 312). Outras vertentes interpretaram como um controle da mulher durante o intercuro (Cavicchioli, 2014, 160-162; vd. Gibelato, 2012, 72-73; Gardesani, 2019, 93). De fato, estas últimas interpretações levam em conta, ao nosso ver, uma interpretação progressista de Ovídio (*Ars.* 2.728-729) e fazem uma crítica ao fato de Veyne (2009) ter levado em consideração apenas os relatos de Sêneca. A nossa leitura aproxima-se de André (2006, 70-74), mesmo no caso de Ovídio, há que considerar que os conselhos são dados, quase sempre, ao homem, e o ato de gerir o ato sexual é uma concessão por ele, pois Ovídio (*Ars.* 2.683-694) entende, assim como Lucrécio, que o prazer partilhado é mais agradável que o prazer cedido por dever. Qualquer que seja a interpretação, se era ou não, Ovídio um precursor da igualdade entre sexos, “é irrecusável que Ovídio sustenta, nestes passos, uma posição pouco usual e que não tem praticamente correspondência em outros autores” (p. 74). Vd. Pp. 16-20 (das preliminares)

que Fólia de Arimínio estava cheia de *masculae libidinis*, “lascívia masculina”. Voltando a Marcial, o termo *tentigo* (v. 2) é um termo tipicamente usado para ereção (masculina) e significa imoderada tumescência sexual (Adams, 1982, 103). Aliás, vê-se pelo exemplo de Filênis que as mulheres também possuíam os homens, sendo elas as ativas na relação – um de *filia* que não nos parece definido dentro da cultura clássica. Como se vê, Filênis também é casada, mas desse seu papel conjugal pouco se sabe, além de que seu apetite sexual por rapazes e moças era maior que o de seu marido.

Os romanos encaravam com desconfiança os treinos físicos e a nudez dos atletas⁸. Acreditavam que os ginásios alimentavam a homossexualidade. Aparentemente, na tentativa de reproduzir um comportamento de travesti, copiando modelos que Filênis considera masculinos, ela nos é apresentada, no ginásio, trajando apenas um *subligo* – peça que cobria apenas as partes íntimas – e erguendo halteres muito pesados, exercitando-se em ambiente pulverulento e encarando a violência dos massagistas. O próprio ginásio era um ambiente perigoso para *mulheres de bem*, como se vê no epigrama 3.68.3-4: *Gymnasium, thermas, stadium est hac parte: recede. | Exuimur: nudos parce uidere uiros*. (“O ginásio, as termas, o estádio, estão nesta parte: retira-te. | Vamos nos despir: poupa-te de ver homens nus.”). Da lista dos seus hábitos masculinos extravagantes, Filênis põe-se a beber e comer⁹ em demasia, vomita e volta a beber, vinho puro e forte. A rigor, *meros deunces* (v. 10) refere-se a onze cíatos de vinho sem ser cortado (um *cyathus* tinha 1/24 de litro)¹⁰.

Depois de praticados tantos atos, Filene prefere *medias uorat puellas* (v. 15) pois considera a *fellatio* pouco viril. Esta Filênis reaparece no epigrama 6.70, onde é chamada de *ipsarum tribadum tribas* (“chupadora das chupadoras”, v. 1), no auge do seu comportamento ativo: *recte, quam futuis, uocas amicam* (“é correto que chames amiga a quem fodes”, v. 2). Exceto na sua forma passiva, o verbo *futuo* não era por regra usado para a função feminina. Marcial utiliza, entretanto, *futuis* para Filênis, pois as *tribas* tinham comportamento semelhante aos homens (Adams, 1982, 121-122). Essa tentativa de “ser homem” é vista como uma monstruosa e patética tentativa da mulher. Na Sátira 6 de Juvenal, diz-se que uma mulher dedicada as atividades atléticas vomitou o seu jantar. A imagem da homossexualidade em Juvenal não está clara, e apenas se acrescenta que,

⁸ Vide Marcial 7.32. Ático rejeita os exercícios físicos recebidos dos Gregos e, no verso 5 cita com desprezo a orelha deformada do treinador pela violência dos treinos, ou as fortunas indecorosas do massagista. O epigrama 4.55 cita (v. 7) a Lacedemônia (Esparta) pelo adjetivo *libidinosae* (v. 6), pelo fato de ser conhecida pelos ginásios e palestras. Para Cícero, a prática sexual entre dois homens tinha origem nos ginásios gregos, onde este tipo de amor era livre e permitido (Cic. *Tusc.* 4.33). Claramente, a Grécia conquistou Roma culturalmente e parte da aceitação e assunção do amor entre dois homens – especificamente entre homens e rapazes – vem da cultura grega (Cantarella, 2017, 129).

⁹ *Coloephia* (v. 12) é um prato não identificado, citado também em Pl. *Per.* 92 e Juv. 2.53.

¹⁰ Cf. Mart. 3.82.29: *Septunce multo deinde perditus stertit* (“ronca depois, rendido aos numerosos copos de sete cíatos”).

durante a festa da *Bona Dea*¹¹, as mulheres já bêbadas disseram todo tipo de deboche (vv.87-90)¹².

Considerações finais

Muitos são os desafios para uma leitura da lesbianidade e da transexualidade na antiguidade: pesa o fato de a literatura ter sido feita por homens; pesa os riscos de anacronismos; e pesa muito mais a ignorância do passado. No entanto, Roma oferece-nos múltiplos fragmentos, que podem explicar a longa história do amor. Não é possível para nós desvendar como o amor, em suas múltiplas formas, foi vivido em Roma; mas nos é permitido saber o modo como ele foi cantado. Via de regra, a mulher era o lado frágil, fraco, desfavorecido, e frequentemente, secundarizado (André, 2006, 347-348). Em geral, os romanos não distinguem a lesbianidade da transexualidade feminina, como sem se apercebe nos quadros de Bassa e Filênis. Para Lopes (2017, 59-60) “no mito de Ceneu prevalecem todos os estereótipos de uma cultura patriarcal guerreira: sadismo, violentação sexual, a violência física”. Já, o mito de Ífis se mostra o oposto. E neste sentido deixamos aqui algumas pistas a serem mais exploradas.

A investigação sobre a lesbianidade e a transexualidade, assim como todo estudo em torno do gênero na antiguidade ainda carece de muitos estudos. No entanto, alguns grupos têm surgido com o claro interesse de fazer crescer a reflexão do tema na antiguidade¹³. No ano passado, um grupo pioneiro de mulheres lançou, a partir de uma editora de Portknockie, na Escócia, uma antologia em língua inglesa composta de 34 volumes da revista *Lesbiantiquity*, reunindo pela primeira vez, quase todos os textos e documentos que abordam as relações sexuais e amorosas entre mulheres no mundo greco-romanos, traçando excelentes pistas para a investigação.

Os Estados Unidos têm sido pioneiros na criação destes grupos. Em 1972 fundou-se The Women’s Classical Caucus (WCC) com a missão de promover perspectivas de gênero em estudos e ensino de todos os aspectos das culturas antigas mediterrânicas, particularmente nos estudos da mulher, gênero e interseccionalidade na antiguidade

11 *Bona Dea* (“Boa Deusa”), nome dado a Cibele – ou Ops, filha do Céu e da Terra (e mais tarde tornou-se ela a própria terra), e mulher de Saturno – também cognominada de “mãe dos deuses” por ser a mãe de Júpiter, Juno, Netuno e Plutão e da maioria dos deuses de primeira ordem. O culto de Cibele foi introduzido em Roma na época de segunda guerra púnica. As mulheres romanas celebravam a festa da Boa Deusa todos os anos, a 1º de Maio. Desta celebração estavam excluídos todos os homens, inclusive animais machos.

12 Cantarella, 2017, 195-198; vd. Cuatrecasas, 1997, 87; Puccini-Delbey, 2007, 138. Richlin (1993, 543-544) afirma que a “homofobia” na sexta sátira de Juvenal é inegável, entre outros fatos, o narrador da sátira afirma que a hipocrisia é irmão dos estóicos passivos.

13 Em nosso modesto grupo de pesquisa, o Latinitates – Estudos Clássicos e Humanísticos, fundado em 23 de maio de 2022, temos uma linha de investigação sobre “As Representações do Gênero e da Sexualidade”, com o objetivo de tratar das representações do gênero e da sexualidade na antiguidade clássica, abordando temas como o casamento, a prostituição, o adultério, o sexo livre, a homossexualidade, a bissexualidade, a lesbianidade, a transexualidade, a impotência sexual e o ato sexual como forma de punição, bem como das relações de sexo e poder em Roma. Esta abordagem inclui a poesia e prosa latina, bem como o conjunto de leis romanas.

clássica. Neste meio século de existência, a WCC tem promovido uma série de eventos e painéis. A WCC mantém um fórum virtual chamado Cloelia, para conselhos pedagógicos e profissionais, como uma maneira importante de mulheres manterem-se informadas sobre os problemas que elas enfrentam nos Clássicos. Em 1989, fundou-se nos Estados Unidos a Lambda Classical Caucus (LCC), uma coalizão de classicistas queer, incluindo, mas não se limitando a lésbicas, bissexuais, gays e pessoas transgêneros e amigos e simpatizantes. O propósito do LCC é acadêmico e político. Propõe-se a promover pesquisas que reflitam interesses pessoais e intelectuais dos estudiosos queer fornecendo uma ponte entre os clássicos e os campos interdisciplinares dos estudos LGBT/queer, a história da sexualidade, estudos culturais e teoria de gênero.

Referências

ADAMS, J. N., *The latin sexual vocabulary*, Londres: Duckworth, 1982.

ANDRÉ, Carlos Ascenso, *Caminhos do amor em Roma: sexo, amor e paixão na poesia latina do século I a.C.*, Lisboa, Cotovia, 2006.

CANTARELLA, Eva. *Secondo natura: la bisessualità nel mondo antico*. Milano: Feltrinelli, 2017.

CATULO. *The poems*. Edit. Kenneth Quinn, London: MacMillan Education, 1979.

_____. *Cármenes*. Trad. Rubén Nuño. México: UNAM, 1969.

_____. *Carmina*. Trad. José Pedro Moreira e André Simões. Lisboa: Cotovia, 2017.

CAVICCHIOLI, Marina Regis. “Fama e infâmia na sexualidade romana” *Romanitas - Revista de Estudos Grecolatinos* 3 (2014) 153-169.

CUATRECASAS, Alfonso. *Erotismo no Império Romano*. Trad. Graziela Rodriguez. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

D’ONOFRIO, Salvatore. *Os motivos da sátira romana*. Marília, 1968.

FALO *no Jardim: Priapéia grega, Priapéia Latina*. Trad. João Oliva Neto. Cotia, Campinas: Ateliê, Unicamp, 2006.

FOUCAULT, Michael. *História da sexualidade: o uso dos prazeres*. Trad. Maria T. C. Albuquerque. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

GARDESANI, André Luiz. “A representação do feminino e o estatuto jurídico da mulher em ‘A matrona de Éfeso’ e ‘O amante no jarro’”. *Nunt. Antiquus* 2 (2019) 77-102.

GIBELATO, Lahís Moreno. “Romance com uma escrava: Relações de gênero em *O Asno de Ouro* de Apuleio”. *Roda da Fortuna. Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medievo* 1 (2012) 61-76.

GRIZOSTE, Weberson. *A Linguagem desbragada e obscena na poesia latina*, Araraquara: UNESP, 2020 (Pesquisa de Pós-doutorado).

HOLZBERG, Nikklas. “Lesbia, the poet, and the two faces of Sappho: ‘womanufacture’ in Catullus”. *Proceedings of the Cambridge Philological Society* 46 (2000) 28-44.

HORACIO, *Poesia Completa*, Trad. Frederico Lourenço. Lisboa: Quetzal, 2023.

_____. *Oeuvres: Odes, chant séculaire, épodes, satires, épîtres, art poétique*. Trad. François Richard. Paris: Garnier Flammarion, 1967.

JOHNSON, Marguerite; RYAN, Terry. *Sexuality in Greek and Roman Society and Literature*. London, New York: Routledge, 2005.

JOPE, James. “Interpretation and Authenticity of the Lucianic *Erotes*”. *Helios* 38 (2011) 103-120.

JUVENAL. *Sátiras*. Trad. Francisco Bastos. Rio de Janeiro: Edirouro, s/d.

LOPES, Anchyses Jobim. “Transexualidades - psicanálise e mitologia grega” *Estudos de Psicanálise* 47 (2017) 47-72.

LUCRÉCIO. *De Rerum Natura*. Londini: Cantabrigiae Typis Academicis, 1947.

_____. *Da Natureza*. Trad. G. Ribbeck. In LUCRÉCIO *et alii*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

MARCIAL. *Epigrammata*. Edit. Shackleton Bailey. Stuttgart: Teubner, 1990.

_____, *Epigramas*. vol. I, trad. D. F. Leão, P. S. Ferreira, J. L. Brandão. Lisboa: Edições 70, 2000.

_____, *Epigramas*. vol. II, trad. D. F. Leão, P. S. Ferreira, J. L. Brandão. Lisboa: Edições 70, 2000.

_____, *Epigramas*. vol. III, trad. D. F. Leão, P. S. Ferreira, J. L. Brandão. Lisboa: Edições 70, 2001.

_____, *Epigramas*. vol. IV, trad. D. F. Leão, P. S. Ferreira, J. L. Brandão. Lisboa: Edições 70, 2004.

OLIVEIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de História da Cultura Clássica. Vol. 2*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1990.

OLSON, Kelly. "Masculinity, Appearance, and Sexuality: Dandies in Roman Antiquity". *Journal of the History of Sexuality* 23.2 (2014) 182-205.

OVÍDIO. *Metamorfoses*. Trad. Paulo Alberto. Lisboa: Cotovia, 2007.

_____. *Arte de Amar*. Trad. Carlos Ascenso André. Lisboa: Cotovia, 2006.

PETRÔNIO. *Satyricon*. trad. Delfim Ferreira Leão. Lisboa: Cotovia, 2006.

PROPÉRCIO. *Elegias de Sexto Propércio*. Trad. Guilherme Flores. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2014.

PUCCINI-DELBÉY, G  r  ldine. *La vie sexuelle    Rome*. Paris: Tallandier, 2007.

RICHLIN, Amy, "Not Before Homosexuality: The Materiality of the "Cinaedus" and the Roman Law against Love between Men" *Journal of the History of Sexuality* (1993) 523-573.

_____, "The meaning of *irrumare* in Catullus and Martial". *Classical Philology* 76.1 (1981) 40-46.

_____, *The garden of Priapus: sexuality and Aggression in Roman humor*. Oxford: Oxford University Press, 1992.

SANFELICE, Pérola de Paula. "Homoerotismo e performances: as representa  es dos corpos e das rela  es humanas na antiguidade romana a partir das pinturas de Pompeia". *Heródoto* 2 (2017) 298-331.

SULLIVAN, John Patrick. *Martial: the unexpected classic. A literary and historical study*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

THOMSON, D. F. S.; Catullus. *Catullus: edited with a textual and interpretative comentary by D. F. S. Thomson*. Toronto, Buffalo, London: University of Toronto Press, 1997.

_____, "Catullus 112". *Phoenix* vol.41 (2) (1987) 191-192.

VEYNE, Paul. *Sexo & Poder em Roma*. Trad. Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civiliza  o Brasileira, 2008.

_____, "O império romano" in VEYNE, Paul (org). *História da vida privada: do Império Romano ao Ano Mil*. Vol. 1. trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____, *A Elegia erótica romana (o amor, a poesia e o Ocidente)*. Trad. Milton Nascimento, Maria das Graças Nascimento. São Paulo: Brasiliense, 1985.

Vol. 02, **Nº 04** (2025)
ISSN: 2966-0130

REVISTA FIOS DE **LETRAS**



editora
UEA



UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS



Vol. 02, **Nº 04** (2025)
ISSN: 2966-0130

REVISTA FIOS DE **LETRAS**

“LINGUAGEM NEUTRA”: A LUTA POR INCLUSÃO E OS
ENTRAVES DO LEGISLATIVO BRASILEIRO

Renato Régis Barroso



editora
UEA



UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS



“Linguagem neutra”: a luta por inclusão e os entraves do legislativo brasileiro

2

“Gender-neutral language”: the struggle for inclusion and the obstacles imposed by the brazilian legislature

Renato Régis Barroso¹

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-2727-0148>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7435448917070647>

E-mail: rbarroso@uea.edu.br

Resumo: Este artigo analisa a linguagem neutra como prática linguística emergente voltada à inclusão de identidades dissidentes de gênero, com ênfase no contexto da política brasileira. Partindo de uma abordagem qualitativa e crítica, investiga-se como ela se torna objeto de disputas simbólicas, discursivas e legais, observando-se os projetos de lei que visam à sua proibição em ambientes educacionais e institucionais. Apoiado em autores como Butler, Bourdieu, Borba, Bagno, Cameron, Faraco, Fiorin e Marcuschi, o artigo argumenta que a linguagem neutra representa uma expressão legítima de identidade não-binária e um instrumento de inclusão social. Além disso, articula o texto com base nos princípios dos documentos norteadores da educação como: a CF, a LDB, a BNCC e o PNE. Como conclusão, procura-se alertar à sociedade sobre a tentativa de proibição dessa linguagem inclusiva, configurando-se como uma forma de censura e apagamento, contrária à pluralidade linguística e aos direitos humanos.

Palavras-chave: linguagem neutra; identidade de gênero; legislação; inclusão.

Abstract: This article analyzes gender-neutral language as an emerging linguistic practice aimed at the inclusion of gender-dissident identities, with a focus on the Brazilian political context. Adopting a qualitative and critical approach, it investigates how this form of expression becomes a target of symbolic, discursive, and legal disputes, particularly through legislative bills that seek to ban its use in educational and institutional settings. Grounded in the works of Butler, Bourdieu, Borba, Bagno, Cameron, Faraco, Fiorin e Marcuschi, the article argues that gender-neutral language constitutes a legitimate expression of non-binary identity and a tool for social inclusion. Furthermore, the discussion is anchored in key educational policy documents such as the Federal Constitution (CF), the Law of Guidelines and Bases for Education (LDB), the National Common Curricular Base (BNCC), and the National Education Plan (PNE). The conclusion aims to raise awareness about the attempts to prohibit inclusive language, framing them as forms of censorship and erasure that contradict linguistic plurality and human rights.

Keywords: gender-neutral language; gender identity; legislation; inclusion.

¹ Professor *queer* do Departamento de Letras do Centro de Estudos Superiores de Tefé – CEST/UEA. Mestre em Letras e Artes na área de Representação e Interpretação Artística, Literária e Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes – PPGLA/UEA. Especialista em Linguística e História da Arte pela Universidade de Uberaba/MG. Licenciado em Letras – Língua e Literatura Portuguesa e Artes Visuais pela Universidade Federal do Amazonas. E-mail: rbarroso@uea.edu.br

A linguagem é uma das principais fontes de poder. Por meio dela, os sujeitos expressam sua identidade, constroem sentido e negociam seu lugar no mundo. A partir desse enunciado, é perceptível, nos últimos anos, o quanto tem ganhado visibilidade o debate sobre a chamada “linguagem neutra”, também conhecida como linguagem inclusiva de gênero. Esta tem o propósito de firmar uma identidade de gênero não-binário, ou seja, nem homem nem mulher, conceito imposto pela sociedade hegemônica; e não sustentar a ideia de que exista uma linguagem por si só neutra até porque não existe linguagem neutra dentro do conceito linguístico, conforme Fiorin (2007) “...a linguagem não é neutra: ela serve para expressar uma visão de mundo, para instaurar uma ideologia.” É por essa nuance que a comunidade LGBTQIAPN+ usa o termo “neutra” com o propósito de reafirmar o seu papel dissidente.

Assim como ocorre com as pautas sobre o casamento homoafetivo, a linguagem inclusiva de gênero tem sido amplamente discutida em redes sociais, espaços educacionais e nas plenárias entre os políticos, provocando diferentes reações, tanto de apoio quanto de rejeição. A exemplo disso, são os projetos de lei (PL) que foram apresentados em diversas esferas legislativas brasileiras com o objetivo de proibi-la, especialmente em escolas e documentos públicos. Este artigo busca analisar as tensões entre a emergência da linguagem neutra como prática inclusiva e os entraves legais que tentam silenciá-la, a partir de discursos do poder legislativo de ampla repercussão nacional.

A **linguagem neutra** também chamada de **linguagem inclusiva de gênero**, é uma prática emergente que surge como uma proposta linguística, buscando incluir, simbolicamente, identidades historicamente invisibilizadas. No entanto, essa inovação social e discursiva vem enfrentando forte oposição legislativa no país, especialmente no ambiente acadêmico, pelos próprios professores de Língua Portuguesa que a condenam, reverberando o preconceito linguístico. Isso se dá principalmente por consagrar a norma-culta como única e majoritária, dando visibilidade ao preconceito, conforme postula Bagno (1999) quando fala que “o preconceito linguístico é o preconceito disfarçado: é social, racial, econômico, cultural – mas camuflado sob a aparência técnica da norma culta”. Atrelado ao posicionamento dos docentes, tem-se, ainda, a presença de diversos projetos de lei que foram apresentados em âmbito estadual e municipal para proibir o seu uso nas escolas, documentos oficiais e instituições públicas, geralmente sob o argumento de defesa à “norma culta” ou da proteção à infância. Este artigo problematiza, justamente, essas tentativas, confrontando-as com os documentos oficiais que norteiam a educação brasileira e os princípios constitucionais que regem o ensino.

Diante do exposto, conclui-se que a linguagem neutra, enquanto expressão legítima da diversidade de identidades de gênero, constitui um importante instrumento de inclusão e respeito às diferenças no espaço social e educacional. As tentativas legislativas de sua proibição revelam não apenas uma resistência à transformação social, mas também um esforço institucional de controle simbólico que nega a pluralidade linguística e o direito à autodeterminação, consoante Bagno (1999) “A pluralidade linguística é uma característica fundamental de qualquer sociedade humana, e não um problema a ser combatido.” Ao analisar os discursos políticos, os posicionamentos docentes e os documentos norteadores da educação brasileira — como a Constituição Federal, a LDB, a BNCC e o PNE —, evidencia-se que tais iniciativas de proibição contrariam os fundamentos de uma educação plural, democrática e inclusiva. Assim, a defesa da linguagem neutra não se resume a uma escolha gramatical, mas representa uma luta política por reconhecimento, cidadania e justiça social.

2. Metodologia

Este artigo parte de uma abordagem quali-quantitativa, crítica e interdisciplinar, com perspectiva decolonial. Seus métodos foram divididos em quatro partes para deixar o texto mais didático. Primeiro com a fundamentação teórica envolvendo os autores mais consagrados da Linguística Aplicada, Linguística-Queer e de Teoria-Queer. Segundo, com a aplicação de um questionário semiestruturado com perguntas fechadas a: professores, alunos LGBTQIAPN+, alunos heteros, pedagogos/gestores educacionais, profissionais do judiciário, parlamentares, assistentes sociais e conselheiros tutelares para saber o que eles entendiam/pensavam sobre a linguagem neutra. A terceira parte contou com uma Análise do Discurso Crítica (ADC) a textos do legislativo. E a última trouxe as leis que amparam a educação para a sexualidade nas escolas com a criação de um mapa cronológico para auxiliar os professores da rede de ensino a se defenderem, caso gestores/pedagogos, ou, mesmo, os pais questionem sobre a discussão em sala de aula de temas transversais, envolvendo orientação sexual ou ainda identidade de gênero.

3. Linguagem, gênero e inclusão

Judith Butler (1990) argumenta que o gênero é uma construção performativa, ou seja, não é algo essencial ou biologicamente determinado, mas sim construído por meio de práticas sociais, entre elas a linguagem. A forma como nomeamos o mundo e as pessoas, define possibilidades de existência. Assim, quando uma sociedade limita os gêneros

reconhecíveis apenas a masculino e feminino, ela marginaliza todas as identidades que escapam desse binarismo.

Partindo desse pressuposto, a linguagem neutra surge como tentativa de romper com esse processo de exclusão. Seu uso de terminações como “e” (ex: “todes”), “x” (ex: “amigxs”) ou “@” (ex: “tod@s”) busca incluir quem não se identifica com gênero binário. Esses fenômenos da escrita nos lembra o postulado de Barthes (2004) quando diz que “a língua é heteróclita, uma mistura, nunca totalmente controlável”. Ao dizer isso, ele afirma que ela é variada, contraditória, múltipla, com registros, formas e usos, ou seja, a língua não é fixa, muito menos homogênea, abrigando conflitos e mudanças. Ao questionar os professores sobre o uso da linguagem neutra, alguns argumentaram que é prejudicial aos cegos, pois não entenderiam a leitura em braille, ou aos surdos que não entenderiam libras. O que não é observado no posicionamento dos docentes é que a língua sofre variações, e isso é um fenômeno normal, indo além dos estudos sociolinguísticos e chegando ao bojo da Linguística Aplicada, como conceitua Leffa (2012) “A Linguística Aplicada não se limita a aplicar teorias produzidas por outras áreas, mas cria seus próprios objetos de investigação, voltando-se para problemas reais que envolvem o uso da linguagem em contextos específicos.” Dessa forma, é nítido que não se pode enjaular a língua, por mais que muitos tentem. Assim como já existem expressões do pajubá – código linguístico usado pela comunidade LGBTQIAPN+ em libras, pode ocorrer com a linguagem neutra daqui a alguns anos. Assim como novos termos são incorporados ao braille por meio de neologismos, por exemplo, da mesma forma pode acontecer com a linguagem de inclusão de gênero. Se um dia já lutamos pela criação do braille para os cegos ou de libras para os surdos, por que não lutaríamos por uma linguagem que incluíssem as pessoas não-binárias?

A resposta para essa pergunta poderia ser dada, partindo do conceito de Marcuschi (2001) “Não há língua sem variação, não há língua sem uso social, não há língua sem mudança.” Essa afirmação reforça a ideia de que a língua está em constante transformação e responde às necessidades sociais dos falantes. Portanto, pode-se argumentar que a linguagem neutra é uma manifestação legítima da dinâmica linguística, alinhada às mudanças sociais e às demandas por inclusão. Como também afirma Borba (2019) “linguagem neutra é como uma estratégia de reverter opressões por meio da língua, semelhante ao ativismo linguístico do movimento negro e feminista, que questionam termos racistas ou sexistas.” Ele afirma que o uso de estruturas neutras — como “todes”, “elus”, “amigxs” — pode ser uma forma eficaz de intervenção social e cultural.

Ainda no cerne dessa discussão, podemos corroborar os argumentos através de três pensadores. Primeiro, partindo do conceito de Pierre Bourdieu (1999), contribuindo sobre o entendimento do poder simbólico da linguagem. Para ele, as formas legitimadas de fala

são aquelas reconhecidas por instituições, como a escola e o Estado. Nesse sentido, negar a legitimidade da linguagem neutra é também negar legitimidade às identidades que a usam. Segundo, com o postulado de Faraco (2009) quando aponta que a língua é variável, dinâmica e historicamente situada. Não há uma “norma culta” fixa, mas sim práticas linguísticas socialmente convencionadas. A resistência à linguagem neutra, portanto, revela mais sobre os limites sociais do que sobre regras gramaticais. Terceiro por meio de Cameron (2005), quando compara a linguagem, dizendo que é um campo de batalha onde diferentes ideologias se confrontam. A tentativa de proibir o uso da linguagem neutra revela muito mais do que uma questão gramatical: trata-se de uma disputa por representação simbólica. Para Bourdieu (1991), o poder de impor uma forma legítima de linguagem é também o poder de legitimar determinadas formas de ser e calar outras.

A linguagem neutra, como proposta de inclusão de identidades dissidentes de gênero, tem sido alvo de forte resistência social e institucional. Tal posicionamento revela um viés ideológico sustentado pelo que Marcos Bagno denomina de preconceito linguístico. **A rejeição à linguagem neutra, não se dá por razões exclusivamente linguísticas, mas por sua associação com minorias historicamente marginalizadas.** Bagno (2003) reforça que “a norma culta foi transformada em instrumento de exclusão social e de legitimação de preconceitos”, o que se observa claramente nas reações conservadoras à inclusão de formas neutras como “todes”, “amigue” ou “elu”. A tentativa de proibir tais usos, sobretudo em ambientes escolares, revela o uso político da linguagem como ferramenta de opressão e manutenção de estruturas excludentes.

Portanto, ao invés de excluir, a linguagem inclusiva de gênero deve ser um elemento com o propósito de incluir como Rodrigo Borba afirmou em entrevista à Brune Medeiros: “o que acontece é um processo de adição de recursos ao repertório linguístico. São estruturas que vamos usar e que vão existir uma ao lado da outra.” Em síntese, a linguagem neutra não substitui as formas tradicionais, mas expande as possibilidades de expressão, é como um movimento natural de enriquecimento da língua, em consonância com a dinâmica social.

4. A Pesquisa de Campo

Este estudo utilizou uma abordagem qualiquantitativa, ancorando-se na combinação de métodos qualitativos e quantitativos para melhor compreender a percepção social acerca da linguagem neutra. A estratégia metodológica adotada é a pesquisa de campo, considerando a necessidade de coleta direta de dados com sujeitos envolvidos nos contextos educacional e institucional.



Segundo Gil (2019), a pesquisa de campo busca informações junto à realidade concreta, permitindo ao pesquisador investigar fenômenos em seu ambiente natural. Assim, foram aplicados questionários semiestruturados, compostos por 10 perguntas fechadas, permitindo tanto a tabulação estatística dos dados quanto a análise interpretativa dos resultados.

A utilização de perguntas fechadas facilita a padronização das respostas e posterior quantificação, conforme destacam Lakatos e Marconi (2003), “as perguntas fechadas são aquelas cujas alternativas de resposta são apresentadas ao informante, cabendo a este apenas assinalar a que mais se ajusta à sua opinião”. A padronização favorece a comparação entre os diferentes grupos de participantes.

A escolha pela abordagem qualiquantitativa se justifica pela intenção de captar tanto a frequência das opiniões (dado quantitativo) quanto sua significação social (dado qualitativo), conforme sugerido por Minayo (2001) e Creswell (2010). A coleta de dados foi realizada com 155 participantes, divididos entre 23 professores, 28 alunos LGBTQIAPN+, 37 alunos heteros, 21 pedagogos/gestores educacionais, 18 profissionais do judiciário, 8 parlamentares, 7 assistentes sociais, 13 conselheiros tutelares, permitindo observar diferentes perspectivas sobre a temática.

4.1. Perguntas do questionário semiestruturado para aplicação

1) Como você, melhor, definiria a linguagem neutra?

- ☐ língua da comunidade LGBTQIAPN+
- ☐ um desrespeito à variante norma culta ensinada na escola
- ☐ um código linguístico que prejudica outras línguas inclusivas para PCDs, por exemplo, como o braille e libras
- ☐ um sistema linguístico criado pela comunidade não-binária (que não se identifica nem como homem nem como mulher de acordo com os padrões da sociedade)
- ☐ uma linguagem de inclusão e identidade da comunidade LGBTQIAPN+

2) Para você, as discussões sobre a linguagem neutra:

- ☐ deveria ser discutida por parlamentares sem intermédio de linguistas
- ☐ deveria ser discutida apenas por professores da rede básica de ensino
- ☐ deveria ser discutida apenas pela equipe pedagógica da escola
- ☐ não deveria ser discutida em hipótese alguma
- ☐ não deveria ser discutida por parlamentares, e sim pelo judiciário
- ☐ deveria ser implementada nas políticas-públicas linguísticas, norteado pelos documentos como CF, LDB, BNCC, PCN e RCA
- ☐ só deveria ser discutida pela própria comunidade LGBTQIAPN+, já que é um interesse deles

3) Quanto à proibição da linguagem neutra em eventos oficiais e nas escolas:

- ☐ concordo totalmente
- ☐ discordo totalmente

☐ concordo com ressalvas

☐ discordo com ressalvas

4) Para você, o STF (Supremo Tribunal Federal):

☐ não deveria intervir nos assuntos que se referem à linguagem neutra

☐ deveria intervir nos assuntos que se referem à linguagem neutra

☐ deveria deixar para os estados e prefeituras decidirem sobre o uso da linguagem neutra

☐ deveria deixar para os deputados e senadores decidirem sobre o uso da linguagem neutra

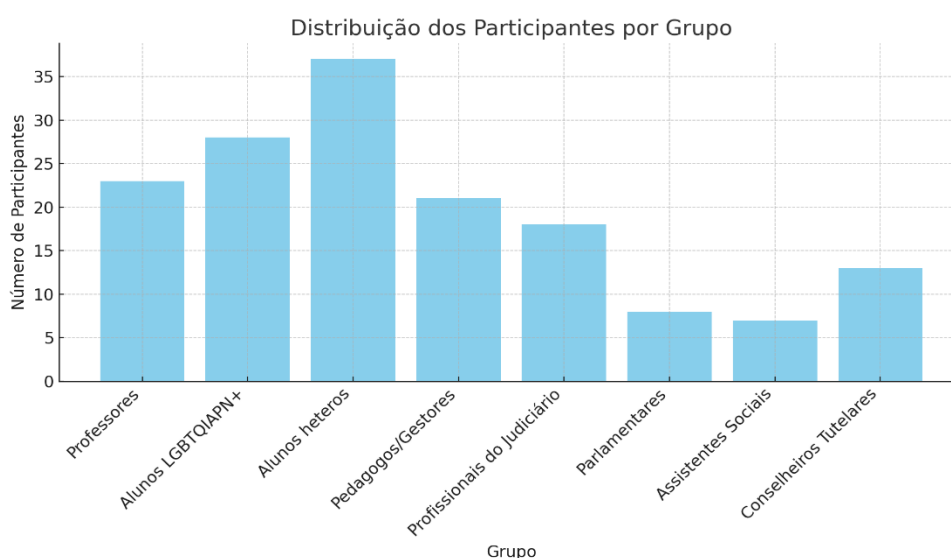
☐ deveria deixar para os professores de Língua Portuguesa decidirem sobre o uso da linguagem neutra

☐ deveria deixar para a equipe pedagógica decidir sobre o uso da linguagem neutra

☐ deveria deixar para os linguistas decidirem sobre o uso da linguagem neutra

☐ deveria deixar para a sociedade em geral decidir sobre o uso da linguagem neutra

4.2. Resultados do questionário semiestruturado



Optamos em distribuir os 155 participantes por grupo em um gráfico de barras. Esse panorama é essencial para aplicar uma Análise de Discurso Crítica (ADC), pois permite compreender como as diferentes posições sociais e institucionais influenciam as percepções sobre a linguagem neutra.

4.3. Análise Crítica do Discurso – Resultados da Pesquisa sobre Linguagem Neutra

4.4. Perfil dos participantes

Foram 155 participantes, distribuídos entre diferentes grupos sociais e profissionais:

- 23 professores
- 28 alunos LGBTQIAPN+

-
- 37 alunos heterossexuais
 - 21 pedagogos/gestores educacionais
 - 18 profissionais do judiciário
 - 8 parlamentares
 - 7 assistentes sociais
 - 13 conselheiros tutelares

Essa diversidade permite um olhar interseccional sobre o discurso da linguagem neutra, revelando assimetrias de poder, disputas ideológicas e percepções identitárias em diferentes esferas sociais.

4.5. Resultados e interpretação (com base nas perguntas do questionário)

Pergunta 1 – Definição de Linguagem Neutra

A maioria dos **alunos LGBTQIAPN+** e **assistentes sociais** identificou a linguagem neutra como uma *linguagem de inclusão e identidade da comunidade LGBTQIAPN+* ou como um *sistema criado pela comunidade não-binária*. Já entre **professores** e **parlamentares**, apareceu com frequência a definição de que a linguagem neutra seria um *desrespeito à norma culta* ou *um código que prejudica outras formas inclusivas como o braille*.

Com base na ADC, a linguagem como prática social reflete o posicionamento ideológico dos sujeitos. A resistência de alguns grupos à linguagem neutra evidencia o que Fairclough (2001) define como “disputas discursivas”, em que se confrontam discursos conservadores e inclusivos, reforçando desigualdades simbólicas.

Pergunta 2 – Quem deve discutir a linguagem neutra

A maioria dos **gestores educacionais**, **alunos LGBTQIAPN+** e **profissionais do judiciário** considera que o debate deve ocorrer no âmbito das **políticas públicas linguísticas**, com base em documentos como a **LDB**, **BNCC** e **CF**. Em contraste, **parlamentares** e alguns **professores** defendem que a discussão deveria ocorrer no legislativo, sem mediação de linguistas.

A recusa em considerar especialistas da linguagem no debate indica uma tentativa de manter o poder institucional sobre o discurso educacional, contrariando a noção de “competência discursiva especializada”. Tal posicionamento marginaliza a produção científica sobre linguagem e gênero.

Pergunta 3 – Proibição da linguagem neutra

10

Os dados apontam polarização: **discordância total** da proibição entre **alunos LGBTQIAPN+, assistentes sociais e pedagogos**; já **parlamentares e professores mais conservadores** expressam **concordância total ou com ressalvas**.

A proibição normativa reflete práticas de apagamento discursivo, como discutido por Judith Butler (1990) e Guacira Lopes Louro (1999): impedir que certos sujeitos se nomeiem é uma forma de silenciamento simbólico e exclusão social.

Pergunta 4 – Papel do STF

Os grupos que mais reconheceram o papel do STF na defesa da linguagem neutra foram os **alunos LGBTQIAPN+ e profissionais do judiciário**. Já parlamentares preferiram transferir a decisão para **congressistas ou sociedade em geral**, sugerindo desconfiança da mediação jurídica.

O discurso jurídico é visto, por alguns, como instância de legitimação de minorias (via STF), enquanto outros o veem como ameaça ao discurso tradicional. A disputa pelo direito de regular a linguagem revela tensões sobre o poder de nomeação — quem pode decidir como os sujeitos devem ser reconhecidos?

5. Análise do Discurso Crítica aplicada ao debate sobre linguagem neutra

A Análise do Discurso Crítica (ADC), conforme proposta por autores como Norman Fairclough (2001) e Teun van Dijk (2008), oferece um instrumental teórico-metodológico eficaz para examinar as relações entre linguagem, poder e ideologia. A linguagem não é neutra nem transparente; ela constitui práticas sociais atravessadas por disputas de sentidos, e seu uso está imbricado em estruturas de dominação ou resistência. Assim, a ADC permite compreender como determinadas formas de dizer (ou interditar o dizer) refletem e reforçam posições de poder.

No caso da linguagem neutra, a ADC é especialmente relevante para analisar textos legislativos que buscam proibir seu uso em espaços públicos e educacionais, discursos parlamentares carregados de posicionamentos ideológicos, matérias jornalísticas que selecionam enquadramentos discursivos específicos, e pronunciamentos públicos que mobilizam argumentos morais, religiosos ou linguísticos para legitimar a exclusão. Tais textos e falas revelam o embate simbólico em torno da linguagem como campo de disputa social. De acordo com Fairclough (2001), “a linguagem é uma forma de ação social que contribui para a construção da realidade social”. Nesse sentido, quando projetos de lei

invocam a defesa da “norma culta” como justificativa para a proibição da linguagem neutra, eles não estão apenas defendendo um modelo linguístico, mas promovendo a manutenção de uma determinada ordem simbólica que marginaliza identidades dissidentes.

A análise crítica desses discursos permite evidenciar os pressupostos ideológicos implícitos nos textos: o apagamento de identidades não binárias, a normatização do gênero como binário e a falsa neutralidade da linguagem tradicional. Como aponta Van Dijk (2008), o discurso é um dos meios mais poderosos de reprodução da dominação social, especialmente quando legitimado por instituições como o Legislativo e os meios de comunicação. A exemplo disso temos o Projeto de Lei 54/2021, comissionada em uma audiência pública de Belo Horizonte, com destaque ao trecho: *“A linguagem neutra, de acordo com seus defensores, tem o objetivo de tornar a língua portuguesa inclusiva... Já a professora Cíntia Chagas afirma que os argumentos favoráveis não são científicos, mas ideológicos...”*. Fazendo uso da ADC a fala “mostra a linguagem neutra como uma inclusão”, mas quando é associada a segunda parte do texto, coloca a linguagem neutra num patamar negativo, pois diz que ocorre “ausência de ciência” e por conta do seu “caráter ideológico”, mostrando que muitos políticos não entendem o conceito de ciência e muito menos de ideologia. Esse tipo de discurso, sem embasamento teórico e propriedade por parte do legislativo, acaba deslegitimando a linguagem neutra para o público leigo, mobilizando um discurso de autoridade científica contra ela. Assim acaba construindo uma urgência moral e racional para barrar a prática.

Outro texto de lei sobre o tema é o Projeto de Lei 198/2023 do deputado Kim Kataguirí, partido União Brasil, cujo trecho reproduz o seguinte discurso: *“o objetivo do projeto é tirar da sala de aula ideologias radicais...observamos...que em nada contribui com a missão educacional de formação dos alunos.”* No cerne do presente discurso, fazendo uso da ADC, a linguagem neutra é associada ao “radicalismo ideológico”, posicionando-a como ameaça ao projeto educacional. Isso só reforça a hierarquia linguística conservadora, ignorando a pluralidade construída com muito esforço por autores como Bagno e Faraco.

A título de exemplo, podemos mencionar, ainda, o Projeto de Lei 511/2021 que tramitou na Assembleia Legislativa de Mato Grosso, proibindo a utilização de pronomes de tratamento neutros em títulos e documentos oficiais. Levando para o viés da Análise do Discurso Crítica, o ato acaba ocultando a dimensão simbólica da identidade da pessoa. A ideia de “formalizar” é uma ação que na verdade mascara a subjetividade e diversidade que essas formas carregam, servindo como manutenção de um universo institucional homogêneo.

E mais recente a Deputada Estadual Débora Menezes (PL-AM) apresentou o Projeto de Lei nº 99/2023, posteriormente sancionado como Lei nº 6.463/2023 pelo Governador do

Amazonas, Wilson Lima (União Brasil), com o objetivo explícito de “*vedar expressamente a utilização da denominada ‘linguagem neutra’, do ‘dialeto não binário’ ou de qualquer outra expressão que descaracterize o uso da norma culta da Língua Portuguesa na grade curricular, material didático e documentos oficiais do Estado do Amazonas.*” A lei justifica-se com argumentos que se revestem de preocupação pedagógica: proteger o “direito ao aprendizado da língua portuguesa de acordo com as normas e orientações legais” e evitar “confusão na mente das nossas crianças e adolescentes”. Diante do caso, partindo da ADC, é percebido que o PL 99/2023 se sustenta num discurso conservador, que naturaliza a norma culta, patologiza a linguagem neutra e apela ao medo para justificar exclusões, sob a bandeira da “proteção pedagógica”. Ao mesmo tempo, a suspensão judicial da lei sinaliza uma resposta discursiva que valoriza a diversidade e a autonomia linguística, alinhada à Constituição e às políticas democráticas. Como ocorreu em maio de 2024 o contraponto institucional a esta lei, quando o Ministro Flávio Dino, do STF, suspendeu a aplicação da lei no Amazonas, apontando sua inconstitucionalidade: “...o Estado extrapolou sua competência para legislar sobre diretrizes educacionais e feriu princípios como o pluralismo político-pedagógico.” Isso marca um discurso institucional que legitima a linguística como construções sociais dinâmicas, contrapondo-se ao rumo conservador que a lei tentava impor.

Portanto, a análise dos discursos parlamentares revela um forte viés ideológico. Os argumentos contrários à linguagem neutra estão associados a visões normativas de gênero e à defesa de uma suposta “neutralidade” da linguagem tradicional. Em muitos casos, o debate sobre linguagem se torna campo para embates morais e religiosos. Segundo Fiorin (2007), “a linguagem não é neutra: ela carrega ideologias, e sua regulação define quem pode falar e como”. Os projetos de lei que pretendem criminalizar a linguagem neutra não têm fundamento linguístico, mas político. A tentativa de legislar contra uma prática linguística reflete o desejo de manter uma ordem simbólica. Como afirma Faraco (2009), “a variação é própria da língua: ela está sempre em movimento.” A linguagem neutra pode ser vista como parte desse processo natural de mudança, impulsionada por demandas sociais. Mais que uma questão linguística, trata-se de garantir o direito de existência, visibilidade e pertencimento de pessoas que, historicamente, foram silenciadas. Censurar a linguagem neutra é, portanto, censurar subjetividades.

6. A linguagem neutra e os documentos oficiais da educação

O uso da linguagem neutra na educação não é obrigatório, mas constitui um recurso pedagógico que sinaliza respeito à diversidade. Considerando o papel da

escola na formação cidadã, é contraditório que se tente impedir práticas que promovem acolhimento, empatia e visibilidade para grupos historicamente discriminados.

Partindo do pressuposto de que a linguagem é um instrumento de subjetivação e pertencimento. Ao acolher formas de expressão que refletem a realidade plural da comunidade escolar, a escola cumpre seu papel social. Ao proibir essas práticas, o Estado incorre em censura e exclusão, contrárias ao projeto democrático de educação.

O direito à diversidade e à inclusão está presente nos principais marcos legais da educação brasileira:

- **Constituição Federal (1988):** artigo 206 garante “igualdade de condições para o acesso e permanência na escola” e “pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas”.
- **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB - Lei nº 9.394/1996):** prevê o desenvolvimento do respeito à liberdade e à tolerância (art. 2º) e a promoção dos direitos humanos.
- **Plano Nacional de Educação (PNE - Lei nº 13.005/2014):** estabelece como diretriz “erradicar todas as formas de discriminação”, promovendo equidade de gênero e diversidade.
- **Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2017):** propõe competências gerais como o respeito à diversidade e o exercício da empatia, exigindo que os estudantes compreendam e respeitem diferentes identidades.
- **Parâmetros Curriculares Nacionais, volume 10 - PCN (2000):** recomendam que os professores não imponham valores, mas facilitem o diálogo sobre sexualidade, respeitando o repertório dos alunos e incentivando o respeito mútuo. O objetivo é formar autoconsciência, responsabilidade pessoal e cidadania ativa, evitando tabus e preconceitos. A ideia do documento é integrar a orientação sexual como conteúdo transversal, valorizando a diversidade e o respeito no ambiente escolar.

Quanto aos Referenciais Curriculares de cada Estado, muito ainda precisa ser pensado e materializado sobre a educação para a sexualidade e diversidade nas escolas. Alguns até mencionam o termo “diversidade e orientação sexual”, porém os textos são ressassados, confirmando a premissa de que a equipe de elaboração é temerosa em não alinhar o seu discurso conforme o sistema. Isso mostra que o tema precisa ser pensado com mais rigor científico. Já há inúmeros trabalhos acadêmicos que abordam a temática, mas as equipes multidisciplinares que discutem, aprovam e escrevem os textos ainda têm muito receio e acabam deixando predominar uma ideologia bem conservadora. Por esse

motivo, muitos políticos acabam tentando se beneficiar da situação, propondo políticas públicas abstratas, procurando legitimidade através do povo que os elegem e os poucos professores que tentam tratar da temática nas escolas ainda acabam sendo censurados, se não for pela gestão da escola acaba sendo pelos pais mais conservadores.

Mesmo diante de todos os entraves, a linguagem neutra na educação deve ser compreendida como uma ferramenta de cidadania, respeito e pluralidade, coerente com os fundamentos constitucionais e educacionais brasileiros. Sua proibição não encontra amparo legal nem pedagógico e representa um retrocesso frente às conquistas por uma escola mais justa e acolhedora. Para Louro (2020) “Falar sobre sexualidade e identidade de gênero na escola não é opcional, é um dever ético e político da educação comprometida com os direitos humanos.”

6.1. Mapa Cronológico — Educação para a Sexualidade, Gênero e Diversidade no Brasil

Ano	Documento / Lei	Abordagem sobre Sexualidade, Gênero e Diversidade
1988	Constituição Federal	Garante o direito à igualdade, dignidade e liberdade de expressão; base para políticas públicas de gênero e diversidade (Art. 5º e 206).
1996	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) – Lei nº 9.394/96	Defende uma educação pautada no respeito à diversidade, à liberdade e à tolerância. Abre espaço para conteúdos sobre gênero e sexualidade.
1997-2000	Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) – Volume 10: Temas Transversais	Introduz Educação para a Sexualidade como tema transversal. Propõe diálogo sobre corpo, respeito, prevenção, identidade de gênero e diversidade sexual.
2001	Programa Brasil sem Homofobia (lançado em 2004)	Não é lei, mas foi um marco nas políticas públicas de combate à homofobia e promoção da diversidade sexual e de gênero nas escolas.
2004	Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (PNEDH)	Prevê ações de combate ao preconceito de gênero, orientação sexual e outras formas de discriminação, com ênfase na formação docente.
2013	Plano Nacional de Educação (PNE) – Lei nº 13.005/14	Apesar da retirada explícita dos termos ‘gênero’ e ‘orientação sexual’, o PNE estimula o combate à discriminação e a promoção da equidade.
2017	Base Nacional Comum Curricular (BNCC)	Trabalha competências relacionadas à diversidade, respeito, empatia, cultura de paz e direitos humanos — abrindo brechas para trabalhar gênero e sexualidade.

Considerações Finais

A proposta deste artigo foi analisar a linguagem neutra, não como uma questão gramatical, mas como um campo de disputa simbólica, política e social. A análise das

respostas dos diferentes grupos participantes da pesquisa, à luz da Análise do Discurso Crítica, evidencia que os sentidos atribuídos à linguagem neutra não estão isolados de marcadores de poder, identidade e exclusão. A linguagem é um território de poder, e querer transformá-la para incluir identidades não binárias e trans não é um capricho, mas uma ação de resistência e reparação histórica. Como educadores que somos, devemos demonstrar que a defesa da norma culta, quando usada para barrar a inclusão, é muitas vezes um pretexto para manter estruturas excludentes de poder.

A interseccionalidade proposta em nossa análise tentou mostrar que a exclusão linguística não se limita ao campo da linguagem: é reflexo de uma violência mais ampla baseada em gênero, classe e raça. Reconhecer a linguagem neutra como uma possibilidade dentro da escola e da sociedade não significa impor uma nova norma, mas sim ampliar as formas de representação, nomeação e existência da comunidade LGBTQIAPN+ em um espaço que não seja dentro do armário. Proibir o uso da linguagem neutra, como algumas propostas legislativas tentam fazer, vai na contramão dos documentos legais que fundamentam a educação brasileira — como a Constituição Federal, a LDB e a BNCC — os quais defendem o respeito à diversidade, à equidade e aos direitos humanos.

Dessa forma, a linguagem inclusiva de gênero deve ser compreendida como um direito linguístico e como parte fundamental das lutas por cidadania e inclusão. Incorporá-la ao ambiente educacional não apenas respeita sujeitos diversos, como também promove uma educação crítica, emancipadora e socialmente comprometida. Destaca-se, assim, a importância de compreender esta linguagem não como uma ameaça à norma culta, mas como uma expressão legítima de identidades historicamente marginalizadas. A tentativa de proibir seu uso, especialmente em ambientes educacionais, configura-se como um ato de censura e apagamento simbólico, que contraria os princípios constitucionais de inclusão, diversidade e liberdade de expressão. Alertar a sociedade para essa ofensiva é fundamental, pois reconhecer e respeitar a pluralidade linguística é também reconhecer a dignidade e a existência de diferentes sujeitos sociais. A defesa da linguagem neutra, portanto, insere-se no contexto mais amplo da luta por direitos humanos, justiça social e educação comprometida com a equidade.

Referências

- BAGNO, Marcos. *A língua de Eulália: novela sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2003.
- _____. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BORBA, Rodrigo. *Discursos transviados: linguagem, subjetividade e política*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2019.

BOURDIEU, Pierre. *Linguagem e poder simbólico*. São Paulo: Loyola, 1999.

BRASIL (Estado do Amazonas). *Lei nº 6.463, de 10 de outubro de 2023*. Veda expressamente o uso da linguagem neutra, do dialeto não binário ou de qualquer outra expressão que descaracterize a norma culta da Língua Portuguesa na grade curricular, material didático de instituições de ensino públicas e privadas e em documentos oficiais no âmbito do Estado do Amazonas. Manaus: Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas, 2023. Disponível em: <https://sapl.al.am.leg.br/media/sapl/public/normajuridica/2023/12712/6463.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2025.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. *Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014*. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências.

BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. *Projeto de Lei n. 198, de 2023*. Veda o uso da linguagem neutra nos materiais didáticos e nas instituições de ensino públicas e privadas em todo o território nacional. Brasília: Senado Federal, 2023. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/157054>. Acesso em: 10 jun. 2025.

BRASIL. *Projeto de Lei n. 511, de 2021*. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para vedar a adoção da linguagem neutra na grade curricular e no material didático de instituições de ensino públicas e privadas. Brasília: Câmara dos Deputados, 2021. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2276993>. Acesso em: 10 jun. 2025.

BRASIL. *Projeto de Lei n. 54, de 26 de fevereiro de 2021*. Dispõe sobre a vedação do uso da chamada linguagem neutra na grade curricular e no material didático de instituições de ensino, públicas ou privadas, bem como em editais de concursos públicos. Brasília: Câmara dos Deputados, 2021. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/propostas-legislativas/2268067>. Acesso em: 10 jun. 2025.

BRASIL. *Projeto de Lei n. 99, de 2023*. Veda a utilização da chamada linguagem neutra ou linguagem não binária nos materiais didáticos e nas instituições de ensino públicas e privadas em todo o território nacional. Brasília: Câmara dos Deputados, 2023. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2357944>. Acesso em: 10 jun. 2025.

BUTLER, Judith. *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. New York: Routledge, 1990.

CAMERON, Deborah. *Language and Sexuality*. Cambridge University Press, 2005.

CRESWELL, John W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora da UnB, 2001.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & diálogo: uma introdução à linguística aplicada*. São Paulo: Parábola, 2009.

FIORIN, José Luiz. *O lugar da linguagem na vida social*. São Paulo: Contexto, 2007.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2019

LEFFA, Vilson J. *Linguística Aplicada: passado, presente e futuro*. Pelotas: EDUCAT, 2012.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2020.

_____. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

MEDEROS, Brune; BORBA, Rodrigo. Linguagem neutra (episódio 58). *Larvas Incendiadas*, 15 abr. 2021. Entrevista com Rodrigo Borba. Disponível em: <https://larvasincendiadas.com/2021/04/15/58-brune-medeiros-rodrigo-borba-linguagem-neutra/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

VAN DIJK, Teun A. *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto, 2008.

Recebido: 11/06/2025

Aceito: 05/07/2025

Publicado: 06/07/2025

Vol. 02, **Nº 04** (2025)
ISSN: 2966-0130

REVISTA FIOS DE **LETRAS**



editora
UEA



UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS



Vol. 02, **Nº 04** (2025)
ISSN: 2966-0130

REVISTA FIOS DE **LETRAS**

SENHOR FUGITIVO E A CRIANÇA ESTRANHA:
CONTOS SOBRE O AFETO E AS FUGAS POSSÍVEIS

Maria Lizandra Mendes de Sousa (Liz Mendes)

Zuleide Paiva da Silva



editora
UEA



UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS



Senhor fugitivo e a criança estranha: contos sobre o afeto e as fugas possíveis

2

The fugitive man and the strange child: tales of affection and possible escapes

Maria Lizandra Mendes de Sousa (Liz Mendes)¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2812-2101>

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6751557927239598>

E-mail: eusendoliz@gmail.com

Zuleide Paiva da Silva²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9395-3561>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3730725605556060>

E-mail: eidepaivasilva@gmail.com

Resumo: Este texto é uma travessia afetiva e política que busca compreender, por meio de subcontos e reflexões teóricas, como as relações entre a criança estranha e o Senhor Fugitivo, seu avô, abrem deslocamentos queer no campo do afeto, da resistência e da criação de si. A problemática que me move é compreender o que pode um afeto quando irrompe no avesso das normatividades familiares, forjando resistências e reinvenções de si nos gestos silenciosos, nas fugas e nas memórias. A metodologia é a escrita-performativa e autoficcional, onde o conto não é apenas estética, mas travessia metodológica e política, permitindo criar espaçotempos insurgentes que tensionam as fronteiras entre ciência, arte, corpo e memória. O referencial teórico se enraíza no pensamento queer por meio das palavras-corpo de Gloria Anzaldúa (2021), Judith Butler (2003), Paul B. Preciado (2017) e José Esteban Muñoz (2009), cujas reflexões sobre fronteiras, performatividade, resistência e utopia queer alimentam esta escrita. Como resultado, mostra os deslocamentos do pensamento queer para o desejo de criar uma epistemologia poéticaerótica sapatão feminista que emerge da errância, da dor e do desejo, inventando uma prática de escrita e de pesquisa que se faz resistência, travessia e convite a outros modos de existir. É preciso reconhecer que a teoria queer, com toda sua potência disruptiva, ainda tropeça quando tenta alcançar as especificidades de certos corpos que, ao longo da vida, foram nomeados como estranhos. A criança estranha não era apenas uma infância fora da norma: era uma criança sapatão.

Palavras-chave: Afeto. Resistência. Errância. Epistemologia sapatão.

Abstract: This text is an affective and political crossing that seeks to think, through sub-stories and theoretical reflections, how the relationship between the strange child and the Fugitive Lord, her grandfather, opens queer displacements in the field of affection, resistance, and self-creation. The question that moves me is to understand what an affect can do when it erupts against the grain of familial normativities, forging resistances and reinventions of the self in silent gestures, in escapes, and in memories. The methodology is performative and autofictional writing, where the story is not merely an aesthetic, but a methodological and political crossing, allowing for the creation of insurgent space-times that strain the boundaries between science, art, body, and memory. The theoretical framework is rooted in queer thought through the body-words of Gloria Anzaldúa (2021), Judith Butler (2003), Paul B. Preciado (2017), and José Esteban Muñoz (2009), whose reflections on borders, performativity, resistance, and queer utopia nourish this writing. As a result, it reveals the displacements of queer thought toward the desire to create a poetic-erotic lesbian-feminist epistemology that emerges from errancy, from pain, and from desire, inventing a practice of writing and research that becomes resistance, crossing, and an invitation to other

¹ Poeta sapatão. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade (PPGED), Campus XIV, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Ativista da Liga Brasileira de Lésbicas e Mulheres Bissexuais (LBL) e da Frente Nacional Lésbicas Desfem.

² Lésbica sapatão feminista. Professora Doutora da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus XIV, e do Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade (PPGED). Ativista da Liga Brasileira de Lésbicas e Mulheres Bissexuais.

ways of existing. It is necessary to recognize that queer theory, with all its disruptive power, still stumbles when it tries to grasp the specificities of certain bodies that, throughout life, have been named as strange. The strange child was not merely a childhood outside the norm: she was a sapatão child.

Keywords: Affection. Resistance. Errancy. Sapatão epistemology.

Convite?

SOB A SOMBRA DE UM CAJUEIRO³ que tanto fez parte de minhas memórias de infância, sentei-me no chão com as pernas abertas, os pés firmes na terra quente. Não precisei fechar os olhos para versentir⁴ a criança que um dia fui; lá estava ela, sentada em um galho bem alto do cajueiro contemplando o horizonte, com as pernas balançando. Busquei a estranheza que tanto diziam que ela possuía, porém só encontrei a ousadia, a coragem e a rebeldia de ser quem se é, mesmo sem saber o que isso de fato significava. Uma criança que dançava com o corpo todo se dizendo no mundo como poeta que brinca de ser livre. Vendosentido ela, voltei a minha direção e, na minha frente, um caderno escancarado mostrava os rabiscos, páginas que rebolavam entre poesias, memórias, sonhos, desejos e teorias.

Segurei com cuidado e denago a caneta azul, como quem segura chaves que abrem as portas desconhecidas, teias de outros caminhos possíveis. O vento que tanto me acompanha e dança forró bem gostoso, com cheiros nos cangotes que arrepiam e deixam o corpo todo mole, carregava o cheiro doce das frutas maduras e de vez, enquanto, ao longe, um som me conduzia para histórias que nunca foram escritas, mas que tanto diziam do meu corpo molhado: sussurros do Rio Parnaíba.

“Quem for me ler deve me dar tempo”, falei, enquanto a caneta deslizava lenta, como se fosse descascar uma manga: salivando pelo corpo todo. “Quem for me ler deve me dar tempo”, repeti. Tempo para que cada linha respire e você expire e inspire junto a ela, para que o silêncio entre uma frase e outra, entre os parágrafos e as páginas possa ecoar como um pulsar que foi instigado distante, mas que, neste exato momento em que me leem, está bem pertinho, sussurrando ventos próximos ao seu ouvido. Tempo para que você, leitora⁵, se perca nas experiências, memórias, ficção e realidade, se esqueça de contar as horas e fuja da lógica, pois é uma leitura de corpo inteiro.

³ Embora o texto esteja escrito em primeira pessoa, é importante destacar que esse movimento não representa uma experiência individual isolada, mas uma construção coletiva, elaborada em diálogo ético, afetivo e teórico entre as autoras.

⁴ Ao longo do texto, você, querida leitora, encontraram muitos neologismos – palavras inventadas e desestabilizadas de seus usos normativos. Tal escolha faz parte de uma política de linguagem: uma aposta rebelde, ousada, coragem e teimosa de na criação e resistência inventiva de uma epistemologia poéticaerótica sapatão feminista, impulsionadas por nós, autoras deste texto-conto. Um gesto de uma estética da diferença, de uma ética do desejo e de uma política do afeto.

⁵ A linguagem é um campo de disputa política. Assim, escolhemos pela feminilização da linguagem como uma ação política insurgente que busca subverter o apagamento das identidades femininas e lésbicas sapatão, reafirmando a presença e potência dos corpos dissidentes nos espaçostempos de conhecimento. Uma

Escrevo como quem sonha, entregando palavras-toques ao vento e às águas, esperando que ganhem asas e fluidez e, assim, em intensidade, alcancem o impossível. Escrevo como quem planta, respeitando o espaçotempo das sementes, a importância de pedir licença à terra e nela confiar o que pode vir a ser, o cuidado com as mãos para tocar com respeito, esperança e denovo, sem se esquecer que a colheita depende de um pacto silencioso e esperançoso com o universo. Escrevo como quem deseja, com o coração ofegante, respiração descontrolada e com o querer intenso de tocar o íntimo de quem lê. Escrevo como quem precisa de oxigênio, agarrando a coragem e o pulsar da esperança, pois as palavras me alimentam, são o ar que não desiste de querer com muita vontade viver.

Quem for me ler, sei eu, precisa se jogar na experiência de uma leitura outra, precisa permitir que as palavras penetrem e lambuzem como toques suaves que, com o passar do tempo, ficam cada vez mais fortes e profundos, deixando terreno fértil para o exercício do pensar... precisa abrir as portas do espaçotempo. Porque aqui, neste texto, não existem verdades absolutas, mas fragmentos de um mundo em invenção, sensações molhadas.

“Quem for me ler vai me encontrar,” deixei a caneta continuar se deslizando suavemente, quase sussurrando ao papel. Vai encontrar em mim alguns possíveis insurgentes que escapam daquilo que aprendemos sobre o universo acadêmico, porque a ciência aqui desejada e que ousa sentirfazer é uma ciênciaarte, bordada de invenção, de arte, de memória, de sangue, de carne... de corpo. Vai me encontrar nas dobras, fendas e aberturas – muitas vezes escancaradas sem nenhum pudor – do texto, no espaçotempo entre fronteiras, paisagens, margens e erros, pois aqui as palavras não são imposições, mas sim convites.

“Quem for me ler tem que inventar comigo,” murmurei entre a caneta que continuava deslizando e ao vento que chegou pelas histórias desconhecidas do Rio Parnaíba, balançando a vida. Tem que permitir que as palavras a levem a um mundo outro, possível em meio às impossibilidades, um mundo que não está pronto. Porque o que escrevo é uma porta entreaberta, e quem ousa se permitir passar por ela necessita estar disposta a deixar-se, mesmo sem mapas, mesmo sem destinos, mesmo sem respostas.

Este texto é um convite fragmentado, um convite para atravessar comigo as imposições que nos constroem e nos limitam, de modo, quem sabe, a versentir de uma outra forma as fronteiras, as margens, as passagens e os caminhos. Aqui, as palavras se fazem desejo, travessia, ponte, abismo, revolta, denovo, inquietação. Talvez as páginas a convide a abrir o corpo para o que foi silenciado e aniquilado ou a fechar o corpo para

ruptura com a linguagem patriarcal, sexista e heteronormativa. Reapropriando as palavras como um ato político insubmisso para romper com a colonialidade do conhecimento e, em coragem, os corpos sapatão ser agentes de suas próprias histórias, memórias, experiências e saberes.

sonhar-desejar outros mundos. Talvez você encontre nelas espelhos, talvez portas. Minhas memórias, sonhos, desejos, curiosidades, inquietações e invenções percorrem as páginas enquanto escrevo para você, inventando uma epistemologia que pulsa nas margens do rio onde cresci, nos risos das rodas de conversa com doses exageradas de arte que sonhei, nas sombras das árvores que ainda verei crescer. Uma epistemologia que seja nossa na diferença: uma epistemologia poéticaerótica sapatão feminista.

Mas para criar esta epistemologia poéticaerótica sapatão feminista, sou convocada – ou talvez irremediavelmente atraída, nostálgica – a vasculhar algumas memórias que me atravessam – e por que não dizer: me constituem? Memórias de uma infância marcada pela estranheza, onde quase todos, na família e no povoado onde residi, me nomeavam como a “criança estranha”. Todos, menos ele: meu avô, o Senhor Fugitivo. É necessariamente sobre o afeto, resistência e pistas de criação de si que este texto agora se debruça, como quem se inclina sobre a margem.

Assim, movida pela lembrança viva daquele que não me negou afeto e acolheu minha estranheza na infância, este texto é também fruto de uma pesquisa em andamento no âmbito de um mestrado profissional, de um Programa de Pós-Graduação no interior da Bahia, e conta com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), o que reafirma a relevância de investir em movimentos de pesquisa que não apenas produzam conhecimento, mas que também desafiem os modos hegemônicos de fazer ciência: uma pesquisa que não se fecha aos métodos rígidos; se abre como travessia poética, política, erótica e estética articulando memória, corpo, teoria, prática, arte e movimentos sociais na invenção de uma epistemologia poéticaerótica sapatão feminista.

Com o sorriso largo do Senhor Avô Fugitivo, este texto se baseia no seguinte questionamento: O que pode um afeto, quando surge no avesso das normatividades familiares? Dessa forma, quero compreender, por meio de subcontos e reflexões teóricas, como as relações entre a criança estranha e o avô (Senhor Fugitivo) abrem deslocamentos queer no campo do afeto, da resistência e da criação de si.

Este texto conta, em forma do gênero textual conto, o que se vive, o que se escapa. Contar aqui é criar resistências e mundos possíveis, deixando que a linguagem balance nas fendas, margens, fronteiras, paisagens e bordas de uma pesquisa que performa a sua própria desobediência. O conto é, aqui, uma travessia metodológica: abrir-se frestas e criar rotas de fugas. Afinal, escrevo como quem dança de pés descalços, como quem sobe no cajueiro para escapar das ausências e, assim, encontrar motivos para respirar.

O conto, aqui, não é apenas uma forma estética ou literária, mas uma possibilidade metodológica insurgente, desestabilizando as fronteiras entre ciência, arte, memória e política. Escolho o conto como possibilidade metodológica porque ele permite sussurrar as experiências que não cabem na ciência limpa, higiênica, que se distancia a todo o custo

do corpo e que rejeita os arrepios da arte. Afinal, minha escrita se configura como um rio – ora sereno, ora revoltado – que inventa territórios de existência onde antes só havia ausência e silenciamento.

O conto, neste contexto, se afirma como uma prática metodológica menor (Deleuze e Guattari, 1992), errante e em devaneio, permitindo a errância como forma legítima de produção de saber. Ao narrar memórias, experiências e afetos, os contos que compõem este texto criam espaçotempos de enunciação sapatão, poéticaerótica e feminista, forjando uma epistemologia encarnada, feita de corpo, desejo, luta e resistência. A autoficção (Dobrovsky, 2014) que se dá forma nos contos é, portanto, uma política da narrativa que inventa mundos outros possíveis, insurgentes, e reconfigura a escrita acadêmica como um espaçotempo de experimentação, devires e linhas de fuga, onde cada palavra é um gesto de insubmissão frente às normas hegemônicas que tentaram domesticar e silenciar corpos sapatão. Assim, o conto não apenas narra: ele cria, recria, tensiona e celebra – é método e é mundo possível.

Sentindo o vento que movimenta as folhas do cajueiro e todo meu corpo, trago para perto de mim – e convido para dançar agarradinha neste texto – as palavras-corpo de Gloria Anzaldúa (2021), que já me abraçava antes mesmo de eu saber, dizendo: leia-me de pernas abertas, atravessando fronteiras e habitando feridas; de Judith Butler (2003), que me sussurra sobre performatividades que escapam, que falham, que desviam, que desestabilizam; de Paul B. Preciado (2017), que me cutuca, dizendo que o corpo é prótese, é máquina, é resistência, é invenção; de José Esteban Muñoz (2009), que me fala do horizonte queer como utopia concreta, como sonho encarnado que insiste, mesmo quando tudo parece apagar-se.

São estas pessoas que me acompanham nesta travessia metodológica que é também poética, política, estética: uma escrita que não se fecha, que não se limpa, que não se curva, mas que escorre, que treme, que balança, que respira e convida: vem, dança comigo, escreve comigo, inventa comigo outros modos de existir. Essas pessoas inquietas se movimentam comigo nas reflexões dos subcontos que aqui se insinuam e se desdobram pelas frestas abertas da teoria queer, aqui entendida como um convite a balançar as pernas bem soltas em cima do galho mais alto do cajueiro, enquanto se olha, curiosa e rebelde, o horizonte das possibilidades. Em outras palavras, vir-a-ser é ocupar o espaçotempo do ainda-não, do que pode ser, e essa esperança me atravessa como vento quente, como promessa de mundos outros que dançam comigo, que me convocam, que me arrastam.

Olhando para o caderno e vendosentindo as palavras que ali se fazem movimentos mergulhados pela memória dos pés descalços balançando em cima do cajueiro, ousei dizer: “Leia-me de pernas abertas”, relembrando o convite lindo de Gloria Anzaldúa (2021), na madrugada de domingo que me visita e me faz companhia. Leia-me sentindo o latejar

daquilo que escapa às imposições das normas. Leia-me com o corpo aberto, curioso, audacioso, rebelde, corajoso, desejoso, presente e rente. Leia-me como quem aceita um convite gostoso para dançar um forró agarradinho, sabendo que não existe coreografia, pois os corpos que estão entregues à dança e, assim, irão inventar os movimentos e se deixar neles. Leia-me como quem procura questionamentos. Leia-me como quem se abre para uma dancinha, um chameguinho, uma queda, um voo, uma experiência estética. Leia-me de pernas apertadas, soltas ou abertas, mas leiam-me inteira.

Deixe que o texto a atravessa como o pôr do sol atravessa o rio. Que este texto-conto seja também uma aliança do nosso encontro, uma abertura para tudo o que ainda podemos inventar. Sentei-me debaixo da sombra do cajueiro marcada pelo tempo. O caderno estava aberto, como um abraço que se promete e se deseja. As palavras que eu lia, escrevia e queria escrever estavam lá, ao passo que também não estavam.

Era preciso (re)inventá-las, modelá-las com os dedos sujos de terra, água, vento, memória, desejo e poesia, puxá-las para bem perto de onde o mundo ainda não existia. E assim, com essas palavras, fechei o caderno. Voltei a olhar para a criança que balançava suas pernas em cima do cajueiro vendosentindo o horizonte. Sabia que o que deixava ali, naquele caderno, naquele chão, naquele cajueiro não era apenas meu, mas um convite ao desconhecido, há quem ousasse ler, escrever, pensar, viver, inventar junto comigo.

Olhei para o caderno fechado mais uma vez e imaginei você, leitora. Imaginei sua curiosidade, seu desconforto talvez. Imaginei você ali debaixo do cajueiro dançando forró!

1 Senhor Fugitivo e a Dona Lua Cheia: o que pode o afeto?

Cor(ria)
Não parava de correr
Mesmo cansada.
Pés doendo
Sangue escorrendo
Não parava de correr.
Seu corpo banhado a suor
Lágrimas eram expostas ao vento.
Corria, corria,
corria...
Não conseguia parar.
Ninguém estava atrás dela
Ela era uma fugitiva de si mesma
Entre areia e árvores,
O vento a conduzia
Aos lajeiros, rochas
Os pés foram desacelerando-se

Sentou-se no lajeiros
Deitou-se!
De olhos fechados
Coração acelerado
Corpo molhado
– lágrimas e suor –
Sentia a vida lhe dando vida
Mãos acariciavam
A rocha-lajeiro
Quando se deu conta
Já estava rindo
Passou o tempo
Levantou-se
E saiu correndo
Cor(ria)
Cor(ria)
Cor(ria).
(Poesia autoral, 2025).

1.1 Abanando as dores

– NÃO ME TOQUE, disse a garota que estava sentada no canto da sala, segurando as pernas, com o rosto banhado em lágrimas e tomada pela dor.

Seu avô, com muita calma e delicadeza, passou a mão esquerda nos cabelos da menina e baixinho falou:

– Estou te esperando na calçada! Levantou-se e saiu em direção ao local que havia mencionado. A menina olhou de canto e o viu saindo em direção à calçada. Levantou-se e o seguiu. Ignorou todas as pessoas que estavam na sala fingindo que nada tinha acontecido.

– O que você quer comigo?

– Senta aqui (apontou para o lado esquerdo de onde estava sentado).

Ela sentou e reproduziu a mesma posição em que estava no canto da sala: abraçando os joelhos e a cabeça baixa. Ele estava com um papelão na mão e suavemente começou a abanar as costas da menina. Nesse momento, ela levantou a cabeça e, com os olhos arregalados, olhou para ele. Era uma noite de lua cheia, a calçada estava iluminada.

– Isso alivia?

– Sim, começou a chorar baixinho de novo.

– Sabia que a lua cheia cura todas as dores?

– Não!

– Ela cura. Ela é uma menina igual a você: cheia de vida.

-
- Ela é estranha? Questionou-o enquanto olhava para a lua.
 - Ela é muito bonita, cheia de vida e tem o poder de curar as dores.
 - Ser estranha é ser bonita, cheia de vida e que cura dores?

Ele não a respondeu. Continuou abanando suas costas marcadas pela fivela do cinto. De repente, falou:

- Não sei o que é estranho, mas sei que você é minha lua cheia.

Ficaram olhando para a lua cheia por um bom tempo: ele a abanando suavemente, e ela sentindo o alívio do vento em sua pele.

– Ele não gosta de mim. Não vou mais chorar. Não vou mais chorar. Nunca mais. Não vou mais chorar.

- Você vai guardar as chuvas do mundo no seu peito. Isso vai te machucar!

Disse isso enquanto abanava as costas marcadas da menina com a mão esquerda, enquanto a outra aflagava seus cabelos. Ela não disse mais nada. Continuaram ali, sob a luz da lua cheia, entre carinhos e silêncio.

....

Se me permite um parêntese, querida leitora, quero transbordar com você que o gesto quase silencioso do avô que se moveu em direção ao afeto e, assim, abanou as costas marcada da menina são, por exemplo, modos outros de conhecimento, uma utopia queer. Lembro-me de José Esteban Muñoz (2009) que o futuro queer é este horizonte inalcançável, como fuga. Dito de uma outra forma, a fuga é essa utopia queer que recusa às normatividades que excluem. Ao abanar as costas da neta, criou-se um gesto de utopia concreta, uma antecipação de um mundo que ainda não existe, mas que se ensaia na delicadeza de um afeto que resiste ao horror da violência.

Ainda hoje ela sente os ecos, as linhas de fugas da frase “Lua Cheia”. O afeto que tinha – e tem – pelo avô é muito mais que lembrança: é criação de si como potência, é resistência viva, mundos outros possíveis. Na relação com seu avô, aprendeu que o gesto afetivo pode ser também insurgente; que no acolhimento silencioso, há uma pedagogia do desvio, uma ética do afeto e do cuidado que alimenta a possibilidade de existir para além das normas que nos domesticam, nos silenciam, nos aniquilam. É nessa tessitura, onde memória, afeto e resistência se enlaçam, que ela segue inventando epistemologia, esse saber que pulsa, que erra, que se arrisca, que ocupa, que é cheia de afeto, na qual se recusa, sempre, a caber nas formas hegemônicas de pensar e ser.

1.2 Cachaça

Todas daquela casa estavam procurando o Senhor Fugitivo. Ela levantou-se do chão – estava deitada no chão debaixo do pé de limão –, passou as mãos pelo corpo

tentando tirar o excesso de areia, saiu correndo, entrou dentro da casa, foi até o quarto e pegou o vestido. Voltou para o limoeiro porque tinha esquecido o chinelo.

Correu em direção à porteira que dava acesso à estrada. Subiu, pulou e continuou correndo até o barzinho que ficava perto da casa onde morava. Avistou o Senhor Fugitivo. Ele estava sentado em um banquinho, tomando cachaça. Ele estava misturando cachaça maranhense com 51. Ela chegou devagarzinho, sentou-se perto dele, tocou seu ombro e disse:

– Senhor Fugitivo, tem gente procurando você. Bora para sua casa? Ele ficou olhando para ela, tentando decifrá-la, e rapidamente falou:

– Você me respeite, garota. Sou seu avô, não Senhor Fugitivo. Ela não resistiu e começou a gargalhar. Todos que estavam no bar ficaram observando o quanto seu sorriso era exagerado.

– Você é o meu Senhor Fugitivo avô.

– Tu está muito engraadinha.

– Apreendi com o Senhor Fugitivo avô. Ele começou a sorrir também. Ficaram ali por alguns minutos sorrindo. Ela se levantou, estendeu a mão e falou:

– Bora para casa, Senhor Fugitivo avô.

– Bora, dona lua cheia.

Ele segurou sua mão, levantou-se e pediu para colocarem as doses na sua conta, dizendo que pagaria depois. Saiu cambaleando e a dona lua cheia continuou na brincadeira:

– Você está dançando, Senhor Fugitivo avô. Ele parou, olhou para ela e começou a gargalhar. Foram para casa, espalhando ventos de sorrisos.

1.3 Reticências

– Ela também é sua filha. Por que não gosta dela? Por que a trata dessa forma? Por que tanto ódio? Ela é apenas uma criança! Nunca te bati, nunca bati em nenhum dos seus irmãos. Por que faz isso com ela? Ela é sua filha!

Perguntas sem resposta do Senhor Fugitivo Avô ao Homem!

...

Querida leitora, fico sentindo o cheiro da cachaça e das resistências em meu corpo. As pausas, os silêncios e as dobras do cotidiano marcam das experiências, e como nos diz Gloria Anzaldúa (2021) é preciso ocupar o entre-lugar da fronteira, da margem, onde a ferida se torna possibilidade de criação. O Senhor Fugitivo, por exemplo, que bebe cachaça maranhense misturada com 51, se esquia, desvia e cria linhas de fugas, além

de ensinar que a reticências, a resposta não dada para a falta de afeto destinada à sua neta, entre no compasso de um gole, de um silêncio partilhado à sombra de um cajueiro, é a corroboração das normas que estruturam quem deve ou não merecer e ser digna de afetividade.

1.4 A corrida cruel

Ela estava brincando sozinha no quintal. As outras irmãs estavam distantes, brincando de restaurante em outro canto. A Dona Lua Cheia tinha se levantado para ir até o pé de limão. Ouviu um grito:

– Corre que vou te pegar e te bater.

Ela ficou sem entender. Pensou se tinha feito alguma coisa de errado. Olhou para ela e quando voltou o olhar o homem estava correndo em sua direção. Ela começou a correr, correr, correr. Ficaram por alguns minutos rodando em torno da casinha do poço. Ela, com o peso do medo em todo seu corpo, enquanto ele dava gargalhadas da situação. Ela começou a chorar, pedindo para ele parar, pedindo para ele parar, pedindo para ele parar. Quanto mais ela chorava e pedia para ele parar, mais ele gargalhava.

– PARA COM ISSO AGORA!

Gritou o Senhor Fugitivo Avô da janela da casa que dava acesso ao quintal. O homem parou, mas continuou sorrindo. A menina continuou correndo e foi se esconder na parte do quintal que dava acesso à janela do quarto do Senhor Fugitivo Avô. Jogou-se no chão, abraçou as pernas e ficou chorando, olhando de um lado para o outro.

...

O corpo em fuga é resistência. Corre não apenas para escapar, querida leitora, mas também para criar-se, continuar viva. Lembro-me das provocações de Preciado (2017) ao afirmar que o corpo é prótese e máquina, porém, no movimento de resistência, é, pois, a própria performance do desvio, do que não cabe nas caixas da cisheteronormatividade. Talvez, assim, entre corridas, podemos sentir que performar não apenas reitera repetições, mas pode ser espaçotempo de reinventar, desencontrar, desfazer de si... possibilidade de falhar e desestabilizar (Butler, 2003). Corre-se não somente para escapar, mas para afirmar a insubmissão, criação de si.

1.5 Rio

Entra – falou ele, estendendo a mão para a Dona Lua Cheia tivesse coragem de entrar no rio.

– Não. Tenho medo... e se eu afundar?

– Não vai. Estou aqui.

Ela desceu a ribanceira devagarzinho, colocou o pé esquerdo na água, depois o direito. Segurou a mão do Senhor Fugitivo Avô. O balançar calmo da água do rio chegou até suas coxas.

- O que é para eu fazer?
- Sinta a água e veja o sol dando lugar para a noite.
- Devo fechar os olhos?
- Só se você quiser.

De olhos fechados, ela sentia a água fria do rio.

- A água está fria.
- É para acordar o corpo.

Ficaram de olhos fechados por alguns minutos e, depois, olharam para o horizonte, vendo sentido o sol ir embora.

...

O corpo que se molha, que se oferece à água é aquele que inventa saberes outros, que se deixa contaminar pelas forças da natureza, que se deixa em si. Fugas criadas pelo rio que se encanta pela afetividade de dois corpos intergeracionais. Sim, Gloria Anzaldúa (2021), é na travessia das fronteiras que construímos outras possibilidades de pensar, ser, sentir, saber, fazer e transformar. O corpo, que aqui é rio, se torna fronteira e passagem, memória e criação.

1.6 Morte

– Por que você foi embora? Por que morreu? Por que me deixou? Você não podia ter morrido, não podia. Eu só tinha você, só você. E agora, quem vai me chamar de Dona Lua Cheia? Quem vai me proteger do homem? Quem vai me proteger dessas pessoas que me chamam de estranha? Lembra, você me prometeu que iria comigo no riacho? Nunca mais confio em você. A gente ainda tinha que entrar no rio para ver o sol dando espaço para a noite. Você descumpriu as promessas que me fez. Eu te odeio, eu te odeio, eu te odeio. Você não podia morrer, você não podia morrer, você não podia morrer. A gente ainda tinha tempo para beber cachaça juntos. Eu gosto do seu sorriso. Gosto do jeito que passa a mão nos meus cabelos. Gosto do jeito que cuida da terra. Você gostava de mim. Agora não tenho mais ninguém que goste de mim. Você não poderia ter morrido. Você nem se despediu. Meu coração está doendo... Ela gritava para o vento sentada no lajeiro segurando as pernas e chorando entre os soluços. Era como se o coração de uma criança saísse pela boca!

...

Uma pausa em forma de pergunta, querida leitora: como o lamento da Dona Lua Cheia revela a dimensão simbólica da perda, transformando a morte não apenas em ausência física, mas em ruptura com o próprio sentido de identidade e proteção?

2 Dos deslocamentos queer à epistemologia sapatão

A teoria queer que neste texto aqui se desloca para mergulhar, ao passo que dá espaçotempo para outras criações, é um convite para ocupar o entre-lugar (Anzaldúa, 2021), abrindo fendas e, assim, na margem, atravessar fronteiras com os pés sujos de terra e o corpo molhado de desejo. Ela se movimento pela desordem para fazer mover e criar pontes para outros movimentos, outros devires, outras existências.

Assim, os subcontos criam acontecimentos experienciais em que a teoria queer muito presente para se pensar, neste caso, a infância estranha, vai se deslocando e agora, no presente, criam outros movimentos em direção a uma epistemologia sapatão. Ou seja, um modo outro de saber, de escrever, de pesquisar e de vasculhar as memórias que tanto atravessam nossos corpos dissidentes, sem temer a errância, os desvaneios. Muñoz (2009), por exemplo, me instiga a pensar que ser queer é viver na potência do ainda-não. E esse “ainda-não” que os contos forjam: não é concluída, estática, purificada. Ela deseja, falha, tem medo e segue.

Não é à toa que Judith Butler (2003) me convoca a reconhecer que as normas de gênero e sexualidade, a exemplo, são performances reiteradas, mas também sujeitas a falhas, a repetições, a rearticulações, reatualizações... são frágeis e falhas. Na falha me lanço, como quem dança um forró agarradinho sem coreografia prévia, para versentir o corpo se entregando à experiência. Afinal, como você bem disse, Paul B. Preciado (2017), o corpo é máquina, mas também é insubmissão e invenção.

Retomar essa invenção para criar resistências e mundos possíveis não nos ausenta de sairmos feridas. No entanto, essa invenção acontece nesse enlaçamento entre dor e desejo, alegria e ferida. E é assim que o Senhor Fugitivo e a Dona Lua Cheia se moveram: vem, dança comigo, inventa comigo. Um chamamento que me faz pensar a teoria queer e os seus deslocamentos para outros movimentos, como uma fresta que abre, que convida e que cria. Quem sabe, a epistemologia sapatão que ando inventando cotidianamente seja uma prática contínua de resistência, uma aposta política, epistêmica, social, estética, erótica e poética na possibilidade de existir de outros modos, de outros jeitos, de outras formas.

Entretanto, é preciso reconhecer que a teoria queer, com toda sua potência disruptiva, ainda tropeça quando tenta alcançar as especificidades de certos corpos que, ao longo da vida, foram nomeados – ou mais ainda, marcados – como estranhos. A criança

estranha, por exemplo, não era apenas uma infância fora da norma: era uma criança sapatão, uma dissidência tão precoce quanto silenciada, tão evidente quanto indizível.

Por isso, afirmar uma epistemologia sapatão não é apenas um deslocamento, mas um rompimento. Não é apenas continuidade da teoria queer, mas uma fratura que irrompe para criar outras bases, outros fundamentos, outros corpos de saber. A invenção de uma epistemologia poéticaerótica sapatão feminista é um movimento de ruptura, mas também um impulso: uma força criadora que, ao partir do corpo marcado, quer ampliar o horizonte de outros movimentos, de outras infâncias, de outras fugas, de outras epistemologias por vir.

3 Queerizar: escrever como fuga, como resistência, como afeto

Chego às considerações finais como quem, sentada na sombra do cajueiro, fecha o caderno apenas por um instante, sabendo que a escrita continua, que o rio segue correndo, que o vento ainda sopra, que o desejo continua pulsando, que a memória é travessia, que a experiência é ponte de produção de saberes outros. O que aqui se apresenta é uma travessia inacabada, um convite ao vir-a-ser. Talvez, seja mais um suspiro de quem reconhece que inventar uma epistemologia poéticaerótica sapatão feminista é, antes de tudo, um exercício cotidiano de resistência, de ocupação, de articulação política.

A teoria queer, com suas linhas de fuga e suas recusas às normatividades, me ensinou a ocupar a errância como lugar legítimo de produção de saber. Gloria Anzaldúa, José Esteban Muñoz, Judith Butler e Paul B. Preciado me acompanharam e me acompanham nesta dança insurgente que é também política, estética, erótica, afetiva, epistêmica e social. Com elas e com elas aprendi que a escrita pode ser performativa, que o desejo é criativo, que a resistência é encarnada.

Assim, apenas interrompo reafirmando que a epistemologia que aqui invento é travessia, é desvio, é abano suave nas costas marcadas, é corrida desesperada pela vida, é cachaça sorvida à beira da estrada, é silêncio e é grito, é poesia que nunca se exaure, é saudade do Senhor Fugitivo. E é, sobretudo, que os pensamentos da teoria queer, com sua beleza e seus limites, seja a última palavra sobre nossos corpos. Porque, se queerizou-se a infância, ainda falta nomear aquilo que queer não dá conta: a especificidade de uma criança sapatão, que não cabia nem na linguagem da norma, nem no campo aberto da teoria queer.

Por isso, a escrita que agora entrego rasura, transborda, explode o contorno, promove deslocamentos na teoria queer, para insistir na necessidade política, epistêmica, estética e ética de afirmar: era uma criança estranha, sim, mas, sobretudo, uma criança sapatão. E isso importa! Importa porque, ao nomear, reivindico: existimos, resistimos, criamos.

E, mais ainda, ao nomear, rasgo a promessa silenciosa de que um dia alguém como eu – ou quem sabe eu mesma – poderia crescer sem nunca ter sido lida apenas como estranha, mas como potência, como diferença viva, como insurgência sapatão que dança agarrada à beira do rio, abrindo mundos outros para quem, como eu, nunca coube.

O que fica, então, é o convite: venha, invente comigo, ouse comigo, dance comigo outros mundos possíveis. Leia-me inteira, de pernas abertas, trêmulas, desejosas, corajosas. Leia-me como quem atravessa o rio ao pôr do sol: sabendo que do outro lado há sempre mais mundo, mais corpo, mais desejo, mais vida.

Referências

ANZÁLDUÁ, Gloria. *A vulva é uma ferida aberta & outros ensaios*. Tradução de Tatiana Nascimento. Rio de Janeiro: Á Bolha Editora, 2021.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

DOUBROVSKY, Serge. O último eu. In: NORONHÁ, Jovita Maria Gerheim (org.). *Ensaaios sobre a autoficção*. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

MUÑOZ, José Esteban. *Cruising utopia: The then and there of queer futurity*. New York: New York University Press, 2009.

PRECIADO, Paul B. *Manifesto contrassexual*. Tradução de Francisco Godinho. Lisboa: Sistema Solar, 2017.

Vol. 02, **Nº 04** (2025)
ISSN: 2966-0130

REVISTA FIOS DE LETRAS



editora
UEA



UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS



Vol. 02, **Nº 04** (2025)
ISSN: 2966-0130

REVISTA FIOS DE **LETRAS**

ELAS TAMBÉM CARREGAM ESPADAS:
O MACHISMO INCONSCIENTE EM MULHERES
LÊSBICAS DESFEM E AS FORMAS SIMBÓLICAS DE
DOMINAÇÃO NAS RELAÇÕES AFETIVAS

Samara Santos Nina



editora
UEA



UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS



**Elas também carregam espadas: o machismo inconsciente em mulheres lésbicas
desfem e as formas simbólicas de dominação nas relações afetivas**

2

They also carry swords: unconscious machismo in lesbian women and symbolic
forms of domination in affective relationships

Samara Santos Nina¹

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3326-5051>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4518906007020329>

E-mail: samarasantosnina@gmail.com

Resumo: Este artigo propõe uma reflexão crítica sobre o machismo inconsciente em mulheres lésbicas, com foco naquelas que performam a desfeminilidade. Com base em uma abordagem teórico-analítica de cunho interseccional, discute-se como normas patriarcais internalizadas se manifestam em vínculos afetivos entre mulheres, gerando dinâmicas de controle, silenciamento e reprodução de hierarquias. A partir das contribuições de autoras como Michelle Perrot, Iraíldes Caldas Torres, Judith Butler, bell hooks, Sueli Carneiro e Carla Akotirene, analisa-se de que modo a dissidência sexual não garante, por si só, a ruptura com a normatividade. Questões como a romantização da força, a hierarquização das performances de gênero, a invisibilização de parceiras mais femininas e a reprodução de práticas tóxicas aprendidas na heteronormatividade são discutidas à luz de uma crítica feminista e antirracista. A investigação propõe uma ética relacional baseada na escuta, na partilha e no desaprendizado da dominação, reconhecendo a importância de práticas afetivas que não reiterem a lógica do poder. Ao nomear violências muitas vezes naturalizadas, o artigo contribui para o debate sobre as contradições e possibilidades das relações entre mulheres no contexto do lesbianismo contemporâneo.

Palavras-chave: Lesbianidade; Machismo inconsciente; Desfeminilidade; Violência simbólica; Interseccionalidade.

Abstract: This article offers a critical reflection on unconscious machismo in lesbian women, focusing on those who perform defeminized gender expressions. Based on a theoretical and intersectional analytical approach, it discusses how internalized patriarchal norms are reproduced in affective relationships between women, generating dynamics of control, silencing, and symbolic hierarchies. Drawing on authors such as Michelle Perrot, Iraíldes Caldas Torres, Judith Butler, bell hooks, Sueli Carneiro, and Carla Akotirene, the study analyzes how sexual dissidence alone does not guarantee a break from normativity. Topics such as the romanticization of strength, the hierarchy of gender performances, the invisibilization of more feminine partners, and the reproduction of toxic behaviors learned from heteronormativity are examined through a feminist and antiracist lens. The article proposes a relational ethic grounded in listening, shared care, and the unlearning of domination, recognizing the need for affective practices that do not replicate power structures. By naming often naturalized forms of violence, the work contributes to discussions on the contradictions and possibilities of lesbian relationships in contemporary contexts.

Keywords: lesbianism; unconscious machismo; defeminization; symbolic violence; intersectionality.

¹ Mestra em Letras e Artes pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes (PPGLA) pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Manaus, Amazonas – Brasil.

 <https://doi.org/10.59666/fiosdeletras.v2i04.4376>

 <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

O machismo, enquanto sistema estrutural de opressão, não se limita aos espaços tradicionalmente heteronormativos. Ele se infiltra, de maneira muitas vezes imperceptível, em territórios de resistência, inclusive nas relações entre mulheres lésbicas. Este artigo propõe uma reflexão crítica sobre a manifestação do machismo inconsciente em mulheres lésbicas *desfem* — termo utilizado para designar aquelas que rompem com os padrões da feminilidade hegemônica, mas que, justamente por isso, acabam socialmente alocadas em papéis tradicionalmente associados à masculinidade dominante, reafirmando de forma simbólica e naturalizada, as lógicas de dominação patriarcal, na expectativa de que assumam posições de comando, proteção ou controle nos vínculos.

A análise parte de um diálogo interdisciplinar com autoras feministas e teóricas queer, como Adrienne Rich, Judith Butler, bell hooks, Sueli Carneiro e Carla Akotirene, bem como pensadoras que se dedicaram à história e à crítica das estruturas patriarcais, como Michelle Perrot e Iraíldes Caldas Torres, cujas contribuições nos permitem refletir sobre os modos como a dominação masculina se internaliza e se rearticula mesmo em contextos dissidentes. O conceito de heterossexualidade compulsória, proposto por Rich, será aqui mobilizado para questionar os padrões de gênero e desejo que atravessam e normatizam as experiências afetivas lésbicas. Butler, por sua vez, oferece a noção de performatividade de gênero como chave analítica para compreender de que maneira certos gestos e posicionamentos se repetem até que se tornem naturais — inclusive quando operam a partir de corpos dissidentes.

Não se trata de acusar o sujeito lésbico em si, mas investigar como normas sociais moldam de forma insidiosa até mesmo os vínculos mais íntimos. hooks (2019) contribui ao refletir sobre como o amor, quando atravessado por dinâmicas assimétricas de poder, pode deixar de ser libertador e converter-se em instrumento de controle emocional e simbólico. Por meio da interseccionalidade proposta por Carneiro (2003) e Akotirene (2019), observamos como raça, gênero e sexualidade operam de forma entrelaçada na produção de experiências específicas, sobretudo no caso de mulheres negras lésbicas, que enfrentam múltiplas camadas de marginalização.

Ao lado dessas leituras, a contribuição de Perrot e Torres oferecem subsídios para entender o silêncio como ferramenta de dominação e o patriarcado como uma estrutura simbólica naturalizada nos afetos, linguagens e práticas cotidianas. A violência, nesse contexto, nem sempre se expressa em sua forma explícita, mas se esconde no gesto tido como “cuidadoso”, no ciúme que se romantiza, na hierarquia não nomeada que organiza a dinâmica da relação.

Ao problematizar essas práticas e suas consequências, este artigo se propõe a desestabilizar o imaginário que coloca as relações entre mulheres como espaços isentos

de poder, disputa e dominação. Longe de desautorizar a potência política e afetiva da lesbianidade, esta reflexão busca evidenciar suas complexidades, suas contradições e, principalmente, sua capacidade de reinvenção. Porque só nomeando as violências podemos, de fato, construir vínculos mais conscientes, éticos e, sobretudo, livres.

2. Metodologia

Este artigo tem caráter teórico-analítico, fundamentado em uma abordagem qualitativa de natureza interpretativa. A partir de uma leitura crítica dos campos feminista, dos estudos de gênero e da teoria queer, investiga-se como o machismo se inscreve nas subjetividades e relações de mulheres lésbicas desfem. A análise é construída por meio de revisão bibliográfica de autoras que discutem os mecanismos simbólicos e estruturais da dominação patriarcal, com ênfase na reprodução desses mecanismos no âmbito das relações íntimas. Embora não se trate de uma pesquisa empírica tradicional, o estudo dialoga com práticas culturais, experiências narradas em textos teóricos e observações sobre dinâmicas cotidianas relatadas na literatura lésbica feminista contemporânea. O enfoque interseccional sustenta o recorte, articulando gênero, sexualidade, raça e classe como dimensões indissociáveis da análise.

3. Discussão

3.1 Performatividade, normatividade e a lógica do poder

O patriarcado não mais necessita da imposição direta para se manter. Como nos adverte Torres (2003), ele opera de maneira simbólica, ancorado em estruturas que moldam a linguagem, os afetos e os modos de subjetivação. A força do sistema reside exatamente nessa capacidade de se tornar invisível, de se manifestar sob formas aparentemente inofensivas, como o cuidado, o zelo, a proteção — gestos que, quando atravessados por hierarquias afetivas, deixam de ser afeto e se tornam dominação. A performatividade de gênero, de acordo com Butler (2013), auxilia na compreensão de como as repetições normativas moldam condutas de maneira naturalizada, mesmo entre sujeitos dissidentes. A performatividade, ao contrário de um ato isolado, é uma repetição ritualizada de discursos, práticas e gestos que dão a ilusão de uma identidade de gênero estável e coerente. Assim, mesmo quando corpos se deslocam da cisheteronorma², permanecem inscritos nos roteiros já conhecidos de dominação e obediência. A mulher lésbica desfem,

2 A cisheteronorma é o regime de normatividade que estabelece como padrão social a conjunção entre identidade de gênero cisgênera e orientação heterossexual. Essa norma marginaliza vivências dissidentes e atua de forma naturalizada nas estruturas sociais, afetivas e institucionais (Louro, 2018).

nesse contexto, é vulnerável a ajustes simbólicos, logo, é socialmente lida como substituta do homem — não porque se veja dessa maneira, mas porque os códigos culturais assim o determinam. E é aí que o machismo se infiltra: quando o papel da dominação é reiterado, mesmo em contextos que se propõem a ser subversivos, reafirmando todas as formas da masculinidade hegemônica.

Nesse sentido, torna-se essencial mobilizar o conceito de heterossexualidade compulsória, de Rich (1980), não apenas como uma crítica à obrigatoriedade da heterossexualidade enquanto sistema político, mas como chave de leitura para compreender como esse sistema produz subjetividades femininas. Essas subjetividades são marcadas por uma expectativa de completude apenas possível pela presença de um masculino — sendo simbolicamente representado por uma mulher lésbica desfem. Quando essa presença do “masculino” é requerida, convoca-se a lésbica desfem a ocupar a posição do sujeito ativo, dominante, provedor, ou seja, o “homem da relação”. Esse comportamento não se origina no desejo, mas na norma.

Perrot (2005), ao tratar da história das mulheres, ressalta que o silêncio a que foram submetidas por séculos é, por si só, uma tecnologia de dominação. E é nesse ponto que sua análise se torna fundamental para o presente estudo:

O silêncio é o comum das mulheres. Ele convém à sua posição secundária e subordinada. Ele cai bem em seus rostos, levemente sorridentes, não deformados pela impertinência do riso barulhento e viril. Bocas fechadas, lábios cerrados, pálpebras baixas, as mulheres só podem chorar, deixar lágrimas correrem como água de uma inesgotável dor. O silêncio é um mandamento reiterado através dos séculos pelas religiões, pelos sistemas políticos e pelos manuais de comportamento. Silêncio das mulheres na igreja ou no templo; maior ainda na sinagoga ou na mesquita, onde elas não podem nem ao menos penetrar na hora das orações. [...] Silêncio até mesmo na vida privada (p. 10)

O silêncio ensinado, imposto, reproduzido, é o que permite que determinadas violências sequer sejam nomeadas. É ele que impede que mulheres identifiquem o controle como controle, a dominação como violência. É ele que transforma relações de afeto em arenas de disputa simbólica, onde o poder é exercido de forma velada, mas nem por isso menos brutal. Quando uma mulher sáfica não consegue reconhecer a opressão em sua relação com outra mulher, não se trata de cegueira individual, mas do efeito histórico de um pacto social que nos ensinou que o amor — especialmente entre mulheres — deve ser, acima de tudo, resiliente e silencioso.

Questionar o machismo internalizado entre mulheres sáficas não é uma negação do afeto, mas um gesto de cuidado coletivo. É abrir espaço para práticas outras, que não repliquem as lógicas da dominação masculina, mas que se fundamentem na escuta, na partilha e na possibilidade real de liberdade mútua.

3.2 A construção social da desfeminilidade e o peso das estruturas patriarcais

6

Nesse artigo, o termo desfeminilização será compreendido como o processo simbólico, social e político pelo qual os sujeitos femininos — especialmente lésbicas, mulheres negras e dissidentes de gênero — são destituídos dos signos tradicionalmente associados à feminilidade hegemônica, seja por escolha subjetiva, imposição social ou expectativa da performatividade divergente daquilo que é considerado feminino.

Esse processo atua tanto como ruptura como ratificação de normatividades, funcionando por um lado, como estratégia de resistência à lógica da domesticidade e da subalternização do feminino (Nina, 2021), por outro, a instrumentalização para reinscrever nesses corpos funções definidas como tradicionalmente masculinas — força, autoridade e insensibilidade emocional — resultando na perpetuação das dinâmicas de dominação simbólica no interior de relações entre mulheres.

A partir disso, temos que a desfeminilidade, enquanto prática dissidente da norma hegemônica de gênero, é frequentemente compreendida como resistência. Entretanto, é fundamental reconhecer que tal expressão não escapa, por si só, às forças reguladoras da heteronormatividade. A construção da desfeminilidade acontece em oposição ao ideal de feminilidade domesticada, mas isso não significa ausência de normatividade. Ao contrário, muitas vezes o que se observa é a substituição de um modelo por outro, igualmente rígido, mas com novas roupagens. Como observa Nina (2021), “o conceito de feminilidade é constituído socialmente a partir das representações que sustentam o ideal de mulher”, o que indica que mesmo a recusa dessa feminilidade não rompe automaticamente com a lógica patriarcal que a fundou.

O fato de que a realidade do gênero é tida por meio das performances sociais nos leva ao significado de que as noções de masculinidade e feminilidade verdadeiras ou permanentes são constituídas. Como parte de uma estratégia que oculta a especificidade performativa do gênero e suas possibilidades de proliferação das configurações de gênero fora das estruturas restritivas da dominação masculina e da heterossexualidade compulsória (Butler, 2013).

A norma dita que a mulher deve moldar seu corpo segundo os padrões de beleza determinados pela estrutura de poder, fazendo uso de signos visuais considerados femininos, sendo conduzida a se colocar, muitas vezes, de forma delicada, e até mesmo submissa, para enaltecer seus atributos relativos à feminilidade. Esses signos visuais são ainda reforçados pelas poses e expressões (Leite; Waechter, 2014). Esses atributos derivam da forte influência da sua relação com a natureza psíquica e afetiva, tida como inata à mulher, ou seja, a feminilidade deve ser sustentada por esses signos, sendo seu uso e forma transferidos para a usuária como características dela mesma (Massara,

2013), tornando a feminilidade uma característica inerente a quem faz uso dos elementos referidos.

É nesse ponto que o peso das estruturas patriarcais se revela. A desfeminilidade, ainda que disruptiva, pode ser cooptada como uma reatualização simbólica da masculinidade tradicional. O que deveria ser ruptura se converte, sutilmente, em continuidade. Como Butler (2013) explica, a performatividade de gênero é uma repetição que constrói a ilusão de identidade coerente, mas essa repetição também pode operar em prol da manutenção de padrões opressivos. A mulher desfem, ao repetir gestos lidos socialmente como masculinos, acaba inserida na lógica da dominação — mesmo que essa não seja sua intenção.

Os discursos que constituíram a feminilidade tradicional fazem parte do imaginário social moderno, do senso comum, da religião e da grande produção científica e filosófica da época, que determinava o que cada mulher deveria ser para ser verdadeiramente uma mulher (Kehl, 2008, p. 44).

Ao a atrelarmos a performatividade de gênero à imagem transmitida a um espectador, é possível concluir que ali estão presentes significados implícitos de funções simbólicas, possibilitando a leitura através da experimentação de sensações e emoções ao reconhecer um signo visual, que exige conhecimento prévio de seu significado e função (Niemeyer, 2006). Dessa forma, ao ver uma imagem, o espectador a tem como representação de seu cotidiano (Pesavento, 2005, p. 67).

3.3 A espada como metáfora da dominação performada

A anatomia sexual tem sido historicamente utilizada como critério fundamental para diferenciar os sujeitos quanto ao gênero, operando a partir de uma leitura biologizante dos corpos, fortemente atravessada por significações culturais. A genitália, em especial, torna-se marcador simbólico dessa distinção, legitimando expectativas sociais que associam presença ou ausência do falo a lugares fixos na estrutura de poder. Para essa distinção, se fazia necessária a definição do Outro (Kehl, 2016). A masculinidade e a feminilidade, idealizadas de forma utópica, são organizadas pela tríade, falo, falta e desejo, que estruturam o indivíduo, o *eu*. A feminilidade foi construída sob a perspectiva da falta: a mulher não possui o falo³, ela é o negativo, a ausência que pressupõe o desejo, esse que apenas o portador do falo poderia suprir. Já a masculinidade, por sua vez, é constituída

3 Na tradição psicanalítica, o *falo* não se confunde com o órgão anatômico, mas opera como um significante privilegiado de poder, completude e centralidade simbólica. É ele que organiza as posições no campo do desejo e estrutura a diferença sexual sob a lógica binária da cultura falocêntrica. Nessa lógica, a mulher é posicionada como “falta”, não por ausência biológica, mas por estar excluída da posse simbólica desse significante que define quem pode desejar e ser desejado (Kehl, 2016).

naturalmente pela posse do falo, tendo o desejo e a missão de suprir as necessidades daquele corpo “castrado”.

“Identidade feminina” e “identidade masculina” são composições significantes que procuram se manter distintas, nas quais se supõe que se alistem os sujeitos, de forma mais ou menos rígida, dependendo da maior ou da menor rigidez da trama simbólica característica de cada sociedade (Kehl, 2016, p. 23).

Sendo assim, o machismo enquanto um sistema ideológico que justifica a dominação masculina e a submissão feminina, em que os homens são superiores às mulheres, normalizado entre mulheres lésbicas desfem é uma das manifestações mais sutis e difíceis de nomear das dinâmicas patriarcais internalizadas. Não se trata de um machismo deliberado ou mal-intencionado, mas de comportamentos reproduzidos por códigos de poder tão antigos que já parecem naturais. A mulher que se impõe como “a que decide”, “a que protege”, “a que assume”, muitas vezes está apenas reiterando o que aprendeu como sendo a função do sujeito ativo numa relação amorosa. A espada que ela carrega não é visível, ela é simbólica, construída por gestos, silêncios e posturas que performam poder.

A metáfora da espada⁴, evocada no título deste artigo, remete a um signo historicamente associado à autoridade e à dominação, atributos centrais na lógica da masculinidade hegemônica. Nesse sentido, ela ilustra uma forma de dominação performada que, embora não se expresse pela violência física ou agressividade aberta, atua pela legitimação tácita do poder no interior da relação afetiva. Conforme argumenta Bourdieu (2019), a dominação simbólica opera pela naturalização de hierarquias, fazendo com que determinados gestos, vozes e presenças sejam reconhecidos socialmente como legítimos e, portanto, autorizados a conduzir. A espada aparece, assim, na voz mais firme, no gesto que interrompe, na autoridade silenciosa que confunde presença com controle. Trata-se de uma presença formativa cuja força não está no impacto direto, mas no reconhecimento reiterado do poder. Como nos lembra Perrot (2005), “a dominação mais eficaz é aquela que se apresenta como natural”; e é justamente isso que torna esse machismo tão difícil de ser combatido.

Esse tipo de dominação performada não só é socialmente tolerado, como muitas vezes é desejado e romantizado. Em um cenário onde ainda se espera que alguém assuma o comando da relação, a lésbica desfem é empurrada para esse lugar. E uma vez nesse lugar, encontra a validação do seu entorno, que a interpreta como “forte”, “segura”,

⁴ A metáfora da espada articula poder simbólico e performatividade, representando um signo de autoridade reconhecido socialmente, mais do que exercido pela força. Presente em tradições mitológicas e literárias, ela é historicamente associada à masculinidade e à dominação. No imaginário patriarcal, a espada também funciona como uma extensão simbólica do falo, não apenas por sua forma, mas por sua função de impor, penetrar, separar e conduzir. Assim, seu uso neste artigo evidencia como atributos do poder fálico podem ser atualizados em relações dissidentes, por meio da repetição de gestos e posturas que reproduzem a lógica da dominação.

“madura”. Pouco se questiona se essa segurança não é, na verdade, rigidez; se essa força não encobre uma incapacidade de vulnerabilidade; se esse cuidado não opera como controle. São essas zonas cinzentas que alimentam o machismo inconsciente e tornam as relações assimétricas, mesmo quando vestidas com a estética da igualdade.

3.4 A hierarquia velada: quem cuida, comanda

Nas relações afetivas entre mulheres, especialmente quando uma das parceiras segue a performance desfem, as práticas de cuidado frequentemente reproduzem estruturas hierárquicas travestidas de zelo. A mulher que assume sozinha o cuidado excessivo, que toma todas as decisões, que protege com intensidade, acaba sendo aquela que define os rumos da relação. Quando o cuidado não é compartilhado, ele se tona um espaço de poder e controle. Essa dinâmica reflete, de forma preocupante, modelos heteronormativos de relacionamento, em que o amor é confundido com a posse e o cuidado se transforma em uma forma de controle.

A naturalização dessa hierarquia emocional leva à reprodução de padrões afetivos tóxicos. A parceira que é cuidada, por sua vez, pode se ver aprisionada em um papel de dependência afetiva, no qual suas vontades, tempos e desejos são constantemente negociados com a figura dominante da relação. A assimetria se instaura não pela força bruta, mas pela sutileza dos gestos cotidianos: quem marca os horários, quem define os limites, quem decide quando e como o outro pode ou não ocupar certos espaços. O amor deixa de ser uma construção compartilhada e passa a ser um campo de dominação emocional.

Essas dinâmicas não surgem do nada. Elas são aprendidas, reiteradas e muitas vezes romantizadas. A dificuldade de nomear essas estruturas nas relações entre mulheres impede que se compreenda que a toxicidade relacional não é exclusividade dos casais heterossexuais. Ela é, infelizmente, uma possibilidade real e vivida, que precisa ser enfrentada com a mesma seriedade.

3.5 Quando o silêncio protege a violência: a opressão mascarada de afeto

O silêncio é, talvez, um dos recursos mais eficazes de manutenção da violência simbólica. A ausência de nomeação, o evitar o conflito, o desejo de manter uma imagem de harmonia são mecanismos que impedem o enfrentamento do machismo internalizado nas relações entre mulheres. Nos relacionamentos afetivos entre mulheres, o silêncio ainda carrega uma carga histórica de apagamento, marginalização, sobrevivência. Nomear a

violência pode ser visto, equivocadamente, como uma traição à causa, como se fosse proibido haver conflito em uma relação na qual se supõe haver apenas afeto e sororidade.

Esse silêncio, no entanto, abre espaço para que práticas como a do controle dos hábitos, a invasão da privacidade, o ciúme extremo e a possessividade se instalem como se fossem manifestações legítimas de amor. A narrativa romântica do “amar demais” frequentemente é usada para justificar atitudes que, na realidade, reduzem a autonomia da outra. Como aponta hooks (2019), o amor só pode florescer em espaços de reciprocidade e liberdade. Onde há hierarquia, há também uma ferida aberta que mina a possibilidade de construção conjunta. A ruptura com essa estrutura não se completa quando o controle é apenas exercido por outro corpo feminino.

É neste cenário que a violência simbólica encontra campo fértil. Não há gritos nem empurrões, mas há um constante silenciamento da individualidade, uma vigilância emocional travestida de zelo. A mulher controlada começa a duvidar de si, a se autojustificar, a reduzir seus espaços para não “causar conflito”. A afetividade, nesse contexto, deixa de ser campo de cuidado mútuo para se tornar território de domínio. Como nos lembra Perrot (2005), o silêncio imposto às mulheres é uma ferramenta política — e o silêncio dentro da relação, também o é. Romper com esse silêncio é não apenas um gesto de coragem, mas de sobrevivência subjetiva.

O que se observa, muitas vezes, nas relações entre mulheres é a repetição de estruturas afetivas herdadas do modelo heterossexual — com outros corpos, mas os mesmos códigos, que naturalizam hierarquias e padrões de poder historicamente construídos. Essa repetição não é deliberada, mas sintomática: ela demonstra como os afetos também foram colonizados pelo patriarcado, e como é difícil escapar de seus roteiros, mesmo nas margens. Quem “aguenta mais”, quem “resolve tudo”, quem “decide para o bem do casal” ocupa, de forma quase imperceptível, uma posição de comando. Essa dominação não é sempre vista como negativa — e é justamente aí que mora seu perigo. Como Nina (2021) escreveu sobre a idealização da mulher na *Revista Feminina*, “o amor é apresentado como o ápice da realização feminina, mas apenas quando este obedece às normas estabelecidas”. Quando se transfere esse ideal para a esfera das relações lésbicas, corre-se o risco de repetir, com outras faces, os mesmos mecanismos de subordinação.

Ao reproduzir essas dinâmicas, a relação afetiva perde sua potência de subversão. Em vez de ser um espaço de invenção, ela se torna um espelho das estruturas que as sujeitas, supostamente, buscavam romper. A crítica aqui não é às mulheres em si, mas à reprodução automática de gestos e estruturas que, embora disfarçadas de cuidado, reproduzem a dominação. O “retorno do mesmo” é, assim, a continuidade de um *script* colonial, patriarcal e heteronormativo, que ainda encontra lugar até mesmo nas práticas que se pretendem revolucionárias.

3.6 Invisibilização de parceiras mais femininas

A construção simbólica da mulher lésbica ainda está profundamente marcada pela valorização de performances de gênero consideradas próximas da masculinidade. Nesse contexto, a mulher lésbica que performa feminilidade tende a ser deslegitimada: vista como “menos lésbica”, como passiva, ou mesmo como superficial. A lógica hierárquica de gênero, que já organiza o mundo entre os polos do ativo e do passivo, do dominante e do dominado, infiltra-se nas relações lésbicas, conferindo prestígio àquela que aparenta dominar, enquanto apaga, deslegitima ou infantiliza a que se mantém no campo do feminino.

Esse apagamento não se dá apenas na representação social, mas também nas dinâmicas internas da relação. Muitas vezes, a parceira mais feminina é colocada em posição de menor autoridade, com sua voz sendo menos ouvida, suas decisões menos consideradas. Ela se torna “a que acompanha”, e não “a que constrói com”. A estrutura simbólica de valorização da desfeminilidade como potência, força e comando impede que a feminilidade seja reconhecida como escolha legítima e como *locus* de potência política. Como se toda feminilidade fosse, por definição, submissa — e toda desfeminilidade, resistência. Trata-se de uma dicotomia falaciosa que precisa ser desconstruída.

Além disso, a invisibilização da parceira mais feminina reverbera também na própria construção identitária das mulheres lésbicas. Quando apenas certos corpos e estéticas são validados como representações legítimas da lesbianidade, cria-se uma política de pertencimento excludente. A lésbica feminina passa a habitar uma zona de incerteza, precisando constantemente reafirmar sua orientação. Essa insegurança, alimentada por um discurso que associa autenticidade à desfeminilidade, não é um problema individual, mas um efeito colateral da normatização da dissidência.

3.7 Intersecções: raça, masculinidade e o estigma da força

Quando falamos sobre machismo inconsciente entre mulheres lésbicas, não podemos desconsiderar os atravessamentos de raça que complexificam essas dinâmicas. A mulher negra lésbica desfem ocupa um lugar de múltiplas expectativas sociais. A masculinização simbólica de seu corpo é somada à construção racista que associa a mulher negra à força, à resistência e à frieza. Essa imagem — sustentada por um imaginário colonial e patriarcal — legitima a crença de que mulheres negras suportam mais, sentem menos, e por isso, podem “aguentar” relações mais duras, mais exigentes, mais desequilibradas. É a naturalização da dor como elemento constitutivo da subjetividade negra.

Carneiro (2003) alerta para essa dinâmica ao afirmar que o racismo impõe às mulheres negras um lugar de “hipervisibilidade subordinada”, em que seus corpos são vistos, mas suas dores não são legitimadas. Na prática relacional, isso significa que a mulher lésbica negra desfem não é apenas projetada como a figura dominante da relação — ela é esperada nesse lugar. E ao mesmo tempo em que se espera que ela controle, decida e conduza, nega-se a ela o direito à vulnerabilidade, ao afeto delicado, ao cuidado. O estigma da força, tão frequentemente romantizado, é, na verdade, uma forma de desumanização.

Como observa Akotirene (2019), a interseccionalidade não é um mero acúmulo de opressões, mas um sistema de exclusão que opera simultaneamente em múltiplas frentes. A mulher negra lésbica que performa desfeminilidade não é só marcada pela sexualidade dissidente, mas por um sistema que a racializa e a masculiniza. Ao ocupar esse lugar, ela enfrenta tanto o machismo da sociedade quanto as normatividades afetivas dentro da própria comunidade. E quando ela exerce o poder, não raro é lida como agressiva; quando se vulnerabiliza, é vista como fraca — o que revela uma armadilha simbólica que aprisiona sua existência. Reconhecer essas camadas não é fragmentar a luta, mas aprofundá-la.

4. Considerações finais

A análise proposta neste artigo revelou que o machismo não apenas persiste nas estruturas mais visíveis da sociedade, como também opera com força redobrada em espaços que se pretendem dissidentes. A lesbianidade, embora ofereça uma ruptura com o modelo heteronormativo de afeto e desejo, não é suficiente, por si só, para desfazer a normatividade internalizada que organiza os vínculos e distribui o poder dentro das relações. O machismo inconsciente entre mulheres lésbicas desfem não deve ser lido como falha individual, mas como efeito de uma pedagogia patriarcal que ensinou — com precisão simbólica — o que é amar, cuidar, desejar e mandar.

Ao longo desta discussão, tornou-se evidente que a desfeminilidade, quando convertida em performance legitimada de autoridade, pode ser capturada pelo discurso da dominação, repetindo os códigos que deveriam ser subvertidos. Isso não implica deslegitimar a expressão desfem como potência política, mas sim problematizar quando e como ela se torna veículo de hierarquia. A violência simbólica, o controle travestido de proteção, o silenciamento da parceira mais feminina e a erotização da dureza em corpos negros são sintomas de um sistema que continua operando sob outras estéticas. O corpo dissidente, nesse cenário, pode se tornar campo de batalha — não apenas contra a sociedade, mas dentro dos próprios afetos.

É nesse ponto que a interseccionalidade se impõe como ferramenta ética de análise e transformação. Quando consideramos raça, gênero e sexualidade como vetores simultâneos de opressão e resistência, somos capazes de enxergar a complexidade das relações afetivas entre mulheres com mais responsabilidade crítica. A mulher lésbica negra desfem, atravessada por estigmas de força e comando, precisa ser compreendida a partir das violências históricas que a constituem, mas também a partir da possibilidade de fuga, reinvenção e cuidado. Não basta nomear o machismo entre mulheres — é preciso nomeá-lo nas suas múltiplas camadas e propor práticas outras, que não se sustentem na repetição da dor.

Porque amar, entre mulheres, deveria ser também um exercício de libertação mútua. Um desaprendizado paciente das estruturas que nos ensinaram a vigiar em vez de acolher. Um desvio do caminho esperado, onde o cuidado não seja sinônimo de poder, e o silêncio não seja moeda de troca para preservar o que nos violenta. Amar, entre nós, deveria ser um gesto desarmado — onde nenhuma espada seja necessária, e onde o corpo da outra não seja território a ser dominado, mas mundo possível a ser habitado com escuta, ética e ternura.

5. Referências

- AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Pólen, 2019.
- BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. Tradução de Sérgio Milliet. 4.ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- CARNEIRO, Sueli. *Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero*. Geledés Instituto da Mulher Negra, 2003. Disponível em: https://www1.unicap.br/neabi/?page_id=137. Acesso em: 03 abr. 2025.
- HOOKS, bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. Tradução de Ana Ban. São Paulo: Elefante, 2019.
- KEHL, Maria Rita. *Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade*. 2. Ed. — São Paulo: Boitempo, 2016.
- LEITE, I. T. R.; WAECHTER, H. N. A informação de moda nas capas das revistas femininas: uma análise sobre o vestuário proposto na capa da revista Manequim e seus efeitos. Proceedings of the 6th Information Design International Conference, 5th

InfoDesign, 6th CONGIC, Blucher Design Proceedings, n.2, vol.1, São Paulo: Blucher, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

PERROT, Michelle. *Os Excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*. Tradução de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

MASSARA, I. H. M. Feminilidade: um detalhe. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 25, n. 3, p. 497-514, Rio de Janeiro, 2013. ISSN 1984-0292. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/6KB7GRvKqZRGvNbQY7SZC8S/?lang=pt>. Acesso em: 29 mar. 2025. doi: <https://doi.org/10.1590/S1984-02922013000300006>.

NIEMEYER, Lucy. *Elementos de Semiótica Aplicados ao Design*. Editora 2AB: Rio de Janeiro, 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

RICH, Adrienne. *Heterossexualidade compulsória e existência lésbica (1980)*. Tradução de Angélica Freitas e Daniel Lühmann. Rio de Janeiro: A Bolha Editora, 2019.

TORRES, Iraildes Caldas. *Patriarcalismo, família e gênero*. São Paulo: Cortez, 2003.

NINA, Samara S.. *Representações e discursos sobre a feminilidade na Revista Feminina (1917–1929)*. Dissertação (Mestrado em Letras e Artes) – Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2021.

Recebido: 30/04/2025

Aceito: 14/06/2025

Publicado: 06/07/2025

Vol. 02, **Nº 04** (2025)
ISSN: 2966-0130

REVISTA FIOS DE LETRAS



editora
UEA



UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS



Vol. 02, **Nº 04** (2025)
ISSN: 2966-0130

REVISTA FIOS DE **LETRAS**

*A BOLSA AMARELA E A DISCUSSÃO DE GÊNERO
NO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA ABORDAGEM
LITERÁRIA E PEDAGÓGICA NA PERSPECTIVA DOS
DIREITOS HUMANOS*

Luís Guilherme Amáral de Abreu

Delma Pacheco Sicsu



editora
UEA



UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS



A Bolsa Amarela e a discussão de gênero no Ensino Fundamental: uma abordagem literária e pedagógica na perspectiva dos Direitos Humanos

A Bolsa Amarela And Gender Discussion In Elementary Education: A Literary And Pedagogical Approach From The Perspective Of Human Rights

Luís Guilherme Amaral de Abreu¹

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-0455-7663>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8235879664839932>

E-mail: lgada.let23@uea.edu.br

Delma Pacheco Sicsu²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1828-289X>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6349998977516397>

E-mail: dsicsu@uea.edu.br

Resumo: Este artigo apresenta obra *A Bolsa Amarela*, de Lygia Bojunga Nunes, como uma ferramenta pedagógica para a discussão de gênero e empoderamento feminino em duas turmas de nono ano Ensino Fundamental em uma escola pública de Parintins/AM. A análise da obra, aliada às teorias de gênero de Simone de Beauvoir e Judith Butler e sob a perspectiva dos Direitos Humanos, demonstra como a literatura pode ser usada para desconstruir estereótipos e promover reflexões críticas sobre papéis sociais e desigualdades. Além disso, são destacados o respaldo legal oferecido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e a aplicação prática dessa abordagem em uma atividade desenvolvida na Escola Estadual Irmã Sá, em Parintins-AM, com alunos do 9º ano, reforçando a relevância da temática no contexto educacional brasileiro.

Palavras-Chave: Análise literária, Empoderamento, Práticas pedagógicas, Direitos Humanos, LDB.

Abstract: This article presents *A Bolsa Amarela*, by Lygia Bojunga Nunes, as a pedagogical tool for discussing gender and female empowerment in two ninth-grade elementary school classes. The analysis of the work, combined with the gender theories of Simone de Beauvoir and Judith Butler from the perspective of Human Rights, demonstrates how literature can be used to deconstruct stereotypes and promote critical reflections on social roles and inequalities. In addition, the legal support offered by the Law of Guidelines and Bases of Education (LDB) and the practical application of this approach in an activity developed at the Irmã Sá State School, in Parintins-AM, with 9th-grade students are highlighted, reinforcing the relevance of the theme in the Brazilian educational context.

Keywords: Literary analysis, Empowerment, Pedagogical practices, Human Rights, LDB.

¹ Acadêmico do Quinto do Período de Licenciatura em Letras do Centro de Estudos Superiores de Parintins da Universidade do Estado do Amazonas.

² Doutora em Literatura pela Universidade de Brasília (UnB); Mestre em Letras e Artes pela Universidade do Estado do Amazonas. É professora da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) do curso de Letras. Também é professora da SEDUC (Secretaria Estadual de Educação, Cultura e Desporto).

A Bolsa Amarela, de Lygia Bojunga Nunes, é um clássico da literatura infantojuvenil brasileira, publicado em 1976. A obra narra a história de Raquel, uma menina que guarda, em sua bolsa amarela, desejos reprimidos e sonhos que desafiam as normas impostas pela sociedade. Através de uma linguagem acessível e de um estilo que mescla fantasia e realidade, Lygia Bojunga explora temas profundos como identidade, repressão de desejos e desigualdade, trazendo à tona questionamentos sobre os papéis sociais atribuídos às meninas e mulheres.

Lygia Bojunga é uma autora reconhecida mundialmente pela sua contribuição à literatura infantojuvenil, tendo recebido o Prêmio Hans Christian Andersen em 1982. Sua obra se destaca por tratar de temas complexos de forma sensível e crítica, permitindo que jovens leitores reflitam sobre questões sociais importantes como gênero, desigualdade e preconceito.

O trabalho com *A Bolsa Amarela* em sala de aula foi uma oportunidade para promover reflexões sobre gênero e igualdade, temas essenciais em uma sociedade que ainda enfrenta desafios estruturais relacionados à discriminação e à desigualdade. Por isso, a escola, enquanto espaço formativo, desempenha um papel crucial na desconstrução de estereótipos e na promoção de uma cultura de respeito às diferenças.

Escolhi *A Bolsa Amarela* porque é uma obra que dialoga profundamente com temas como identidade, repressão de desejos e desigualdade de gênero, tornando-se uma excelente ferramenta para despertar reflexões críticas em sala de aula. A narrativa de Raquel, com seus sonhos reprimidos e sua resistência às imposições sociais, permite que os alunos se reconheçam na história e questionem as normas que regulam seus próprios desejos e comportamentos. Além disso, a escrita acessível de Lygia Bojunga, aliada à mistura de fantasia e realidade, facilita o envolvimento dos estudantes, promovendo um aprendizado significativo.

A escolha do 9º ano como público-alvo se deu porque essa é uma fase de transição para a adolescência, momento em que os jovens começam a construir uma visão mais crítica do mundo e de si mesmos. As discussões sobre gênero e desigualdade são fundamentais nesse período, pois auxiliam na desconstrução de estereótipos e no fortalecimento da autonomia e do pensamento reflexivo. Além disso, os alunos dessa faixa etária já possuem maturidade suficiente para interpretar a obra além da sua superfície narrativa, permitindo análises mais profundas sobre identidade, sociedade e direitos humanos.

A Temática de Gênero e a Perspectiva da Teoria *Queer*

4

A discussão sobre gênero sob a perspectiva da *Teoria Queer* permite uma análise que ultrapassa as noções binárias e tradicionais de identidade e sexualidade. A obra *A Bolsa Amarela*, de Lygia Bojunga, torna-se um terreno fértil para esse tipo de abordagem, especialmente ao abordar temas como o rompimento com expectativas sociais e a busca por autonomia individual, aspectos que dialogam diretamente com a desconstrução das normas de gênero.

Judith Butler aponta que o “sexo” é uma construção discursiva que opera para unificar artificialmente um conjunto de atributos descontínuos. Segundo a autora:

O ‘sexo’ impõe uma unidade artificial a um conjunto de atributos de outro modo descontínuo. Como discursivo e perceptivo, o ‘sexo’ denota um regime epistemológico historicamente contingente, uma linguagem que forma a percepção, modelando à força as inter-relações pelas quais os corpos físicos são percebidos (Butler, 2003, p. 83).

Essa perspectiva reforça que os papéis de gênero não são intrínsecos aos corpos, mas são resultado de normas históricas e culturais que modelam as percepções. No caso da protagonista Raquel, sua resistência em aceitar os papéis de gênero impostos pela família e sociedade reflete uma desconstrução performativa, como se sua jornada desafiase o regime epistemológico que define o que é ser “menina”.

A *Teoria Queer*, como enfatizado por Alós (2010), desloca a ideia de um sujeito fixo, introduzindo a performatividade e a descontinuidade como aspectos centrais das identidades. Conforme o autor:

A Teoria Queer possibilita uma ruptura epistemológica que desloca as noções tradicionais do sujeito como único, substituindo o conceito de um ‘eu’ singular e unívoco pelo de um ‘eu’ concebido performativamente através de um processo no qual são mobilizados atos repetitivos e estilizados (Alós, 2010, p. 856).

Esse princípio é fundamental para a leitura de *A Bolsa Amarela*, pois evidencia como Raquel, ao guardar seus desejos reprimidos em sua bolsa, desafia os atos repetitivos que definem o “ser menina” e busca construir um “eu” que seja múltiplo, dinâmico e livre de imposições sociais.

A Linguística *Queer* e a Linguagem em *A Bolsa Amarela*

A linguagem é um dos principais mecanismos que estruturam e sustentam as normas sociais, incluindo as relacionadas ao gênero e à sexualidade. É por meio dela que

narrativas sobre identidade são construídas, perpetuadas e, eventualmente, contestadas. No entanto, ao mesmo tempo em que a linguagem pode reforçar desigualdades e hierarquias, ela também possui o potencial de desestabilizar discursos opressores e abrir caminhos para a pluralidade de identidades. Nesse contexto, a Linguística *Queer* surge como uma abordagem que desontologiza a língua e a identidade, deslocando a visão de textos como representações estáticas do mundo para compreendê-los como fenômenos dinâmicos e produtores de realidades (Borba, 2019). Essa perspectiva é fundamental para a análise de obras literárias que questionam as normas sociais, como *A Bolsa Amarela* de Lygia Bojunga, cuja narrativa desafia as convenções de gênero e promove reflexões críticas sobre identidade e performatividade.

A Linguística *Queer*, segundo Borba (2019), redefine a relação entre linguagem, gênero e sexualidade ao evidenciar que a língua não apenas reflete o mundo, mas também o produz ao significá-lo. Para Borba, a performance linguística – seja na fala ou na escrita – não expressa uma identidade preexistente; pelo contrário, o que somos é construído como efeito do que dizemos ou escrevemos. Esse vínculo entre língua e discurso permite compreender que os textos são socio-historicamente situados, politicamente formados e produtores de realidades. No caso de *A Bolsa Amarela*, essa perspectiva possibilita analisar como a linguagem na obra desestabiliza normas opressoras e cria um espaço para a pluralidade de identidades.

A narrativa de Lygia Bojunga faz eco à Linguística *Queer* ao questionar as linguagens que nomeiam e definem os papéis sociais da protagonista. Raquel, ao criar um universo próprio dentro de sua bolsa amarela, subverte as normas e promove uma releitura da identidade feminina que transcende o esperado e imposto socialmente. A escolha de Lygia por apresentar personagens e situações que rompem com normas binárias – como o guarda-chuva tratado no feminino e as reflexões do Galo Afonso sobre as pressões sociais – reflete o potencial da literatura para desorientar sentidos fixos e repensar categorias familiares.

Ao contextualizar *A Bolsa Amarela* com base na Teoria *Queer*, observamos que a obra não apenas desafia os estereótipos de gênero, mas também propõe rupturas em discursos opressores, oferecendo novas formas de compreender as identidades. Essa abordagem ressoa com Borba (2019) ao destacar que práticas educativas baseadas na Linguística *Queer* podem contribuir para a formação de indivíduos críticos e abertos à pluralidade, desafiando exclusões e hierarquizações. Nesse sentido, “*A Bolsa Amarela*” não se limita a abordar questões de gênero; ela se torna uma ferramenta pedagógica que promove direitos humanos e valoriza as diferenças como parte essencial da formação cidadã.

Assim, ao conectar a Linguística *Queer* às discussões sobre identidade e linguagem presentes na obra de Bojunga, evidencia-se o papel transformador da literatura na desconstrução de normas sociais. Ao subverter as expectativas e performatividades impostas, a narrativa abre caminhos para uma educação que acolha a pluralidade e valorize a diversidade que constitui o mundo em que vivemos, como defende Borba (2019).

Uma educação que valoriza a diversidade é essencial para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva, pois permite que diferentes vozes, identidades, histórias e vivências sejam ouvidas, reconhecidas e respeitadas. Ao trazer essa perspectiva para o ensino da literatura, ampliamos o olhar dos alunos para realidades que muitas vezes são invisibilizadas, promovendo a empatia e o pensamento crítico. A literatura, ao narrar experiências humanas diversas, torna-se um poderoso instrumento na luta pelos direitos humanos, pois evidencia desigualdades, questiona padrões opressores e fortalece vozes historicamente silenciadas. Dessa forma, educar para a diversidade por meio da literatura não é apenas uma escolha pedagógica, mas um compromisso com a formação cidadã e com a transformação social.

Os Direitos Humanos em Diálogo com Questões em Torno do Empoderamento Feminino

A literatura sempre desempenhou um papel essencial na formação do pensamento crítico e na promoção de valores humanos universais. Ela é uma manifestação cultural que transcende o entretenimento, servindo como um espaço de reflexão, contestação e resistência. Antonio Candido (2011) destaca que a literatura corresponde a uma necessidade universal, pois organiza nossos sentimentos e visões de mundo, libertando-nos do caos e humanizando-nos. Assim, negar a fruição da literatura é, em suas palavras, mutilar a nossa humanidade. Nesse sentido, a literatura não apenas revela aspectos da condição humana, mas também denuncia a negação de direitos como a miséria, a servidão e a mutilação espiritual, colocando-se como um instrumento poderoso de desmascaramento das injustiças sociais.

No contexto brasileiro, a escritora Lygia Bojunga exemplifica essa potência transformadora da literatura, pois durante o período da ditadura militar no Brasil, ela utilizou a literatura infantil como forma de resistência, conforme aponta Cristóvão (2011). Em um cenário onde os generais ignoravam obras destinadas à crianças e adolescentes, a autora encontrou um espaço para tratar de questões como desigualdade e opressão, disfarçando temas políticos e sociais em narrativas aparentemente simples. Essa estratégia permitiu que suas histórias abordassem, de forma sensível e criativa, temas fundamentais como liberdade, igualdade e democracia.

Antonio Candido (2006) também ressalta que a posição do escritor está diretamente relacionada ao conceito social atribuído a ele pela coletividade. A obra literária, nesse contexto, é um sistema vivo que atua sobre leitores e escritores, estabelecendo uma relação dinâmica de interpretações e ressignificações. Isso significa dizer que a literatura não é um produto estático, mas um processo em constante movimento no qual autor, obra e público interagem e transformam-se mutuamente.

É nesse diálogo que *A Bolsa Amarela*, de Lygia Bojunga, se insere. A narrativa acompanha a trajetória de Raquel, uma menina que enfrenta imposições sociais que limitam seus desejos e sonhos. A obra não apenas questiona estruturas opressoras, mas também dá voz às questões de gênero e empoderamento feminino, tornando-se uma aliada na luta pelos direitos humanos. Como Candido (2011) enfatiza, a literatura tem o poder de denunciar a restrição de direitos e, ao mesmo tempo, inspirar a autonomia individual e coletiva, permitindo que leitores reflitam criticamente sobre suas realidades e aspirações.

Ao retratar as dificuldades de Raquel em lidar com as expectativas sociais que recaem sobre ela, *A Bolsa Amarela* reflete sobre a desigualdade de gênero e promove a discussão de temas como empoderamento feminino e liberdade de escolha. A literatura, nesse caso, atua como um mediador cultural, levando os leitores a reconhecerem a opressão e a resistência presentes nas experiências individuais e coletivas. Conforme Candido (2006), a literatura só vive na medida em que é decifrada e vivida pelos leitores, e *A Bolsa Amarela* exemplifica como essa interação pode provocar mudanças sociais. Por meio de narrativas como a de Bojunga, a literatura se torna um instrumento de empoderamento, permitindo que leitores – especialmente jovens – compreendam sua capacidade de questionar normas e construir novas realidades.

Empoderamento Feminino e Transformação Social

O conceito de empoderamento, como destacado por Berth (2019), é um fenômeno linguístico que reflete a criação de novos significados para palavras ou expressões. No Brasil, o termo adquiriu um significado que vai além da individualidade, representando um processo coletivo e contínuo de desconstrução e reconstrução de indivíduos e grupos. Segundo Berth (2019) o empoderamento prático da coletividade é a base para transformações sociais que beneficiam a todos, sendo uma resposta ao sistema dominante e às desigualdades que ele perpetua.

O empoderamento feminino, nesse contexto, não é apenas a conquista de direitos individuais, mas também um movimento coletivo que visa dismantlar estruturas patriarcais e promover a igualdade de gênero. Ele se alinha aos princípios fundamentais dos direitos humanos, que reconhecem a dignidade, a igualdade e a liberdade como pilares

de uma sociedade justa. Essa conexão entre empoderamento e direitos humanos destaca a necessidade de ações concretas que combatam o machismo estrutural, a misoginia e as violências contra as mulheres, como previsto em instrumentos internacionais como a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres (Cedaw, 1979).

Candido (2011) ressalta que “o poder humanizador” da literatura reside em sua capacidade de ser um “objeto construído”, que permite ao leitor confrontar, negar e superar as limitações de sua realidade. No caso do empoderamento feminino, a literatura funciona como uma ferramenta que questiona estereótipos, desestabiliza narrativas hegemônicas e possibilita novas formas de existir e resistir. Obras literárias, ao tratar de questões de gênero e direitos humanos, contribuem para um processo de conscientização coletiva, oferecendo representações que desafiam as normas sociais e incentivam a ação transformadora.

Assim, *A Bolsa Amarela* pode ser vista como um exemplo de empoderamento prático, ao apresentar uma protagonista que enfrenta e desestabiliza as expectativas de gênero impostas pela sociedade. A obra não apenas evidencia as limitações que restringem as mulheres, mas também propõe caminhos de resistência e transformação. Ao dialogar com os leitores, a literatura de Bojunga promove a desconstrução de papéis impostos, incentivando a busca pela igualdade e pela liberdade – princípios centrais dos direitos humanos.

Os direitos humanos fornecem a base ética e jurídica para o empoderamento feminino. Ao reconhecer a igualdade entre homens e mulheres, eles criam as condições para a superação das desigualdades de gênero. No entanto, como Berth (2019) destaca, o empoderamento só é efetivo quando se conecta à coletividade e à luta contra sistemas opressores. Essa perspectiva está diretamente ligada ao empoderamento feminino, que visa não apenas o fortalecimento individual, mas também a transformação das estruturas sociais que perpetuam a discriminação e a violência.

No Brasil, essa luta é particularmente relevante diante de problemas como o machismo estrutural, a exploração sexual e as diversas formas de violência contra as mulheres. Ao mesmo tempo, o empoderamento feminino se torna um meio de promover a dignidade e a autonomia das mulheres, combatendo práticas que as oprimem e as invisibilizam. Nesse sentido, a literatura, ao dialogar com os direitos humanos, desempenha um papel crucial na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Ao discutir os direitos humanos em torno do empoderamento feminino, é possível observar como a literatura se apresenta como uma ferramenta poderosa para denunciar desigualdades, propor novas perspectivas e inspirar mudanças sociais. Obras como *A Bolsa Amarela* demonstram que, ao questionar e reimaginar os papéis sociais, a literatura

pode ser um espaço de resistência e emancipação, alinhando-se aos ideais de liberdade e igualdade promovidos pelos direitos humanos.

Metodologia

O presente estudo desenvolveu-se a partir de um percurso metodológico que integrou pesquisa bibliográfica, análise literária e prática pedagógica. Inicialmente, procedeu-se à leitura da obra *A Bolsa Amarela*, de Lygia Bojunga Nunes, como ponto de partida para compreender as temáticas centrais e as problemáticas abordadas no texto. Em seguida, foram analisados artigos acadêmicos que discutem a desconstrução de discursos patriarcais e questões de gênero na obra como o texto de Souza, Pereira e Silva (2019), *A desconstrução de discursos patriarcais em A bolsa amarela*, e o estudo de Haase e Salgueiro (2019), *Por que querer ser homem? Uma leitura de A bolsa amarela* (1976). Esses textos contribuíram para situar a relevância da obra no debate sobre desigualdade de gênero e normas sociais.

Posteriormente, aprofundou-se a fundamentação teórica com leituras de obras clássicas de gênero como *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir que discute o gênero como construção social e *Problemas de Gênero* (2013), de Judith Butler que aborda a performatividade de gênero. Essas leituras fundamentaram as discussões e conectaram as reflexões propostas pela obra ao debate contemporâneo sobre identidade e desigualdades. A Teoria *Queer* de Butler (1990) também serviu como base para o Projeto Diversidade, que foi utilizado como referência para a prática pedagógica.

A etapa prática foi desenvolvida no dia 16 de Agosto de 2024 na Escola Estadual Irmã Sá, localizada em uma zona periférica da cidade de Parintins-AM, onde a maioria dos estudantes é composta por alunos de baixa renda. Essa realidade social reforça a importância de levar discussões atuais e críticas para diversos níveis sociais, promovendo uma educação mais diversa e sensibilizadora.

A atividade foi realizada em duas turmas do 9º ano, com um total de 70 alunos. Durante a atividade, foram utilizados trechos selecionados de *A Bolsa Amarela* para embasar as reflexões e debates:

- a. Página 35: o diálogo do Galo Afonso sobre a pressão social de ser um galo em um galinheiro, uma metáfora que critica os papéis de gênero e as expectativas sociais impostas.
- b. Páginas 48-49: o trecho sobre “a guarda-chuva”, que assume características femininas e é tratado por pronomes femininos, permitindo um comentário sobre identidade de gênero e a representação de pessoas transgênero.

- c. Página 99: “A Casa dos Concertos”, onde uma família troca de papéis e atividades ao toque de um sino, independente de normas de gênero ou idade, evidenciando a performatividade da identidade e como ela é construída socialmente.

Os trechos foram lidos e discutidos com os alunos, relacionando-os às teorias de Simone de Beauvoir e Judith Butler. A abordagem promoveu diálogos sobre conceitos como gênero, sexo biológico, empoderamento feminino e performatividade, conectando a narrativa literária às experiências dos próprios alunos.

A atividade foi avaliada por meio da observação das interações e reflexões dos estudantes durante os debates, além de perguntas abertas ao final da apresentação. A recepção foi positiva, pois os alunos demonstraram engajamento e curiosidade ao discutir temas como identidade de gênero e papéis sociais. Muitos desse alunos relataram que nunca haviam discutido questões de gênero ou refletido sobre os impactos dessas construções em suas vidas.

A escolha da obra e dos trechos lidos revelou-se estratégica, pois conectou temas universais a exemplos concretos da literatura, permitindo que os alunos, mesmo em um contexto de vulnerabilidade social, se identificassem com as discussões propostas. Ao discutir temas contemporâneos como diversidade e direitos humanos, a atividade contribuiu para ampliar o repertório cultural e crítico dos estudantes, reforçando a ideia de que a escola é um espaço de transformação social.

Além disso, a atividade evidenciou como a performatividade constrói nossas identidades de forma cotidiana, demonstrando que papéis de gênero são construções sociais e culturais que podem ser desconstruídas. Essa abordagem ofereceu aos alunos uma visão mais ampla sobre igualdade, respeito às diferenças e empoderamento feminino, alinhada aos princípios dos direitos humanos.

Com base no percurso descrito, a metodologia mostrou-se eficaz pois integrou pesquisa teórica, análise literária e prática pedagógica, conectando literatura e teoria a discussões críticas sobre gênero e empoderamento feminino. A experiência com os alunos da Escola Estadual Irmã Sá revelou o potencial transformador da literatura, especialmente em contextos sociais vulneráveis, permitindo que os estudantes refletissem sobre temas atuais de forma acessível e significativa. Essa abordagem demonstra que o ensino de literatura, quando aliado à reflexão crítica, pode se tornar um instrumento poderoso na promoção dos direitos humanos e da igualdade.



O Projeto Diversidade, iniciado em 2021 no contexto universitário de Parintins, tem como objetivo central promover a reflexão sobre diversidade de gênero e orientação sexual, além de combater sistematicamente práticas discriminatórias como homofobia e transfobia no ambiente escolar. Para além dessas questões, o projeto também enfatiza o enfrentamento ao machismo estrutural e às diversas formas de violência contra mulheres, como o assédio e a exploração sexual infantojuvenil.

Ao se inserir no contexto escolar, o Projeto Diversidade promove uma articulação com os direitos humanos, destacando a urgência de combater a violência histórica enfrentada pela comunidade LGBTQIAPN+, pois apesar dos avanços nos direitos civis, como o casamento homoafetivo e a transição de gênero, a realidade ainda é marcada por agressões físicas e psicológicas frequentes, conforme apontam os relatórios analisados pelo IPEA e divulgados no Atlas da violência (2024). Nesse cenário, a abordagem do projeto dialoga com a *Teoria Queer*, que, segundo Borba (2019), propõe uma desestabilização das normas que naturalizam desigualdades. Para Borba, a desconstrução de categorias fixas e opressoras permite uma reestruturação de identidades de forma plural, promovendo maior inclusão e respeito à diversidade.

Durante a atividade realizada com duas turmas do 9º ano na Escola Estadual Irmã Sá, foram apresentados conceitos fundamentais como gênero, sexo biológico e empoderamento feminino, que serviram como base para o diálogo com a narrativa de “A Bolsa Amarela”. A abordagem interativa incluiu questionamentos iniciais sobre o que os alunos compreendiam sobre esses conceitos. Suas respostas foram analisadas e ampliadas ao longo da apresentação, enquanto as temáticas emergiam a partir da análise dos trechos da obra.

[Figura 1: apresentação da Análise]



Fonte: Abreu/Sicsu, 2024.

Trechos como o diálogo do Galo Afonso, que critica a pressão social para cumprir um papel predefinido e a reflexão sobre o guarda-chuva tratado no feminino, ampliaram o entendimento dos alunos sobre performatividade de gênero. A obra permitiu que os estudantes refletissem sobre como normas sociais e linguísticas constroem identidades e perpetuam desigualdades. Esse processo dialoga diretamente com a proposta de Borba (2019), que destaca a importância de uma educação linguística crítica para desconstruir discursos opressores e fomentar a pluralidade.

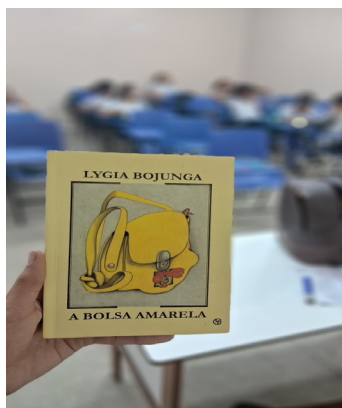
A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394/96, legitima a inclusão de temas como diversidade sexual, gênero e direitos humanos no currículo escolar. Em seus artigos 26 e 32, a LDB destaca a importância de temas transversais que promovam a cidadania, a igualdade e a prevenção de todas as formas de violência. Essa transversalidade está diretamente ligada ao combate à discriminação, promovendo uma educação inclusiva e equitativa.

Segundo Almeida e Leal (2022), a LDB considera a diversidade como um elemento essencial para a construção de uma educação que respeite as diferenças e combata a exclusão social. Nesse sentido, a abordagem de *A Bolsa Amarela* como ferramenta pedagógica reforça a necessidade de integrar esses temas às práticas escolares, não apenas como conteúdo curricular, mas como parte de uma formação crítica e cidadã.

A atividade evidenciou que a literatura, ao ser conectada a questões contemporâneas de direitos humanos, pode ampliar a consciência crítica dos alunos. Ao abordar temas como desigualdade de gênero e empoderamento feminino, a obra de Lygia Bojunga permitiu que os estudantes reconhecessem e questionassem normas opressoras, refletindo sobre suas próprias realidades. Essa prática pedagógica, ancorada na Teoria *Queer* e nos princípios da LDB, reforçou a escola como um espaço de transformação social, onde o respeito à diversidade e a promoção da igualdade são valorizados como pilares de uma educação de qualidade.

Assim, *A Bolsa Amarela*, no contexto do Projeto Diversidade, reafirmou-se como uma ferramenta essencial para integrar discussões críticas sobre gênero e identidade no ambiente escolar, alinhando a literatura aos valores fundamentais dos direitos humanos.

[Figura 2: livro apresentado à turma]



Fonte: Abreu/ Sicsu, 2024.

A análise de *A Bolsa Amarela* de Lygia Bojunga Nunes, aliada à reflexão sobre as teorias de gênero e o empoderamento feminino, demonstra como a literatura pode ser um poderoso veículo de transformação no contexto educacional. Ao envolver alunos do Ensino Fundamental em discussões sobre os papéis de gênero e as desigualdades sociais, a obra não só fomenta a reflexão crítica, mas também incentiva a construção de uma consciência mais cidadã e igualitária. A prática pedagógica desenvolvida na Escola Estadual Irmã Sá, em Parintins-AM, exemplifica a aplicabilidade das discussões de gênero dentro do ambiente escolar, evidenciando o impacto positivo que uma abordagem integrada à literatura, direitos humanos e teorias de gênero podem ter na formação de jovens mais conscientes e comprometidos com a justiça social. Conclui-se, portanto, que iniciativas como essa são essenciais para a construção de uma educação inclusiva e transformadora, capaz de combater estereótipos e promover uma sociedade mais igualitária.

Referências

- ALMEIDA, Daivane Azevedo de; LEAL, Fabiana Soares Fernandes. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB): contribuições para a inclusão do tema diversidade sexual e de gênero no ensino brasileiro*. Research, Society and Development, v. 11, n. 11, e437111133845, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i11.33845>. Acesso em: 6 jan. 2025.
- ALÓS, A. P. *Narrativas da sexualidade: pressupostos para uma poética queer*. Revista Estudos Feministas. Florianópolis (SC). v. 18., n. 3., p. 837-864, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/qct6T7rqY7HDJyXkZwBhJdp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 ago. 2021. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2010000300011>
- BEAUVOIR, Simone. *Segundo Sexo – a experiência vivida*; tradução de Sérgio Millet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980.
- BERTH, J. *Empoderamento*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. (Feminismos Plurais)
- BOJUNGA, Lygia. *A bolsa amarela*. 36. ed., 5. reimpr. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2023.
- BORBA, Rodrigo. *Conhecendo a Linguística Queer [Entrevista concedida a] Héilton Diego*. Revista X, Curitiba, volume 14, n 4, p.8 – 19, 2019.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 6 jan. 2025.

CANDIDO, Antonio. *O direito à literatura*. In: _____. Vários Escritos. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011.

_____. *Literatura e sociedade*. 9. ed. rev. pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CERQUEIRA, Daniel; BUENO, Samira (coord.). *Atlas da violência 2024*. Brasília: Ipea; FBSP, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/14031>

CRISTÓFANO, Sirlene. *O discurso feminino em A bolsa amarela: A busca pela libertação da mulher*. REEL—Revista Eletrônica de Estudos Literários, Vitória, s. 2, ano 7, n. 9, 2011.

HAASE, Jéssica; SALGUEIRO, Wilberth. *Por que querer ser homem? Uma leitura de A bolsa amarela (1976), de Lygia Bojunga Nunes*. Contexto, Vitória, n. 36, 2019/2. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br>. Acesso em: 6 jan. 2025.

SOUZA, Lizandra Lima de; PEREIRA, Jaquelânia Aristides; SILVA, Maria Valdenia da. *A desconstrução de discursos patriarcais em A bolsa amarela, de Lygia Bojunga Nunes*. Revista e-escrita, Nilópolis (RJ), v. 10, n. 1, p. 63-76, jan./abr. 2019.

Recebido: 22/05/2025

Aceito: 09/07/2025

Publicado: 14/07/2025

Vol. 02, **Nº 04** (2025)
ISSN: 2966-0130

REVISTA FIOS DE **LETRAS**



editora
UEA



UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS



Vol. 02, **Nº 04** (2025)
ISSN: 2966-0130

REVISTA FIOS DE **LETRAS**

AS MÁSCARAS DE UMA EXISTÊNCIA EM CORPO E POESIA

Francisca de Lourdes Souza Louro



editora
UEA



UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS



As máscaras de uma existência em corpo e poesia

2

The masks of an existence in corpo e poesia

Francisca de Lourdes Souza Louro¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8050-8784>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5665029223602668>

E-mail: lourdeslouro@yahoo.com.br

Resumo: O livro *O corpo em poesia* de Kenedi Azevedo, publicado pela Editora Letra Capital em (2017) traz na página dez a “advertência” em forma de poesia, onde está a proposta: *Ergo minha fortaleza em corpo / Murros serão dados no portão / Se o leitor adentrar a passagem / Descobrirá ruínas da mente*. Depois, o autor faz a divisão dos blocos poéticos “Dos solares” com quinze poesias, “Dos Lunares” composto de vinte outros poemas, “Dos amantes” com três e por último “Da poesia” com mais três poesias e diga-se que estão todas bem marcadas e nominadas. Na obra de Saint-Victor, *As duas máscaras* (2003) conferimos que o teatro tem duas máscaras, a que chora e a que ri, frequentemente separadas, alguma vezes unidas. Conferi, e percebi as várias máscaras na poética de Kenedi, e isso me inquietou, graças à inquietação humana, ocupo-me neste fazer bisbilhoteiro de comentar, sobre este aspecto, na lírica de representações desta obra que muito intui o leitor astuto. Encontrei, no sentido profundo e inquieto, ingênuo, divino e infantil ao mesmo tempo, dos velhos mitos surgidos da imaginação primitiva com muita inovação.

Palavras-chave: Máscaras. Poesia. Sentido Poético. Mitos. Imaginação

Abstract: The book *O corpo em poesia* by Kenedi Azevedo, published by Editora Letra Capital in (2017), brings on page ten the “warning” in the form of poetry, where the proposal is: I erect my fortress in body / Punches will be given at the gate / If the reader enters the passage / He will discover ruins of the mind. Then, the author divides the poetic blocks “Of the solar ones” with fifteen poems, “Of the Lunar ones” composed of twenty other poems, “Of the lovers” with three and finally “Of poetry” with three more poems and it must be said that they are all well marked and named. In Saint-Victor’s work, *As duas Máscaras* (2003) we see that the theater has two masks, the one that cries and the one that laughs, often separated, sometimes united. I checked and noticed the various masks in Kenedi’s poetry, and this disturbed me, thanks to human restlessness, I occupy myself in this prying act of commenting on this aspect, in the lyrical representations of this work that the astute reader greatly intuits. I found, in the deep and restless sense, naive, divine and childish at the same time, of the old myths that emerged from the primitive imagination with much innovation.

Keywords: Masks. Poetry. Poetic Sense. Myths. Imagination

¹ Mestre e Doutora em Poética e Hermenêutica pela Universidade de Coimbra. Pós-Doutorado em Sociedade e Cultura pela Universidade Federal do Amazonas.

Cada poema está nominado e travestido e, os nomes dados foi o belo espírito dos deuses que revestidos de roupagem primitiva, fez com que o poeta os devolvesse as fontes vivas de sabedoria empregada da insipidez da alegoria e do madrigal: *O fazer do dizer pode comparar-se ao pólo acontecimental na dialética do evento e da significação* (Ricoeur, 2000, p. 25). Nesse gênero de inovação, convém, a meu ver, adotar apenas o estritamente necessário naquilo que se impõem, como os fatos observados dentro da hermenêutica filosófica de Paul Ricoeur.

Para não confundir o leitor, cuidei para não olhar a existência do autor em cada texto aqui analisado. O cuidado de separar autor e obra é um impulso para não tornar a obra de peso menor. Porém, sabe-se que o homem experimentou, desde sempre, a necessidade de idealizar ou parodiar sua própria existência, de repeti-la por meio do sonho do espetáculo e da ficção, aqui em palavras poéticas esboçando um sentimento que enriquece o apelo de o leitor adentrar no labirinto das palavras e vê cada gesto, cada história e sentimento. Tudo se enriquece com apelos e fugas, arrebatamento e resistências: cada gesto passa então a esboçar um pensamento e cada passo voa na direção do sentimento que ressalta o significado da invocação em si, e “cada poema é como abrir uma janela para o mundo, mas antes de contemplá-lo, há que invocar o modo como o mundo será contemplado; antes de ver a realidade, há que deter a atenção no prisma segundo o qual as coisas serão vistas” (Moisés, 1981, p. 67).

O estilo e a visão artística dos Gregos surgem, em primeiro lugar, como talento estético. Escolhi, como primeiro germe, sem dúvida, o instinto inato que faz o poeta simular atos de humanidade trazendo a figura volátil que está em toda literatura. E, ao falarmos em criação artística, não estamos pensando em valores formais imitados das artes plásticas, mas antes em normas análogas da linguagem humana e da sua estrutura que bordam linguagem das emoções da alma.

É pela oratória, a sua aptidão para dar forma a um plano complexo e lucidamente articulado deriva simplesmente do sentido espontâneo e amadurecido das leis que governam o sentimento, o pensamento e a linguagem, o qual conduz finalmente à criação abstrata e técnica da lógica, da gramática retórica (Jaerge, 2003, p.11).

No bloco “Dos Solares” têm muitas personagens que carregam máscaras como a da criança, do andrógono, do bruxo, do mentiroso, entre outras máscaras, mas escolhemos esta, a que veste a roupa de todos e representa mais que uma “entidade” que está composta em palavras, e soma-se, as suas partes, para compor o todo poema, vê-se a semântica da frase para observar o que diz o sentido e a significação em cada palavra.

o personagem

construo-me todo dia como se fosse um personagem
papel de mim em ficção como se fosse uma miragem
por vezes ator do lirismo dramático agora de passagem
mil vezes estereótipo da tragédia configurante imagem

interpreto papéis externos àquilo que pretendi ter
objetivando ser o objeto adjetivado dos contos de ler
a leitura da nova psicologia sobreposta em pretender
aquilo que as personas descontentes veriam pra valer

inútil agente age nas agruras da fábula constante
como cactos cortantes que curam o cru espectador
de gelo que se constitui na página assim passante
viajo pelos desvãos do corpo outro um farsante

de alguma maneira
torno
em torno
do trono
que criei
não crendo
cruzado no templo
tempero do demiurgo
dramaturgo coroado
no coração de papel
do papel que decodifico como ser
(Azevedo, 2017, p. 19)

Esta primeira máscara, “O personagem” está para evidenciar a sua relevância em relatos de diversa inserção sociocultural (masculino ou feminino no ato da representação) onde se pode encontrar e evidenciar os variados suportes expressivos: “A personagem revela-se, não raro, o eixo em torno do qual gira a ação e em função do qual se organiza a economia da narrativa” (Reis & Lopes, 2011). Entende-se que a personagem é, pois, o suporte das redundâncias e das transformações semânticas da narrativa: “Precisamente inicial se insurge pela polaridade fundamental entre identificação singular e a predicação universal, que proporciona um conteúdo específico à noção de proposição para ser concebida como o objeto do evento da fala” (Ricoeur, 2000 p. 22). Vejamos os versos:

construo-me todo dia como se fosse um personagem

e

interpreto papéis externos àquilo que pretendi ter

e

viajo pelos desvãos do corpo **outro um farsante**

Descarte certamente, não foi o primeiro a elaborar uma teoria do juízo, operação maior do pensamento e, oferece, na primeira parte. *Discurso do método uma versão biográfica no quadro do que ele chama de fábula de seus anos de aprendizagem* (Ricoeur, 2004, p.41). Aqui, em Kenedi, (2017) a fábula do aprendizado se fez nas dores secretas dos relacionamentos, das rupturas do outro eu, mas a mais primordial a da consciência autoral, que ressurgiu nesta obra com os poemas de relatos. O que mais ressurgiu de visibilidade nos versos, está marcada pela iniciativa que preside esse empreendimento chamado poesia e ela está na força dos verbos “construo-me e interpreto”.

Estes dois verbos englobam todas as máscaras que poderá ser a da rejeição e a do acolhimento. Tanto que se pode ver nestes a matriz do reconhecimento que aparecerá em outras poesias. Porém, neste estágio, “o reconhecer não pode se distinguir do conhecer” Ricoeur, (2006) e que no primeiro verbo há uma ocorrência (construo-me) que evoca o argumento do gênio malicioso, mas tão essencial para a descoberta da primeira verdade, e Kenedi, faz uma pausa para o segundo verbo de ocorrência (interpreto), não menos significativo para o envolvimento na sequência da poesia.

viajo pelos desvãos do corpo **outro um farsante**

“Outro um farsante” insurge-se da ideia de análise bastante conhecida do juízo, dividido entre o entendimento que concebe a vontade que escolhe e assume a máscara da suspeição. Um pantomimeiro personagem que se quer mostrar ostentoso e comandar o espetáculo das futuras cenas. Esse paradoxo seria então o que a problematização, vinculada ao acontecimento de pensamento constituído pelo aparecimento deste céu filosófico é o que chamamos de irrupção das línguas naturais. O recurso foi bem vibrante, é como se fosse a presença corporal do leitor de literatura, quando percebe a voz que emana do corpo poético, percebe em que nível sonoro esta representação está plenamente no corpo vivo do texto:

O espetáculo retém os olhos de quem lê, é atraído pelo rompante linguístico de efeito performático. O autor sujeito produtor do texto, cai sob fogo cruzado dos projetores; o leitor, a quem não se nega a qualidade de sujeito da recepção, fica sempre na penumbra (Zumthor, 2000, p.25).

Mas, admite-se que todo texto só sobrevive com a argúcia e paciência leitora que outros batizam de destinatário.

Os textos encaixados no banco “Dos Lunares” são todas direcionadas às figuras femininas, que se apresentam as mais perturbadoras máscaras, inóspitas relações de

identidade, a poetisa, a escritora, a esquizofrênica, a psicopata, a assassina, a louca a ninfomaniaca, a ladra etc.... A escolha desta se dá em virtude de traduzir a perfeita dualidade humana ou bem como Saint-Victor apresenta em *Duas Máscaras* (2003, p. 541) apresenta *a face da moralidade da tragédia reside em reabilitar um pouco o pobre herói*. As impiedosas profissões, descobertas nesta obra, talvez sejam o desejo do autor de embalar com um belo sonho a derradeira hora de luz, desses personagens que receberam neste espaço, a honraria para continuar a folgar da admiração pública. Aqui, nesta outra janela se abre para a figura retórica da personagem vestida com a máscara ousada vinculada primordialmente o mistério de ser.

a travesti

os olhos duros em festa
assombram o espelho embaçado
fabricam a máscara do teatro
da ideologia ultrapassada

respira-se firmemente no circuito
da bela noite de desvalor ao céu
a torre se estabelece nesse desvão
e um projeto simula a imagem nua

o cheiro que exala da sala vazia
eterniza o impulso em fingir
agora outra persona se revela
mesclas de ilusão se ratificam
na face já configurada

as mãos postas em oração
prenhes do silêncio
resgatam a atenção
de um dia de vigor
a porta se fecha
e a luz se apaga
um adeus

(Azevedo, 2017, p. 51)

Essa prioridade dada às máscaras é da maior importância para a noção de pessoa aqui existente. Cumpre confessar que a tarefa não foi fácil; o enriquecimento que às máscaras deram à obra, enuncia que o poeta autodesignou as personagens, partindo da observação externa, isso é indicativo verbal de que, o autor é capaz de interpretar alguém que é eu e outro que é tu: *Isso é reflexibilidade relevante para a ideia de alteridade, a fim de passar de uma correlação fraca e facilmente assumida entre alguém e qualquer outro à correlação forte entre si* (Ricoeur, 2014, p17).

Tendo em vista que o chamou minha atenção na leitura da obra *O corpo em poesia* foram as sugestões feitas a partir da nominação dada dos poemas. Assim, o conceito de

“corpo” torna necessária, na percepção de alguma coisa fora de nós, a representação da extensão, e com ela a da impenetrabilidade, da forma etc.

a porta se fecha
e a luz se apaga
um adeus

O conjunto arma-se, a maneira de sistema, e sobre estes três últimos versos gravitam os demais componente acima. O adeus está diante do esquema de amplificação no fechamento da porta quando a personagem com “as mãos postas em oração” se desfaz a distinção inicial. Do lado de dentro “A travesti” age como personagem, na rua, a pessoa de revela diferenciada ao ponto de humildade. Em Kenedi (2017) o argumento pelo absurdo está plenamente em ação; se as aparências fossem tão variáveis que não se pudesse jamais representar-se, mas elas se reproduzem, é como se o autor gritasse e *se eu deixasse sempre escapar de meu pensamento as representações e não as produzisse, como haveria de ser a poesia?*.

Observemos este discurso poético proposto abaixo, veja como está valorizado e explorado um fato central, no qual se fundamenta, a projeção do corpo no *espelho embaçado com a significação de que o mundo existe fora do mim em consciência confusa de estar no mundo, anterior a seus afetos, é como se a impureza estivesse sobrecarregando o pensamento puro* (Zumthor, 2000, p.91). Olhemos para o poema que diz:

os olhos duros em festa
assombram o espelho embaçado
fabricam a máscara do teatro
da ideologia ultrapassada

Esse julgamento sobre a Humanidade ser de “ideologia ultrapassada” se situa para além e aquém da excepcionalidade de um louco ou um gênio, tal Caeiro fez conduzindo seu rebanho, talvez até sejamos sim, na espera de ser persuadido por esse poeta, esse ser aliciante que com envolventes palavras de sons que acalentam os ouvidos, ou os olhos de quem lê e tenta entender os significados da poesia. Mas a força poética toda do autor reside na alma e no corpo. Da alma utilizamo-nos para mandar; do corpo, para servir, de preferência.

O sentido da vida e a verdadeira grandeza do homem é se lançar à glória pelo caminho da vida, o autor é pela arte que abunda em força motora com esforço e energia. Ora, a poesia, de todas as artes, é a atividade com que o espírito tem a ver. É a primeira

em utilidade histórica porque fala com excelência da existência para passar adiante, para que ao mesmo tempo, não vá alguém julgar que é por vaidade que o autor dá ao mundo o texto que cai nas mãos do leitor. O poeta mostra a armadilha e o perigo do elemento úmido tão transfigurado como se fosse uma lenda, mas o vemos são as ninfas puxar pelas pescoço a máscara da Violete colorida, ou uma mariposa enfeitada de Travesti. *Essa ação da figura emblemática de ser Travesti, na realidade, surge como uma ideia elevada, a das almas da Natureza que comove com a desgraça da sorte* (Sant-Victor, 2003, p.193).

Por toda obra explode a toda página uma grande sinfonia pagã da libido que alimenta e impele a natureza todo o imaginário da fala, ela que se oferece em plenitude, ela que está na força verbal que sensualiza a própria passagem da imagem no espelho. Este texto tem uma forma humana e é uma figura, um anagrama do corpo erótico. *O prazer do texto seria irredutível a seu funcionamento gramatical, como o prazer do corpo é irredutível à necessidade fisiológica* (Barthes, 1973, p. 25).

A imaginação, contudo, ainda ocupa um lugar de honra, sob a expressão de síntese transcendental da imaginação produtiva, para distingui-la da imaginação reprodutiva, que diz respeito apenas à experiência empírica sob a lei da associação (Ricoeur, p.2006, p.60).

o cheiro que exala da sala vazia
eterniza o impulso em fingir
agora outra persona se revela
mesclas de ilusão se ratificam
na face já configurada

É preciso ter ideia da importância desse paradoxo que faz do terceiro termo (persona) um híbrido de discursividade e de intuitividade sobre este evento no verso - *eterniza o impulso em fingir* – desde os tempos das sociedades antigas, a metaforização da sexualidade revela e acrescenta a importância adquirida por este tema. A relação entre ambos, vai ganhando sentido no fluir do poema. Vemos um Eros dissimulado em “travesti” o mais belo de entre todos os deuses imortais munido de força primitiva atuante concatenado com a forma acabada e cheio de beleza e sedução.

Agora outra persona se revela
na face já configurada

Agora é a ideia suscitada da ação evidenciando o aqui e agora do tempo presente na formulação verbal. Outra persona que se revela a partir da miragem especular é a

poesia de Kenedi (2017) *que se mostra reflexiva, e registra movimentos outros da literatura, especialmente ao que se pode chamar de Post-Modernismo* (Arnaut, 2002) quando acalenta modelos de poesia sexualizada como no tempo do Mundo Antigo como fez o poeta Hesíodo em sua *Teogonia*. Tal Kenedi, tomado de uma força primitiva atuante, concatena-se com a forma e o modelo acabado de beleza poética que transcende a sedução preponderante e deixa transparecer, na *Travesti*, o domínio irresistível com que atua como instrumento de sedução, bem ao modelo aristotélico para identificar bem que a poesia (a arte em geral) também não depende de seu objeto, ou melhor, do conteúdo de verdade de seu objeto:

Não é a verdade histórica das pessoas, dos fatos e das circunstâncias nela representada que lhe conferem o valor de arte. A arte, claro, pode narrar coisas que efetivamente aconteceram, mas só se torna arte quando acrescenta a essas coisas um quê inexistente na narrativa puramente histórica (Reale, 2012, p.143).

A universalidade da representação da arte nasce de sua capacidade de reproduzir os acontecimentos. O que se sente é o desespero da *Travesti* que sem saída, mas com ousadia de uma esperança depositada no que julga ser o espelho, exaustivamente se insurge como um filtro amoroso ligado por outro eu na sua existência. Esta alteração *na face já configurada*, parece um aceno sobre a eventual possibilidade de reconhecer a força e a dimensão da rede tecida por um Eros caçador de aventuras noturnas no império do amor. O belo aristotélico, dentro de determinados limites, ordena uma grandeza que consiste na grandeza própria e na ordem. Sobre a interpretação, o modo como se afirma ou se nega, são as possibilidades do desenvolvimento das proposições complexas que as considerações podem ser ou assertivas ou complexas, e nesse jogo de desvendar o texto fica a certeza de que literatura é tudo hipótese.

Considerações finais

O corpo em poesia traz em seu extenso corpo autoral uma marca excepcional que Kenedi cunhou em duas máscaras, a feminina e a masculina imbricadas de domínios recognoscíveis, fiquei na dúvida se era paródia, se era confronto de identidades e fiquei à deriva, mas não perdi o prazer que pode assumir no gozo de me arrastar ou de trocar as máscaras da dualidade na fruição leitora. O prazer foi particular e, articular os textos foi pela força da fruição que se insurge sempre de maneira como uma afirmação pelo gosto de leitora que sempre é convidada a fruir nesse movimento dialético de síntese. E ficou a questão de ver o escandaloso que não é imoral, mas porque é atópico. A emoção é uma perturbação que não concordo em reconhecer para não me perder no vazio de

perversos exteriores sentimentos, atendo a regra geral de não me iludir com o texto, sobrevivo às emoções que por ventura eles ousem me convencer de sentir. O mundo da linguagem (logosfera) é um imenso e perpétuo conflito de paranoias, mas que sobrevivem ao sistema (as ficções) bastante inventivos para produzir uma derradeira figura, a que marca o adversário que mora no inconsciente autoral do poeta. A rede gera o que podemos chamar metáforas do servo sofredor, as metáforas tem o poder de conjugar os diversos campos da nossa experiência e, assim, de lhes garantir uma espécie de equilíbrio. É pela rede de metáfora, que o poeta se serve para evoluir mais volátil no nível simbólico e fazer o leitor cair na armadilha do sentimento. Aparentemente, Kenedi, com certas experiências humanas constituísse um simbolismo dual de ordem nesse trabalho cultural e tenha dosado, de uma superestrutura simbólica e metafórica, a *aparência das coisas, quase recria as coisas segundo uma nova dimensão*” (Reale, 2012, p. 142).

Referências

Arnaut, Ana Paula dos Santos Duarte. **Post- Modernismo no romance português contemporâneo**. Livraria Almedina, Coimbra, 2002.

A Sexualidade no Mundo Antigo. Coord. José Augusto Ramos; Maria do Céu Fialho e Nuno Simões Rodrigues. Centro de Estudos Clássicos e Filosóficos da Universidade de Coimbra, 2009.

Azevedo, Kenedi. **O corpo em poesia**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2017.

Barthes, Roland. **O prazer do texto**. Trad. J. Guinsburg. São Paulo. Editora Perspectiva S.A, 1987

Jaeger, Werner. **Paidéia**. A formação do Homem Grego. Trad. Artur M. Parreira. Martins Fontes, São Paulo, 2003.

Moisés, Carlos Filipe. **O poema e as máscaras**. Livraria Almedina. Coimbra, 1981.

Reale, Giovanni. **Introdução a Aristóteles**. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro : Contraponto, 2012.

Reis, Carlos; Lopes, Ana Cristina. **Dicionário de Narratologia**. 7 ed. Reimp. - (Manuais Universitários) Coimbra, LDA, 2011.

Ricoeur, Paul. **Percorso do Reconhecimento**. Trad. Nicolás Nyimi Campanário. Edições Loyola São Paulo, 2006.

Saint-Victor, Paul de. **As duas máscaras**. Tragédia – Comédia. Trad. Gilson César Cardoso de Souza. Livraria Editora Germape Ltda. São Paulo, 2003.

Zumthor, Paul. **Performance, Recepção, Literatura**. Trad. Jerusa Pires Ferreira, Suely Fenerich. São Paulo, EDUC, 2000.

Recebido: 23/05/2025

Aceito: 19/06/2025

Publicado: 06/07/2025

Vol. 02, **Nº 04** (2025)
ISSN: 2966-0130

REVISTA FIOS DE **LETRAS**



editora
UEA



UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS



Vol. 02, **Nº 04** (2025)
ISSN: 2966-0130

REVISTA FIOS DE **LETRAS**

A NARRATIVA DENTRO DA NARRATIVA:
AS CONSTRUÇÕES EM ABISMO COMO ARTIFÍCIO LITERÁRIO

Altamir Botoso



editora
UEA



UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS



A narrativa dentro da narrativa: as construções em abismo como artifício literário

2

The narrative within the narrative: constructions in abyme as a literary artifact

Altamir Botoso

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3231-2351>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4996564101422445>

E-mail: abotoso@uol.com.br

DÄLLENBACH, Lucien. *El relato especular*. Traducción de Ramón Buenventura. Madrid: Visor, 1991. 226p.

[...] caracterizando-se como elemento de duplicação interior – a história dentro da história –, a construção em abismo se oferece como procedimento retórico extremamente válido na produção de interessantes jogos de reflexos dentro da narrativa. Da mesma forma que os espelhos convexos funcionam na pintura flamenga, redimensionando o espaço frontal e limitado da tela, no romance, histórias encaixadas no discurso-tutor desdobram de maneira às vezes vertiginosa, os episódios da ação central, abrindo ao processo de significação uma dimensão insondável.

(Carvalho, 1983, p. 6-7)

A *mise en abyme* é um artifício literário que se inscreve nos estudos a respeito da intertextualidade e se configura como um procedimento de resgate de textos de um mesmo autor, que “reescrevendo-se em outro texto, no movimento de remissão à própria obra, [dá] origem à chamada autotextualidade ou intratextualidade” (Alonso, 2024a, p. 3).

O estudo mais abrangente até o momento, sobre essa técnica, é *El relato especular*, publicado originalmente em francês, em 1977, pelo estudioso suíço Lucien Dällenbach. Encontra-se dividido em três partes. Na primeira, tecem-se observações sobre o surgimento do termo *mise en abyme* na crítica literária, na segunda, são estudadas as diferentes manifestações de *mises en abyme*, a partir de determinados tipos ideais que definem suas condições de existência e, na última, descreve-se e se interpreta a referida técnica em obras pertencentes ao *Nouveau Roman* francês.

A parte primeira do livro intitula-se “Variações sobre um conceito” e se inicia com as ponderações do escritor André Gide (*apud* Dällenbach, 1991, p. 15, tradução de Mariângela Alonso) relacionadas aos brasões. Nestes, há sempre uma figura menor inserida e que repete a maior e ele aponta alguns exemplos baseados em pinturas e em textos literários:

Gosto que em uma obra de arte se encontre assim transposto, à escala dos personagens, o pano de fundo desta obra. Nada o esclarece melhor nem estabelece mais seguramente todas as proporções do conjunto. Assim, nos quadros de Memling ou de Quentin Metzys, um pequeno espelho convexo e escuro reflete, por sua vez, o interior de um cômodo onde se representa a cena pintada. Assim, no quadro das *Meninas* de Velásquez (mas um pouco diferentemente). Enfim, em literatura, em *Hamlet*, a cena da comédia; e alhures em muitas outras peças. Em *Wilhelm Meiste*, as cenas de marionetes ou da festa no castelo. Na *Queda da casa de Usher*, a leitura que se faz à Roderick, etc. Nenhum desses exemplos é justo. O que o seria muito mais, o que diria melhor o que eu quis nos meus *Cahiers*, no meu *Narcisse* e em *La tentative*, é a comparação com esse artifício do brasão que consiste, no primeiro, em colocar um segundo “em abismo”.

A partir dessas colocações de Gide, Dällenbach (1991, p. 15-16) assinala aquilo que ele concebe como pontos de referência: 1. *a mise en abyme* se manifesta como uma modalidade de reflexo, sendo um artifício pelo qual a obra volta-se sobre si mesma; 2. sua propriedade essencial consiste em ressaltar a inteligibilidade e a estrutura formal da obra; 3. Evocada mediante exemplos tomados de diferentes âmbitos, constitui uma realidade estrutural que não é exclusiva nem do relato literário, nem da literatura em si; 4. deve sua denominação a um procedimento heráldico que Gide descobriu em 1891.

Levando em conta esse último ponto, é possível depreender que o vocábulo *abyme* é um termo técnico, que significa “coração do escudo”; uma figura está “em abismo”, quando está entre outras no centro do escudo, mas sem contato com nenhuma delas. A imagem de um escudo recolhe, em seu centro, uma réplica de si mesma em miniatura. Com base nessas constatações, Dällenbach (1991, p. 16) chega a uma definição da construção em abismo: “é *mise en abyme* todo enclave que guarde relação de semelhança com a obra que o contém.”

Os exemplos extraídos de pinturas tais como *O casal Arnolfini* (1434), de Jon Van Eyck (1390-1441), *O cambista e sua esposa* (1514), de Quentin Matzys (1466-1530), *As meninas* (1656), de Diego Velázquez (1599-1660) revelam um procedimento em abismo que busca reproduzir o próprio sujeito da obra, trazendo para o seu interior realidades que lhe são ficticiamente externas. Assim, o reflexo contemplativo funciona, em primeiro lugar, como agente de intercâmbio: nos confins do interior e do exterior, o reflexo constitui, para uma superfície de duas dimensões, uma maneira de ultrapassar o limite (Dällenbach, 1991, p. 19) e problematizar o estatuto dos elementos representados na tela.

Na literatura, o exemplo mais famoso de “obra dentro da obra” é *Hamlet* (1599-1601), de William Shakespeare (1564-1616). Outros exemplos são as cenas de marionetes em *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* (1795), de Johan Wolfgang von Goethe (1749-1832), a leitura que fazem ao personagem Roderick, no conto “A queda da casa

de Usher” (1839), de Edgar Allan Poe (1809-1849), *Heinrich von Ofterdingen* (1802), de Georg Philipp Friedrich von Hardenberg (1772-1801). Tais textos comprovam que o fenômeno que a *mise en abyme* põe em destaque é a elaboração mútua do escritor e da narrativa (Dällenbach, 1991, p. 22).

Um outro exemplo é *Os moedeiros falsos* (1925), de André Gide. Nesse livro, o personagem central é Édouard, um escritor cujo projeto é redigir um livro que se intitula também como *Os moedeiros falsos* e assim, exemplificando com precisão a estratégia da *mise en abyme*. Nesse sentido, “[a] obra gidiana constrói uma hesitação prolongada entre o interior e o exterior, na qual os dois textos não fazem mais que aludir um ao outro, numa intrigante relação de permuta” e a narrativa primeira funciona como enunciado refletido, espelhado na segunda, a qual reflete criticamente sobre a primeira (Alonso, 2017, p. 45).

Quando a expressão *mise en abyme* surgiu, designava, inequivocamente, o que muitos estudiosos consideram como “a obra dentro da obra” ou “duplicação interna” e seu emprego popularizou-se em decorrência das observações efetivadas por Claude-Edmonde Magny e Pierre Lafille em seus estudos.

Em síntese, é possível constatar que a prática da maioria dos críticos considera que a *mise en abyme* e o espelho são intercambiáveis e se podem combinar os dois e se utilizar o sintagma “espelho no texto”, sempre que essa técnica for empregada. O vocábulo *mise en abyme* é aplicado a uma gama variada de textos e pode ser resumido em três, conforme o tipo de reflexão ou reduplicação estabelecido: a) reduplicação simples: o fragmento mantém com a obra uma relação de similaridade; b) reduplicação infinita: quando há relatos semelhantes contidos uns nos outros; c) reduplicação aporética: constitui-se por histórias encaixadas umas nas outras, as quais se confundem no texto (Dällenbach, 1991, p. 48) e isso permite chegar a uma definição que pode ser formulada nos seguintes termos: é *mise en abyme* todo espelho interno em que se reflete o conjunto do relato por reduplicação simples, repetida ou especiosa (enganosa).

Em “Para uma tipologia do relato especular”, segunda parte da obra *El relato especular*, Dällenbach vale-se do modelo da linguístico de Roman Jakobson, centrado em três fatores da comunicação: o enunciado, a enunciação e o código e estabelece a seguinte tipologia de *mises en abyme*: do “enunciado ou ficcional”, da “enunciação ou narrativa” e do “código ou metatextual”.

Dessa maneira, é importante destacar também o sujeito/assunto refletido: esse sujeito pode ser considerado como um enunciado e, mais concretamente, como um enunciado sindedóquico (que estabelece uma relação entre o significado e o conteúdo) usado para poder referir-se tanto a um como a outro dos polos em torno dos quais se organiza a refletividade e possibilitando que se possa chegar à seguinte definição: uma reflexividade é um enunciado que se relaciona com outro enunciado, com a enunciação

ou com o código da narrativa, revelando que qualquer reflexividade representa uma sobreposição semântica, ou, em outros termos, que o enunciado que contém a reflexividade opera em pelo menos dois níveis: o da narrativa, onde continua a significar como qualquer outro enunciado, e o do reflexo, em que intervém como elemento de metassignificação, permitindo que a narrativa tome a si mesma como tema.

Essas *mises en abyme* podem se dividir, como as sinédoques, em dois grupos: quando são particularizadoras (modelos reduzidos), comprimem e restringem o significado da ficção; quando são generalizadoras (transposições), fazem com que o contexto experimente uma expansão semântica além daquela que o contexto sozinho poderia fornecer.

Dällenbach (1991, p. 78) acrescenta também a questão da temporalidade para as *mises en abyme*, que correspondem a três modos de discordância entre analepses e prolepses: a primeira, prospectiva, reflete a história que está por vir; a segunda, retrospectiva, reflete a história já concluída; a terceira (retroprospectiva), reflete a história revelando eventos antes e depois de seu ponto de inserção na narrativa.

Na parte terceira, cujo título é “Perspectivas diacrônicas”, verifica-se que a *mise en abyme* esteve em evidência nos seguintes períodos literários: Barroco, Romantismo, Naturalismo e Simbolismo, Nouveau Roman. O emprego da *mise en abyme* na contemporaneidade se deveu ao seu renascimento massivo na década de 1950. Desde o início do *Nouveau Roman*, a *mise en abyme* foi associada a ele e se tornou um de seus elementos distintivos.

Para encerrar seu livro, Dällenbach estuda duas épocas: a primeira, que cobre os anos de 1954-8 e geralmente abrange o período inaugural do *nouveau roman*; a segunda (1969-73), que foi chamada de novo *nouveau roman*, concentrando-se em sete obras: *L'Emploi du temps* (1957) de Michel Butor, *La Jalousie* (1957) de Alain Robbe-Grillet e *L'Herbe* (1958) de Claude Simon, para o primeiro período; e *Où* (1971) de Butor, *Les Lieux-dits* (1969) de Jean Ricardou, *Projet pour une Revolution a New York* (1970) de Robbe Grillet e *Triptyque* (1973) de Simon, para o segundo.

Apesar da originalidade respectiva de *L'Herbe*, *La Jalousie* e *L'Emploi du temps*, seu uso distinto da *mise en abyme* converge em quatro pontos: 1. o *nouveau roman* dos anos 1950 implementa apenas o tipo I (reflexão simples); 2. as *mises en abyme* elementares que o *nouveau roman* explora são tão distintas quanto possível e são mais variadas e mais frequentes do que no romance tradicional; 3. em vez de ocupar apenas o centro da narrativa, as reflexões ficcionais são dispersas por toda a sua extensão, formam uma rede e têm uma clara tendência à repetição; e 4. mesmo quando não predominam (*La Jalousie*), as *mises en abyme* textuais e metatextuais assumem uma importância muito além daquela de narrativas anteriores (Dällenbach, 1991, p. 159)

No novo *Nouveau Roman* dos anos 1970, Dällenbach (1991, p. 183) conclui que há quatro descobertas: 1. no novo *Nouveau Roman*, a expansão espetacular da *mise en abyme* (*Les Lieux-dits*, *Triptyque*) acontece simultaneamente com sua decadência (*Où*); 2. o advento de um texto, que é deslocado e hiper-reflexivo (*Les Lieux-dits*) ou problemático (*Projet pour une revolution a New York*) ou multipolar (*Triptyque*), leva à crise da *mise en abyme* ficcional; 3. longe de manter sua posição predominante no *nouveau roman*, o tipo I (reflexão simples) é destronado pelo tipo III (reflexão aporética), que aparece aqui em conjunto com o tipo II (reflexão infinita); 4. Além da *mise en abyme* ficcional, tendências anteriores em relação às reflexões elementares são confirmadas e acentuadas.

Nota-se que o que está em jogo na generalização (do desterro) que caracteriza a transição do *nouveau roman* para o novo *nouveau roman*, uma vez que aquele usou a *mise en abyme* para se reproduzir e afirmar a autonomia (ou especificidade) da literatura, enquanto este último a usa para colocar o texto em prática, para se produzir a reflexividade pela reflexividade, dentro de um espaço inimaginável. Ao transformar a representação em autorrepresentação, o *nouveau roman* certamente deu um passo decisivo, mas que essencialmente não o impediu de permanecer prisioneiro da mimese platônica ou metafísica; ao abolir a hierarquia entre ‘forma’ e ‘conteúdo’, e a precedência do refletido sobre a obra reflexiva, o novo *nouveau roman* rompe com o cativo - ou seja, sai do reino da ontologia e da verdade - e promove a era da reflexão e da linguagem que Mallarmé e Roussel haviam anunciado (Dällenbach, 1991, p. 188).

Vale frisar que os estudos posteriores sobre a técnica da *mise en abyme* ampliaram o escopo teorizado por Dällenbach e foi possível observar que esse procedimento narrativo não tem somente a significação de obra encaixada na obra, pois a literatura especular ultrapassa em larga escala a questão técnica, e revela-se artificialmente mais engenhosa, uma vez que o

discurso sobre o discurso pode ser expresso de diferentes maneiras. Primeiramente, por uma manifestação mais óbvia, com o comentário aberto e já crítico do escritor sobre sua obra ou a de seus pares. [...] a *mise en abyme*, com seu alto teor de reflexividade, pode também se exprimir de forma mais discreta, na escala dos personagens ou do narrador, assumindo um valor implícito de comentário, por vezes oculto, atrás de um enunciado ou de uma cadeia de enunciados distribuídos numa obra, constituindo um elo por si só. [...] (Alonso, 2024, p. 34)

Dessa maneira, é possível, partindo das ponderações de Dällenbach, empreender análises que levem em conta o fato de que a *mise en abyme* não se restringe somente a narrativas que se encaixam em outras maiores, mas também podem abarcar personagens que, assim como as caixas chinesas e as bonecas russas (*matrioskas*), nascem umas das

outras, pela retomada de determinados perfis, que podem ser desdobrados e ampliados, ligando obras precedentes de um determinado autor com sua obra final (Vidal, 2024, p. 9).

Não resta dúvida de que *El relato especular* continua sendo uma obra fundamental para os estudos a respeito da *mise en abyme*. As proposições de Dällenbach continuam válidas para as análises que se voltam para essa técnica e permitem, ainda hoje, um aprofundamento em torno de questões esboçadas pelo teórico suíço, como a representação autoral dentro de um livro (o autor *en abyme*), o universo das personagens de um mesmo escritor, quando se pode comprovar que seres ficcionais de narrativas anteriores reaparecem, são reaproveitados, recriados e, por processos como os de amplificação, propiciam novas e insuspeitadas interpretações, enriquecendo o campo da literatura e problematizando o fazer literário e as relações que um texto mantém com outros de um mesmo autor, num movimento incessante de retorno, de reescrita, de espelhamentos e de diálogos intratextuais *ad infinitum*.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Mariângela. *O jogo de espelhos na ficção de Clarice Lispector*. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2017.

ALONSO, Mariângela. Mise en abyme: “a que será que se destina?” *Revista Falas Breves*, n. 13, maio de 2024a. p. 3-6. Disponível em: <https://www.falasbreves.ufpa.br/index.php/revista-falas-breves/article/view/338/272>. Acesso em: 06 fev. 2025.

ALONSO, Mariângela. *Mulheres em abismo: a personagem feminina em Marques Rebelo*. 1. ed. Curitiba: Appris, 2024b.

CARVALHO, Lúcia Helena. *A ponta do novelo: uma interpretação de Angústia*, de Graciliano Ramos. São Paulo: Ática, 1983. (Ensaio: 96).

VIDAL, Ariovaldo José. Prefácio. In: *Mulheres em abismo: a personagem feminina em Marques Rebelo*. 1. ed. Curitiba: Appris, 2024b. p. 9-10.

Recebido: 13/02/2025

Aceito: 21/05/2025

Publicado: 06/07/2025

Vol. 02, **Nº 04** (2025)
ISSN: 2966-0130

REVISTA FIOS DE LETRAS



editora
UEA



UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS



Vol. 02, **Nº 04** (2025)
ISSN: 2966-0130

REVISTA FIOS DE **LETRAS**

VARIAÇÃO NO USO DA PARTÍCULA APASSIVADORA “SE”
E A INTENÇÃO LINGUÍSTICA NA EDUCAÇÃO: ESTUDO EM
UMA ESCOLA PÚBLICA DE ABAETETUBA/PARÁ

Gabriela de Nazaré Rodrigues Gomes

Marcelo Pires Dias



editora
UEA



UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS



Variação no uso da partícula apassivadora “se” e a intenção linguística na educação: estudo em uma escola pública de Abaetetuba/Pará

2

Variation in the use of the Passive Particle “se” and linguistic intention in education: a study in a public school in Abaetetuba/Pará

Gabriela de Nazaré Rodrigues Gomes¹

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-0976-0994>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2239978814321458>

E-mail: gabrieladenazare2425@gmail.com

Marcelo Pires Dias²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7129-1322>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2696005070967074>

E-mail: mpdias@live.com

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar o uso da partícula apassivadora “se” como sujeito da oração por alunos de uma escola pública em Abaetetuba/Pará, buscando entender possíveis variações nesse uso. Os objetivos específicos são: a) Discutir sobre a partícula apassivadora no âmbito da Sociolinguística Variacionista em contraponto ao que está presente na tradição gramatical e b) Apresentar os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa, assim como a análise dos dados obtidos. Logo, esta análise fundamenta-se no âmbito da Sociolinguística à luz de Bortoni-Ricardo; Bagno (2015) sobre a Partícula Apassivadora “se”; entre outros autores. Como resultado, a concordância do verbo com “se” foi crucial para observar uma variante comum entre falantes brasileiros, como indicado por Bagno (2015) e, logo, os alunos mantiveram o verbo no singular para preservar o sentido das orações.

Palavras-chave: Partícula Apassivadora “se”, Ensino, Norma-Padrão, Sociolinguística Variacionista.

¹ Graduanda em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará, com início no ano de 2019, no campus de Abaetetuba. Foi bolsista/monitora PROBAC, pela DAc - Divisão de Acessibilidade, no período de 2019 a 2021 e, no ano de 2021 a 2023, foi bolsista PROAD pela biblioteca, ambas as bolsas executadas no Campus universitário de Abaetetuba. Possui pesquisas na área de inclusão e acessibilidade de pessoas Surdas, ou com deficiência auditiva nas universidades e da importância que as licenciaturas tenham a Libras como disciplina indispensável na grade curricular e, também, pesquisas sobre a Sociolinguística e Variacionista e Educacional, em que apresento a opção do falante por uma variante específica da língua e como essas variações devem ser incorporadas no ensino em paralelo à norma padrão. Por fim, participo do grupo de pesquisa GEHLPA - Grupo de Estudo em História do Livro Didático da Amazônia, coordenado pela Dra. Raimunda Dias Duarte e desenvolvo pesquisas sobre a história do livro didático da Amazônia, especificamente a análise da “Grammatica Portuguesa” de Julio Cezar, autor paraense.

² Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Pará (UFPA), com estágio doutoral (doutorado sanduíche) na Universidade de Santiago de Compostela (USC), Mestre em Estudos Linguísticos (UFPA) e Licenciado em Letras - Língua Portuguesa (UFPA). Foi Pesquisador Visitante no Instituto da Língua Galega (ILG), na Universidade de Santiago de Compostela (USC/Espanha) entre 2014 e 2015. Foi Coordenador do Curso de Licenciatura em Educação do Campo (Faculdade de Etnodiversidade, Campus Altamira). Atualmente é docente da Faculdade de Ciências da Linguagem (FACL), Campus Universitário de Abaetetuba e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL/UFPA, Campus de Cametá). <http://lattes.cnpq.br/2696005070967074>, <https://orcid.org/0000-0002-7129-1322>

Abstract: This article aims to analyze the use of the passive particle “se” as the subject of the sentence by students from a public school in Abaetetuba/Pará, seeking to understand possible variations in its use. The specific objectives are: a) To discuss the passive particle within the scope of Variationist Sociolinguistics in contrast to what is presented in traditional grammar, and b) To present the methodological procedures used in this research, as well as the analysis of the data obtained. Thus, this analysis is based on Sociolinguistics in light of Bortoni-Ricardo; Bagno (2015) on the passive particle “se,” among other authors. As a result, the agreement of the verb with “se” was crucial to observe a common variant among Brazilian speakers, as indicated by Bagno (2015), and, therefore, the students kept the verb in the singular to preserve the meaning of the sentences.

Keywords: Passive Particle “se”, Teaching, Standard Norm, Variationist Sociolinguist.

Introdução

O ensino da partícula apassivadora “se”, no âmbito da colocação pronominal, nas escolas, é na maioria das vezes restrito à norma e as variações existentes são pouco discutidas em sala de aula mesmo que essas possuam mais sentido que aquelas que respeitam as regras canônicas, sem que o aluno compreenda o motivo da ocorrência dessa variação. Sendo assim, a leitura do livro de Marcos Bagno “A língua de Eulália: novela Sociolinguística”, em seu capítulo intitulado “Aceita-se roupas novas! - função da partícula “se” como verdadeiro sujeito da oração -”, motivou a análise da variação nesse fenômeno. É importante destacar que, no contexto educacional, os discentes são orientados a respeitar a ordem sintática canônica das palavras (SVO – sujeito, verbo e objeto/complemento) e fazer as devidas concordâncias entre os sintagmas, tanto no texto escrito quanto no texto falado. Desse modo, o falante reconhece intuitivamente o “se” como o verdadeiro sujeito e mantém o verbo no singular, preservando o sentido da oração.

Levantaram-se informações sobre o uso da partícula apassivadora “se” e seu uso no contexto linguístico em orações passivas sintéticas entre alunos de uma escola pública. Após a coleta, iniciou-se a análise quantitativa dos dados obtidos através do software de regras variáveis Goldvarb X, que permitiu a observação da frequência de uso da partícula apassivadora, bem como as condicionantes envolvidas nesse uso. Esta pesquisa é de cunho bibliográfico e de campo por um método quanti-qualitativa para a análise dos dados.

Este estudo possui por objetivo geral analisar o uso da partícula apassivadora “se” como verdadeiro sujeito da oração entre 30 estudantes da Escola Prof. Benedita de Araújo Pontes, situada no município de Abaetetuba/Pará, como forma de compreender se há variação no uso da partícula entre eles e, de modo a discutir sobre

a partícula apassivadora no âmbito da Sociolinguística Variacionista em contraponto ao que está presente na tradição gramatical. Dessa maneira, nas próximas seções abordaremos os seguintes tópicos: a) Discutir sobre a partícula apassivadora no âmbito da Sociolinguística Variacionista em contraponto ao que está presente na tradição gramatical e b) Apresentar os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa, assim como a análise dos dados obtidos.

2. Metodologia

Em termos metodológicos, esta pesquisa é do tipo descritiva com pesquisa bibliográfica e de campo; com técnica quantitativa e qualitativa para análise dos dados. Nesse contexto, 30 alunos em idades entre 16 e 18 anos responderam a questionários socioeconômicos e a 30 questões nas quais deveriam posicionar a partícula em próclise ou ênclise e se era necessário ou não pluralizar o verbo para concordar com o sujeito da oração (esse último o qual possui relevância para a pesquisa). Nesse âmbito, a escola selecionada é localizada na cidade de Abaetetuba/Pará, na zona urbana e é nomeada como EEEFM Prof. Benvinda De Araújo Pontes. Logo, utilizou-se software de regras variáveis Goldvarb X para analisar estatisticamente os dados reunidos da pesquisa em campo.

Todos os 30 alunos receberam uma apostila contendo 30 questões discursivas. Logo, nessas questões os discentes precisavam fazer a leitura da frase proposta, decidir a posição da partícula apassivadora “se”, se manteriam o verbo no singular e, por fim, reescrever a frase. Dessa maneira, foi possível verificar se o participante possuía conhecimento das regras gramaticais e as respeitariam ou se o enunciado despertaria nele alguma discordância em relação ao sentindo proposto.

As frases propostas aos alunos foram baseadas nas apresentadas por Bagno (2015) em seu livro intitulado “A língua de Eulália: Novela Sociolinguística”. Nesse íterim, Bagno expõe vários exemplos em que há mudança de sentindo quando o falante opta por respeitar a norma gramatical, como em “Ainda se procuram os criminosos responsáveis pelo grande assalto de ontem” (Bagno, 2015, p. 160). Nessa frase fica claro a perda do sentindo quando há a pluralização do verbo, pois o sentido desejado era que alguém procura os criminosos e não que os criminosos procuram a si mesmos. Desse modo, esse e outros exemplos foram usados pela autora desse artigo e serviram como base para a reprodução desses modelos e, assim, serem apresentados aos discentes; abaixo segue a imagem de uma das respostas em que um aluno optou por posicionar a partícula à frente do verbo e de não o pluralizar:



17. Na igreja, <u>se</u> celebra ____ - ____ missas todos os domingos.
Na igreja, se celebra missas todos os domingos.

Quadro 1. Questão número 17

Fonte: Autora

Considerando o caráter heterogêneo do sistema linguístico, em especial do Português do Brasil (PB), a variação é inerente a todas elas e esses condicionadores como o grau de escolarização “que motivam ou restringem a variação” (Coelho *et al.*, 2010, p. 47). Nesse sentido, os dados obtidos vão nos propiciar uma observação aprofundada da escolha desses alunos por manter o verbo no singular ou no plural e, assim, notar a variação sintática presente no caso do “se” apassivador entre os participantes da pesquisa. Dessa maneira, o quadro 1 apresentado acima, proporciona uma noção inicial de como as questões foram fórmulas para os discentes.

3. A partícula apassivadora “se” em a Língua de Eulália: a relação com ensino gramatical da sintaxe

No livro “A língua de Eulália: novela sociolinguística”, Marcos Bagno aborda várias questões de variações linguísticas existentes no falar dos brasileiros. Nesse sentido, Bagno apresenta o capítulo com o título “Aceita-se roupas novas! - função da partícula SE como verdadeiro sujeito da oração” (Bagno, 2015, p. 127).

A discussão sobre a partícula “se” como verdadeiro sujeito da oração, até os dias atuais, não foi resolvida pelos gramáticos e implica no processo de ensino-aprendizagem do Português do Brasil (PB). Nesse contexto, Bagno (2015) apresenta, através das personagens, que em “vendem-se casas” e “vende-se casas”, a maioria dos brasileiros opta pela segunda oração e a Norma Padrão classifica essa escolha como “erro”. Segundo Lima (2021), se o sujeito da passiva estiver no plural, o verbo deverá concordar com ele e, no exemplo “(1) Nessa padaria se come uns docinhos ótimos!”, conforme a norma, o verbo “comer” deveria concordar com o “sujeito uns docinhos”.

O primeiro fato que influencia a opção do verbo no singular, deve-se à sintaxe, pois a ordem sintática das palavras deveria ser: “sujeito+verbo+objeto”, logo, no

3 O capítulo narra o encontro de três amigas que estão de férias do trabalho: Emília, Vera, Sílvia, as quais ao acordarem são surpreendidas com um envelope deixado por sua tia Irene que avisara sobre a sua viagem a Campinas acompanhada de Eulália. Já na cozinha, as três moças sentam-se para tomar café e Vera deparam-se com um bilhete azul sob um pires, logo, as outras também encontram outros bilhetes. Cada bilhete possuía uma pergunta às garotas. Nesse contexto, os bilhetes de Vera, Sílvia e de Emília possuíam os seguintes questionamentos, respectivamente: “Vendem-se casas – quem vende o quê?”, “Se quem tem autoridade para reprovar um aluno é o professor, qual o sujeito da seguinte frase: Na escola, reprovam-se muitos alunos por falarem uma variedade não-padrão do Português?” e “Você já ouviu falar de galinhas suicidas? Então qual o sujeito da seguinte oração: Nesta granja, abatem-se mil galinhas diariamente?”. Diante disso, Irene estimula o pensamento crítico das personagens e do próprio leitor sobre os questionamentos impostos às personagens.

GOMES, Gabriela de Nazaré Rodrigues, DIAS, Marcelo Pires. *Variação no uso da partícula apassivadora “se” e a intenção linguística na educação: estudo em uma escola pública de Abaetetuba/Pará*

exemplo citado há pouco, ocorre a inversão do sujeito e “em vez de estar na ordem normal sujeito-verbo, a frase está invertida, verbo-sujeito” (Bagno, 2015, p.133). Nesse contexto, essa ação de inversão do sujeito é muito usada para embelezar o texto ou enfatizar a ação, mas o usuário da língua tende a respeitar a ordem canônica e o fato de perceber o “se” antes do verbo, classifica-o como o sujeito e mantém o verbo no singular, imediatamente, seria devido a esse respeito a ordem que o exemplo (1) abaixo soaria melhor que o exemplo (2).

(1) Nessa padaria se come uns docinhos ótimos!		
Sujeito	Verbo	Objeto

2) Nessa padaria se comem uns docinhos ótimos!	
Verbo	Sujeito

Imagem 1. Exemplos da partícula apassivadora

Fonte: Livro “A língua de Eulália: novela Sociolinguística”. (Bagno, 2015, p. 133 a 134)

Afirma-se no livro de Bagno (2015) que o fato de o português descender do Latim e, nessa segunda língua, o “se” não obter o papel de sujeito da oração, ele possui unicamente o papel de objeto. Nesse âmbito, as gramáticas do português brasileiro ainda hoje recusam que o “se” possui o papel de sujeito da oração simplesmente por não existirem no Latim, mesmo o português brasileiro ter deixado de ser Latim há séculos. Desse modo, o “se” exerce perfeitamente o papel de sujeito da oração e isso se dá pelo fato de corresponder a outros sujeitos “neutros” ou “indeterminados” que existem em tantas outras línguas: on (francês), one (em inglês), uno (espanhol), man (alemão) e é por isso que os tradutores ao encontrarem uma destas palavras num texto estrangeiro, tratam logo de traduzi-la pelo “se” do PB.

No capítulo intitulado “O estranho caso das galinhas suicidas” Bagno (2015) afirma que há outra explicação para a concordância do verbo com a partícula “se”. Nesse contexto, há diferentes sentidos (semântica) nos verbos que compõem os dois enunciados onde “se” está presente e, logo, na Imagem 1, especificamente o exemplo 2, não apresenta o sentido desejado pelo falante mesmo respeitando as regras gramaticais, já o primeiro possui o sentido desejado. Dessa maneira, se a frase for posta na ordem SVO como no exemplo “(3) Nessa padaria uns docinhos ótimos se comem”, observa-se que o sujeito passivo “uns docinhos” está cometendo autofagia, o mesmo sentido que possui a oração (1), a qual respeita a gramática tradicional.

No capítulo “Não me venha falar em equivalência!” é exposto por Bagno (2015) que tanto a frase “Abatem-se mil galinhas” quanto a frase “Mil galinhas são abatidas diariamente” estão corretas conforme a norma gramatical. Nesse sentido, consoante a “terminologia tradicional” estão na voz passiva, em que a ação está sendo sofrida pelo sujeito da oração e, logo, o “se” da primeira oração serve para criar uma oração passiva sintética e a segunda oração está na voz passiva analítica (verbo auxiliar “ser” + particípio passado). Dessa maneira, ao manter o verbo no singular para concordar com a partícula “se” (como sujeito da oração) ocorre a mudança de sentido.

Evidencia-se que os falantes ao usarem os mecanismos linguísticos de sua língua, mantém o sentido desejado e, em “Abate-se mil galinhas diariamente”, afirma-se que alguém abate as galinhas, “mesmo que esse alguém não seja nomeado, o que está expresso pelo sujeito, sujeitíssimo, ‘se’” (Bagno, 2015, p. 139). No entanto, nas orações que respeitam a norma padrão no PB, em que o verbo está no plural, não proporcionam o sentido desejado. Diante disso, a partícula assume o papel do sujeito e a versão formada pelo verbo “ser” mais o particípio passado é, realmente, uma oração passiva.

O livro propõe três explicações que defendem a partícula “se” como verdadeiro sujeito da oração. Nesse contexto, expõe-se uma explicação no campo da sintaxe, uma à luz da semântica e a última de acordo com a pragmática. Diante disso, Bagno (2015) defende que há duas formas possíveis de reconhecimento da função da partícula “se”: o primeiro reconhecendo a partícula como sujeito da oração e classificando como oração ativa ou que ela seja reconhecida como um pronome pessoal, sendo o índice de indeterminação do sujeito.

4. A pesquisa e observação da partícula apassivadora “se” como o sujeito da oração

Ao observar o fenômeno da partícula apassivadora “se” no livro “A Língua De Eulália”, em que o falante tende a concordar o verbo com a partícula “se”, compreende-se a partícula como o verdadeiro sujeito da oração, o qual está apassivado (sofrendo a ação) e decidiu-se que esse fato deveria ser observado na prática por meio de uma pesquisa de campo. Nesse sentido, 30 alunos da 2ª série do ensino médio da EEEFM Profa. Benvinda de Araújo Pontes, na cidade de Abaetetuba, cada aluno recebeu um 1 questionário socioeconômico e 30 questões discursivas para que fosse possível observar se ocorreria a variação da partícula apassivadora “se” entre esses discentes.

O questionário socioeconômico foi aplicado para entender ambiente social em que o falante está inserindo, pois, todas as interações sociais contribuem no

processo de variação linguística e essa preocupação de entender a escolha da não pluralização do verbo para concordar com o “se”. Nesse sentido, no questionário disponibilizado aos alunos foram feitas nove perguntas divididas em Informações pessoais (Nome, Idade, Gênero e Estado Civil) e Emprego e Renda (Qual é a sua ocupação atual?), Moradia (Você possui acesso à internet em casa?), interesse nos estudos (gosta de ler? E você gosta de estudar a gramática do PB?). Dessa maneira, as respostas nesses questionários permitiram entender como os ambientes de sociabilização e os condicionantes extralinguísticos contribuem para o uso do “se” como o sujeito da oração pelos participantes da pesquisa, pois:

Um domínio social é um espaço físico onde as pessoas interagem assumindo certos papéis sociais. Os papéis sociais são um conjunto de obrigações e de direitos definidos por normas socioculturais. Os papéis sociais são construídos no próprio processo de interação humana. Quando usamos a linguagem para nos comunicar, também estamos construindo e reforçando os papéis sociais próprios de cada domínio (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 23).

Considerando a pesquisa Sociolinguística Variacionista/Laboviana, ou seja, a Sociolinguística que investiga a estrutura e o desenvolvimento da língua dentro do contexto social da comunidade (Labov, 2008), deve-se observar na pesquisa o ambiente de sociabilização (escola) onde os alunos estão inseridos. Nesse sentido, a instituição de ensino localiza-se na zona urbana e é composta por alunos de diversas localidades, mas a turma alvo da pesquisa possui o percentual estatístico de 80% dos alunos oriundos da zona urbana e 20% da zona rural, conforme dados obtidos através do questionário socioeconômico.

Para a análise dos dados da pesquisa, utilizou-se o software Goldvarb X que ajudou a obter os percentuais úteis para a análise linguística. Ressalta-se que a ferramenta foi utilizada apenas com o intuito de contabilizar a quantidade de ocorrências da realização do fenômeno, de modo que futuramente será feito um estudo com as condicionantes linguísticas e extralinguísticas que podem ajudar a explicar a regra variável envolvida no uso da partícula apassivadora. Logo, tanto os dados dos questionários quanto das questões foram inseridos, por meio da codificação, em um modelo que considerava as variantes singular e plural (se o verbo foi pluralizado ou não) e condicionantes externos como o sexo dos alunos, hábitos de leitura, aprendizado e acesso à internet para comprovar a variação sintática e semântica presente na intenção do uso do “se” como sujeito da oração.



4.1 Resultados obtidos

Os resultados estatísticos apresentados a seguir permitiram a comprovação da tese defendida por Bagno (2015). O autor apresenta em seu livro uma divisão das possíveis causas da não pluralização do verbo nas orações passivas sintéticas, a primeira no campo da sintaxe, a segunda no campo da semântica e a terceira no campo da pragmática e, logo, essa pesquisa procura comprovar através dos dados que tanto a variação sintática quanto a variação semântica possuem forte influência na opção da não pluralização do verbo na oração pelos 30 alunos participantes da pesquisa. Desse modo, a hipótese levantada será baseada nos condicionadores internos (sintaxe e semântica) e externos (escolaridade, entre outros) que foram considerados para gerar os dados.

Preocupou-se em entender o nível de interesse dos alunos sobre o português do Brasil (PB), pois, teoricamente, o aluno tende a respeitar a norma gramatical quando possui conhecimento sobre ela. Nesse âmbito, no questionário havia duas perguntas destinadas aos alunos que buscavam entender sobre o seu interesse no aprendizado da língua, sendo a primeira: “Você gosta de estudar a gramática da Português do Brasil (PB)?” e a segunda que questionava se “Gosta de ler?”. Diante disso, esses questionamentos foram de suma importância para entender o ambiente/ contexto linguístico em que os alunos estão inseridos e qual a norma padrão vigente na língua que possuem conhecimento. No quadro subsequente podemos verificar os posicionamentos dos estudantes em relação ao interesse em estudar gramática do PB:

Grupo 1		FEMININO	MASCULINO	Total	%
SIM	N	16	2	18	60,0%
	%	88,9%	11,1%		
NÃO	N	6	6	12	40,0%
	%	50,0%	50,0%		
TOTAL	N	22	8	30	
	%	73,3%	26,7%		

Quadro 2. Divisão por gênero dos alunos que gostam ou não de estudar a gramática.

Fonte: Elaborado pela autora

Nesse contexto, o nível de acesso à norma interfere no modo como os falantes concebem a organização sintática das orações em que há a partícula apassivadora “se”. Logo, dentre os alunos entre 16 e 18 anos da turma selecionada, que responderam ao questionário, 60% deles afirmam que gostam de estudar a gramática do português do Brasil (PB) e 40% afirmam que não gostam. Enquanto 11,1% pessoas do sexo

masculino afirmam que gostam de estudar gramática, 88,9% de indivíduos do sexo feminino afirmam gostar, tornando-se um fato elucidante, pois pesquisas do campo da Sociolinguística comprovam que as mulheres tendem a ser “mais conservadoras que os homens [...] preferem usar as variantes valorizadas socialmente” (Coelho *et al.*, 2010, p. 79). A partir dessa afirmação, é preciso observar que os falantes e seus grupos sociais sofrem alterações constantemente e a norma de prestígio em muitas situações não apresenta o sentido desejado. Diante disso, as análises que consideram esses condicionadores externos nos proporcionam vários dados que serão apresentados a seguir através das questões formuladas. Entre os estudantes que indicaram que não gostam de estudar a gramática do PB tivemos pessoas do sexo feminino e masculino com 50% cada. É preciso considerar que o quantitativo dos participantes de ambos os sexos é desequilibrado, pois a maioria dos participantes é mulher (22 informantes).

Nesse sentido, a quinta questão analisada estatisticamente na tabela a seguir propõe aos alunos a opção de pluralização ou não do verbo durante o ato de concordância com o sujeito e na escolha pela colocação da partícula “se” em posição enclítica ou proclítica. Logo, a quinta frase proposta foi: “5. Na escola __ ensina__ - __ as línguas mais faladas do mundo”, observa-se que há três espaços na frase, sendo o primeiro (da esquerda para a direita) posicionar a partícula apassivadora “se” em próclise e no último espaço após o hífen em posição de ênclise; após a escolha entre a posição da partícula, os alunos teriam que pluralizar ou não o verbo, conforme a sua concordância com o sujeito presente na oração. Dessa maneira, na oração da questão 5 apresentada anteriormente, todos os 30 alunos entenderam a solicitação da questão e, logo, foram obtidos os resultados expostos na tabela a seguir:

Questão 5		FEMININO	MASCULINO	Total	%
SINGULAR “Na escola “se” <u>ensina</u> as línguas mais faladas do mundo” ou “Na escola <u>ensina</u> -se as línguas mais faladas do mundo”	N	17	7	24	80
	%	70,8	29,2		
PLURAL “Na escola <u>ensinam</u> -se as línguas mais faladas do mundo” ou “Na escola “se” <u>ensinam</u> as línguas mais faladas do mundo”	N	5	1	6	20
	%	83,3	16,7		
TOTAL	N	22	8	30	
	%	73,3	26,7		

Tabela 1. Percentual de concordância em relação a 5ª questão

Fonte: Elaborado pela autora

Na tabela 1, é apresentado o percentual estatístico das respostas dos alunos referente a questão cinco. Evidencia-se nessa questão que 80% dos alunos optaram em manter o verbo no singular, concordando-o com a partícula apassivadora “se”, portanto, na frase da primeira questão apresentada a pouco, “5. Na escola ___ ensina___- ___ as línguas mais faladas do mundo”, os discentes mesmo posicionando a partícula em ênclise ou próclise mantiveram o verbo no singular. Nesse contexto, essa variação interna é inerente ao condicionamento linguístico que o falante sofre durante o aprendizado social da LP, pois, ao interagir com os grupos sociais, a ordem sintática dos enunciados que ocorrem, respeita a ordem de sujeito, verbo e complemento; regra essa que advém de anos de influências linguísticas do Latim, em que o “se” apresenta apenas o papel de objeto. Entretanto, o falante que não possui acesso à norma de prestígio, afirma o “se” como sujeito da oração por estar mais próximo ao verbo. Dessa maneira, não faz sentido para o falante que na oração da voz ativa a norma afirma que “Alguém” possui o papel de ensinar, já na voz passiva analítica “as línguas mais faladas do mundo” possuem esse papel, mas na passiva sintética a função do “se” como pronome apassivador, o fato de estar localizado próximo ao verbo e ser um pronome faz sentido fazer a concordância com ele e não com o sintagma nominal.

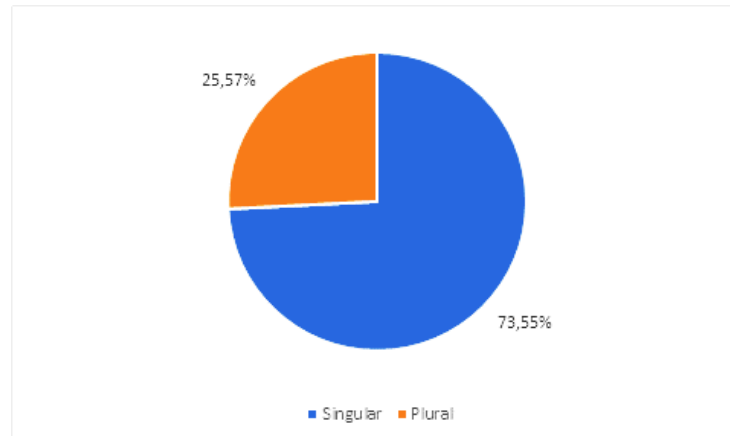


Gráfico 1. Análise da concordância verbal

Fonte: Elaborado pela autora

No gráfico 1, que apresenta a porcentagem dos dados de todas as questões respondidas pelos alunos no que se refere à divisão da quantidade de discentes que optaram por manter as frases no singular ou no plural, verifica-se que houve o interesse maior por manter o verbo no singular pelos participantes. Nesse âmbito, o gráfico aponta o que Bagno (2015, p. 154) defende em seu livro que o falante mantém o verbo no singular para concordar com o sujeito “se”, mantendo o sentido da

oração e, logo, isso não é um erro, mas apenas o dono da língua (falante) utilizando dos mecanismos linguísticos presentes na língua e, assim, manter o discurso coerente. No gráfico 1, 73,55% dos participantes da pesquisa optaram pela coerência dos enunciados propostos, enquanto 25,57% pluralizaram o verbo concordando com o sintagma nominal.

5. Na escola se ensinam- __ as línguas mais faladas do mundo.

Na escola se ensinam as línguas mais faladas do mundo.
--

Quadro 3 Questão número 5, aluno JCSS (próclise)

Fonte: Autora

Na frase da quinta questão, não há a concordância do verbo com o sintagma nominal e é conservado o sentido da oração, apresentando a variação semântica. Nesse contexto, observa-se que no Quadro 3 apresentado acima, quando o verbo é posto no plural para concordar com o sintagma nominal, a frase muda totalmente de sentido e acaba afirmando que as próprias línguas ensinam umas às outras as línguas mais faladas do mundo (Na escola se ensinam as línguas mais faladas do mundo), entretanto, quando o verbo permanece no singular, mantém-se o sentido desejado pelo falante/estudante. Desse modo, mesmo na oração a partícula apassivadora estando na posição de ênclise ou próclise, a maior parte dos participantes analisados preserva o verbo no singular de modo a manter o sentido desejado da oração, como no quadro 4 abaixo que apresenta a resposta de um aluno referente a quinta questão:

5. Na escola, <u>se</u> ensina __ - __ as línguas mais faladas do mundo.
--

Na escola se ensina as línguas mais faladas do mundo.

Quadro 4. Questão número 5, aluno FVR (próclise).

Fonte: Autora

O gráfico 1 elucida a questão tão debatida por Bagno (2015) na qual o falante diante da mudança de sentido no enunciado e das influências linguísticas, toma o “se” como sujeito. Essa variação se deve ao condicionador linguístico grau de escolaridade (ou seja, alguns estudantes podem não ter acesso a normas linguísticas ou devido ao abandono da escola ou pela falta de interesse na aprendizagem de normas gramaticais) e, logo, o ambiente linguístico e o nível de compreensão das regras gramaticais propiciam o reconhecimento da mudança de sentido no instante em que é feita a concordância do verbo com o sintagma nominal. Diante disso, exigir

do falante que opte por uma determinada variante de prestígio e essa não apresentar o sentido desejado, é um tanto frustrante para o indivíduo, pois o papel da linguagem é a comunicação e deve ser bem-sucedida e cumprir com o seu papel.

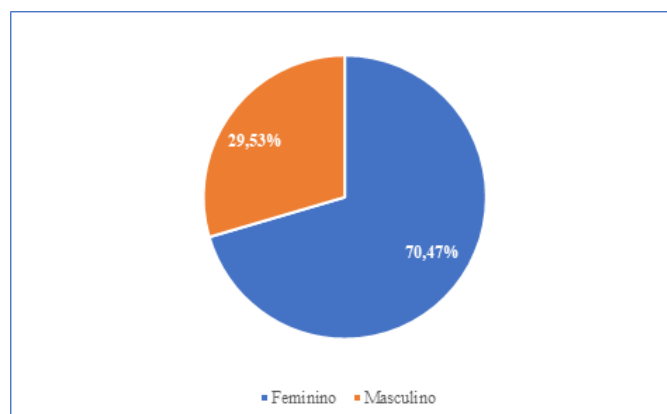


Gráfico 2. Concordância do verbo por gênero

Fonte: Elaborado pela autora

O Gráfico 2 apresenta estatisticamente a opção da não concordância verbal com o sujeito conforme a norma gramatical. Nesse sentido, 70,47% das mulheres optaram por manter o verbo no singular, da mesma maneira que 29,53% dos homens também mantiveram o verbo no singular. Diante disso, observa-se que os sujeitos que responderam às questões, de forma superior pelas pessoas do sexo feminino, concordaram o verbo com a partícula apassivadora “se” para manter o sentido desejado na oração.

Apesar de ocorrer a variação, ela é sistematizada. Os falantes conseguem se entender, comunicar-se mesmo com a variação do uso do “se” como sujeito do enunciado. Nesse âmbito, nota-se que apesar de a língua ser heterogênea, há regras variáveis e mesmo que a gramática normativa afirme que o verbo deve concordar com o sintagma nominal da oração passiva sintética, parte dos falantes não o fazem. Dessa maneira, o fato de tomar o “se” como sujeito é mais uma regra condicionada por fatores sociais e linguísticos, pois é nítido que a maioria dos alunos, em especial as discentes do sexo feminino, afirma gostar de estudar gramática, mas não obedecem às regras estabelecidas por ela, mas as regras sintáticas e semânticas surgidas dessa variação do uso da partícula e ao manter o verbo no singular estão reconhecendo o “se” como sujeito e mantendo o sentimento do enunciado.

Dentro do campo sintático, há o sintagma onde apresenta a hierarquização de elementos que formam uma unidade linguística. Nesse sentido, dentre os diferentes tipos de sintagma, os principais são o sintagma nominal e o sintagma verbal, e esse último tende a se flexionar para concordar com o primeiro, em que ocorre a relação

entre sujeito e verbo em uma oração. Portanto, Cardoso e Cobucci (2014) afirmam que as concordâncias que não seguem a norma-padrão como fato dos verbos utilizados na pesquisa e sua concordância com a partícula apassivadora “se”, serem ocasionadas pela tentativa do falante do PB concordar semanticamente “e/ou discursivamente motivada” dentro da estrutura linguística.

Em uma sala de aula existem diversos tipos de variação linguística como qualquer outro domínio social. Nesse ínterim, esses alunos advêm da rica cultura linguística influenciada pelo papel social em que estão inseridos e, mesmo o fato de 60% deles afirmarem que gostam de estudar a gramática da Português do Brasil (PB) (quadro 2), a maioria traz consigo regras de concordância que determinam a supremacia em manter sempre o sentido desejado, mesmo que vá em desencontro com a norma-padrão. Dessa maneira, em “todos os domínios sociais, há regras que determinam as ações que ali são realizadas” e o falante adaptará essas regras conforme a sua necessidade linguística (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 25).

Considerações finais

A análise dos dados obtidos dos trinta alunos revelou uma variação significativa no uso da partícula apassivadora, evidenciando que a escolha entre singular e plural do verbo depende de fatores extralinguísticos, tais como o nível de conhecimento gramatical e a influência do contexto social. Portanto, esse achado ressalta a importância de considerar as variações linguísticas não apenas como desvios da norma, mas como manifestações legítimas da competência comunicativa dos falantes.

No que tange à partícula apassivadora “se”, a obra de Bagno (2015) ilumina as controvérsias e complexidades do seu uso como sujeito da oração, desafiando as normas gramaticais tradicionais. Nesse âmbito, a pesquisa de campo realizada corroborou as observações de Bagno, evidenciando que a escolha pelo verbo no singular, concordando com “se”, reflete uma adaptação funcional e semântica dos falantes, priorizando o sentido desejado na comunicação.

As variações linguísticas observadas, sistematizadas e influenciadas por fatores sociais, demonstram que a heterogeneidade é uma característica inerente e rica da língua. Nesse sentido, a insistência em uma norma padrão, que muitas vezes não comunica o sentido desejado, sublinha a necessidade de um ensino linguístico inclusivo e sensível às realidades culturais e sociais dos alunos. Dessa maneira, considerando a competência linguística dos falantes, ao adaptar a língua às suas necessidades comunicativas, reafirma a importância de uma pedagogia linguística

que valorize a diversidade e promova a equidade no acesso ao conhecimento linguístico.

A investigação sobre a partícula apassivadora “se” evidencia a intersecção entre sintaxe, semântica e pragmática na formação das regras de concordância linguística. Nesse contexto, ao reconhecer a influência das normas de prestígio e a resistência dos falantes em adotá-las quando não satisfazem suas necessidades comunicativas, a pesquisa aponta para um entendimento mais profundo e contextualizado da variação linguística. Assim, a Sociolinguística e os estudos sobre a partícula “se” contribuem para um ensino de Português do Brasil (PB) mais inclusivo, consciente e adaptado às realidades vividas pelos alunos.

Diante do exposto, este estudo contribuiu para uma reflexão mais aprofundada sobre a educação linguística no Brasil, destacando a necessidade de práticas pedagógicas que reconheçam e valorizem a pluralidade linguística dos alunos. Ao invés de meramente corrigir “erros”, a educação deve buscar entender as escolhas linguísticas dos estudantes, promovendo um ensino que equilibre o respeito pela norma culta com a valorização das variações linguísticas naturais. Dessa forma, podemos avançar em direção a uma reavaliação de algumas normas do português do Brasil (PB), especialmente, em relação a partícula apassivadora “se” que obviamente assume o papel de sujeito na oração, mantendo o sentido nas orações intituladas pela norma gramatical passivas sintéticas.

Referências

BAGNO, Marcos. *A língua da Eulália: novela sociolinguística*. 17. ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística em sala de aula*. São Paulo: Parábola Editora, 2004.

CARDOSO, Caroline Rodrigues; COBUCCI, Paula. Concordância de número no português brasileiro. In: Bortoni-Ricardo, Stella Maris (org.). *Por que a escola não ensina gramática assim?* São Paulo: Parábola, 2014.

COELHO, Izete Lehmkuhl et al. *Sociolinguística*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. *Gramática Normativa do Português do Brasil (PB)*. 58. ed. rev. e ampl. segundo o novo acordo ortográfico. Rio de Janeiro: José Olympio, 2021.

Recebido: 09/10/2024

Aceito: 09/01/2025

Publicado: 07/03/2025

Vol. 02, **Nº 04** (2025)
ISSN: 2966-0130

REVISTA FIOS DE LETRAS



editora
UEA



UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS



Vol. 02, **Nº 04** (2025)
ISSN: 2966-0130

REVISTA FIOS DE **LETRAS**

PREPOSIÇÃO: UM ESTUDO COMPARATIVO DE
GRAMÁTICAS LATINAS E DE LÍNGUA PORTUGUESA

Maria Ozana Lima de Arruda

Lídia de Araújo Lopes



editora
UEA



UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS



Preposição: um estudo comparativo de gramáticas latinas e de Língua Portuguesa

2

Preposition: a comparative study of latin and portuguese grammar

Maria Ozana Lima de Arruda¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3017-3151>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5483160509504868>

E-mail: mlarruda@uea.edu.br

Lídia de Araújo Lopes²

ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-1778-6716>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6087888604412266>

E-mail: lidiadearaujolopes@gmail.com

Resumo: O presente artigo tem por objetivo analisar gramáticas de Língua Portuguesa e Latina, com a finalidade de proporcionar um estudo comparativo a respeito da classe de palavra das preposições e seu uso, tanto em uma língua quanto em outra, para que possamos estabelecer relações de proximidades e afastamento em sua evolução para a Língua Portuguesa do Brasil. Para isso, usou-se o método de pesquisa bibliográfica, em que se buscou por teóricos que já estudaram o tema com contribuições em livros, artigos e teses, e posteriormente a análise das gramáticas propostas por esse trabalho, a saber, a *Gramática descritiva do Português brasileiro* (Perini, 2016); *Gramática normativa da Língua Portuguesa* (Lima, 2011); *Gramática histórica da Língua Portuguesa* (Said Ali, 1964) e *A arte maior e arte menor* de Donato (Dezotti, 2011).

Palavras-chave: Preposição. Gramática. Língua Portuguesa. Língua Latina.

Abstract: This article aims to analyze Portuguese and Latin language grammars, with the aim of providing a comparative study of the word class of prepositions and their use, both in one language and in another, so that we can establish relations of proximity and distance in its evolution to the Portuguese language of Brazil. For this, the bibliographic research method was used, in which theorists who had already studied the subject with contributions in books, articles and theses were searched, and later the analysis of the grammars proposed by this work, namely, the *Gramática descritiva do Português brasileiro* (Perini, 2016); *Gramática normativa da Língua Portuguesa* (Lima, 2011); *Gramática histórica da Língua Portuguesa* (Said Ali, 1964) and *Ars maior and minor* of Donato (Dezotti, 2011).

Keywords: Preposition. Grammar. Portuguese Language. Latin Language.

¹ Doutora em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo (USP), docente do Curso de Letras no Centro de Estudos Superiores de Tefé (CEST), na Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

² Graduada em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

A preposição insere-se dentro do grupo dos vocábulos ditos gramaticais, aos quais é atribuída a característica de maior estabilidade dentro de uma língua, isto é, trata-se de uma classe de palavra que admite menor possibilidade de sofrer alterações. Por isso, é frequentemente identificada como pertencente ao conjunto de palavras definido como invariável, dadas as limitações para o surgimento de novas palavras que possam ser reconhecidas como tais. Essas características dão a falsa impressão de que há pouco a se falar a respeito dessa classe gramatical, a ponto de não figurar como objeto em muitos estudos e raramente ter mais que algumas poucas páginas a ela dedicada nas gramáticas.

O presente estudo pretende discutir a preposição do ponto de vista justamente das gramáticas, analisando de forma mais detida como as diferentes abordagens linguísticas conceituam a classe gramatical em português e comparando a definição oferecida por um gramático de Língua Latina, em razão do fato de que boa parte das preposições tem raiz neste idioma. Desse modo, buscamos identificar no que os conceitos se assemelham e no que diferem, tanto na nossa língua, quanto na Língua Latina.

Quanto à metodologia, o presente trabalho explora, sobretudo, a pesquisa bibliográfica, uma vez que empreendemos a busca por gramáticos da Língua Portuguesa e da Língua Latina no intuito de analisar como é descrita a classe gramatical da preposição em cada uma, bem como estudos diversos que abordam a questão. Desse modo, inicialmente, analisamos o conceito de preposição nas obras *Arte menor e Arte maior* de Donato. Depois, apresentamos o conceito de preposição em gramáticas de Língua Portuguesa de diferentes abordagens gramaticais, uma vez que cada uma apresenta uma forma particular de compreender uma língua e abordam diferentes aspectos em função da necessidade de estudar os fenômenos. Desse modo, uma gramática pode valorizar o aspecto descritivo e priorizar a descrição da língua tal como ela é falada, ou o aspecto histórico, e priorizar o percurso evolutivo da língua, ou o aspecto normativo, que prioriza o estudo da língua tendo em vista as normas e regras que regem o seu uso de forma padronizada. Assim, escolhemos um exemplar de cada abordagem, a saber, a *Gramática normativa da Língua Portuguesa* de Carlos Henrique da Rocha Lima (Lima, 2011), com abordagem normativa, a *Gramática descritiva do Português brasileiro* de Mário Perini (Perini, 2016), com abordagem descritiva, e a *Gramática histórica da Língua Portuguesa* de Manuel Said Ali (Said Ali, 1964), com abordagem histórica.

1 O conceito de preposição

Inicialmente, é importante apresentarmos a classe gramatical das preposições, para isso, lançamos mão de duas gramáticas de Língua Portuguesa, a *Nova gramática do*

Português contemporâneo de Cunha e Cintra (2016) e a *Novíssima gramática da Língua Portuguesa* de Domingos Paschoal Cegalla (2008), para que possamos entender melhor nosso objeto de estudo e suas particularidades em relação às construções gramaticais na Língua Portuguesa. Segundo Cunha e Cintra (2016, p. 569), “chama-se preposições as palavras invariáveis que relacionam dois termos de uma oração, de tal modo que o sentido do primeiro (ANTECEDENTE) é explicado ou completado pelo segundo (CONSEQUENTE)”. Notemos que a primeira característica apontada diz respeito ao fato de as preposições fazerem parte do grupo de palavras que não sofrem variações, como é o caso também das conjunções e, em certa medida, dos advérbios. Após o critério morfológico, essa classe de palavras é caracterizada pelo fato de unir dois termos ajudando a estabelecer uma conexão de dependência e sentido entre eles, sendo adotado, portanto, critérios, respectivamente, sintático e semântico, uma vez que a preposição estabelece uma relação de dependência entre duas partes da oração, e essa relação também acarreta alteração no caráter semântico, uma vez que o termo consequente explica ou completa o sentido do antecedente.

Domingos Paschoal Cegalla, por sua vez, destaca também o caráter sintático da classe gramatical ao afirmar que “a preposição liga um termo dependente a um termo principal ou subordinante, estabelecendo entre ambos relação de posse, modo, lugar, causa, fim, etc.” (Cegalla, 2008, p. 268). Ao citar o critério semântico, o autor detalha os tipos de relação de sentido estabelecidos entre o termo dependente e o termo principal, de forma que são mudadas as circunstâncias da construção gramatical do período. Ele apresenta ainda uma conceituação mais restritiva “Preposição é *uma palavra invariável que liga um termo dependente a um termo principal, estabelecendo uma relação entre ambos* (Cegalla, 2008, p. 268). Nessa definição, observamos o caráter invariável da classe gramatical e o fato de ela apresentar aspectos sintáticos e semânticos estabelecendo uma ligação entre termos, ou seja, um lugar próprio na construção oracional. Da mesma forma, Cegalla (2008, p. 268) caracteriza-a com certos tipos de relação semânticas, como posse (como no exemplo “a motocicleta **de** Cláudio era nova”), modo (como no exemplo “Trabalhemos **com** alegria) ou lugar (como no exemplo “Isabel mora **em** Niterói)”³.

Notamos que as duas gramáticas apresentam conceituações parecidas em relação às preposições e seus usos na Língua Portuguesa, como o fato de certas preposições atribuírem sentidos diversos a depender do contexto, por exemplo, na construção: “vou a São Paulo”, em que a preposição “a” indica uma circunstância de movimento de um lugar para outro, e “Estou a sua disposição”, em que o “a” indica um modo. Vemos que elas além de estabelecer a relação, dão significados diferentes sendo indispensáveis na relação do sentido da frase.

3 Grifos do autor.

Conceituadas as preposições segundo gramáticas da Língua Portuguesa, apresentemos agora como elas aparecem em gramáticas de Língua Latina.

2 As preposições nas gramáticas de Língua Latina

Das gramáticas latinas, usamos, sobretudo, as obras de Donato, *Arte menor* e *Arte maior* (Dezotti, 2011), escritas por volta de 350 d. C, e que serviram como base para várias gramáticas clássicas na Europa medieval. Élio Donato foi professor de gramática em Roma e, além dessas informações, pouco se sabe de sua vida; sua obra, no entanto, em razão do modelo gramatical proposto, mostrou-se melhor do que as anteriores a seu tempo, tornando-se objeto de prestígio que fez seu nome ser conhecido e citado por personalidades influentes de sua época.

A arte menor é o primeiro tratado, sendo constituído de oito capítulos a respeito das partes da oração, “sobre o nome, o pronome, o verbo, o advérbio, o particípio, a conjunção, a preposição e a interjeição” (Dezotti, 2011, p. 15), os quais são apresentados de forma catequética, ou seja, por meio de perguntas e respostas normativas e memorizáveis. *A arte maior*, por sua vez, é a reunião de outros três tratados: no primeiro tratado, o gramático discute, em seis capítulos, acerca da voz, da letra, da sílaba, do pé métrico, do acento e da pontuação (Dezotti, 2011, p. 15); no segundo tratado, é apresentado novamente o conteúdo da *Arte menor*, todavia com maior abrangência e detalhamento; e, no terceiro tratado, são apresentados os vícios da oração e algumas figuras de linguagem sob a forma de virtudes.

Quanto à preposição, a *Arte menor* de Donato, apresenta uma conceituação que nos ajuda a entender como ela atua nas construções de orações e palavras na Língua Latina, e com a qual podemos perceber a sentido de sua própria nomenclatura.

Preposição é o quê? É a parte da oração que, preposta às outras partes da oração, complementa, altera ou diminui a significação delas. A preposição tem quantos acidentes? Um. Qual? Somente caso. Quantos? Dois. Quais? Acusativo e ablativo. (Donati, *Ars Minor*, 600)⁴.

Percebemos que o primeiro elemento destacado por Donato diz respeito à localização em que preposição ocorre, ela se coloca quase sempre à frente de outras partes da oração⁵. Esse aspecto sintático é primordial, dado que ele fica explícito no próprio nome da classe gramatical formada pela preposição *prae* (pré) + *positio* (posição, lugar), demarcando que ela aparece em posição preposta ao termo ao qual se liga. Logo em seguida, além de apresentar uma ligação sintática, o gramático destaca o critério semântico

4 Todas as traduções de Donato são de Lucas Consolin Dezotti (Dezotti, 2011) que por sua vez usa o texto latino da edição de Holtz (1981).

5 As partes da oração correspondem às classes gramaticais.

da preposição, acentuando que ela tem a capacidade de completar, alterar ou diminuir a significação dos termos aos quais se liga.

Donato destaca ainda que a preposição tem apenas um acidente, isto é, apenas uma categoria de análise, a de caso, e rege apenas dois casos na Língua Latina, o acusativo e ablativo. Nesses dois casos, há preposições específicas para uso em cada uma, como, por exemplo, *ad*, *circum*, e *intra* no acusativo, caso geralmente ligado à função sintática de objeto direto na oração, e *a*, *cum* e *de* no ablativo, caso comumente relacionado aos adjuntos adverbiais e à função do agente da passiva. No entanto, há preposições que tanto usam um caso como o outro, mudando assim o seu sentido na oração, é o caso de *in*, *sub*, *super* e *subter* (Dezotti, p. 2011, p. 128). A preposição *in*, por exemplo, quando rege acusativo tem a noção de que algo ou alguém vai, foi ou irá a determinado lugar; quando rege ablativo, por sua vez, indica que algo ou alguém está, esteve ou estará em determinado lugar. O gramático destaca ainda que algumas preposições só aparecem juntas a outras palavras, a saber, *di*, *dis*, *re*, *se*, *am* e *com*; enquanto outras não aparecem jamais juntas a outras palavras (*apud* e *penes*); e um terceiro grupo, por fim, que tanto podem aparecer juntas a outras palavras como sozinhas (do qual faz parte todas as outras preposições).

Como já afirmado, as definições apresentadas na *Arte menor* de Donato são iguais às da *Arte Maior*; esta, no entanto, contém mais detalhes em relação à formação de palavras a partir da união de preposições com palavras de outras classes gramaticais, assim como também apresenta as mudanças morfológicas que podem ocorrer nesse processo de formação lexical, como podemos ver a seguir (*Donati, Ars Maior*, 648-649):

De fato, ou prepõe-se ao nome, como *inualidus*; ou prepõe-se ao pronome, como *prae me*, ou lhe sucede, como *mecum*, *tecum*, *nobiscum*, *uobiscum*; ou precede o verbo, como *perfero*, ou o advérbio, como *expresse*, ou o particípio, como *praecedens*, ou a conjunção, como *absque*, ou a si mesma, como *circumcirca*.

As preposições dependem de casos ou de palavras, ou tanto de casos quanto de palavras. Paralelamente, ou se juntam ou permanecem separadas, ou tanto se juntam quanto permanecem separadas.

As que se juntam são *di*, *dis*, *re*, *se*, *am*, *con*, pois dizemos *diduco*, *distraho*, *recipio*, *secubo*, *amplector*, *congregior*; as que permanecem separadas são *apud*, *penes*; todas as outras se juntam ou permanecem separadas. Dentre estas, as preposições *in* e *con*, se entrarem numa composição de modo que as letras *s* ou *f* venham imediatamente depois, em geral se alongam, como *insula*, *infula*, *consilium*, *confessio*.

Podemos notar que os gramáticos latinos consideram a possibilidade da preposição latina poder se juntar anteposta a várias outras classes de palavras, a saber, substantivos, verbos, advérbios, particípios, conjunções ou a elas mesmas, mas também pode vir tanto preposicionada quanto pós-posicionada aos pronomes. Este fato faz, segundo Donato, com que haja uma fuga da própria arte, isto é, uma fuga daquilo que é a regra, o que, no

entanto, é um mecanismo utilizado para evitar a cacofonia ou para obedecer às regras métricas. Do mesmo modo, o gramático aponta as preposições que só podem aparecer justapostas a outras palavras, assim formando uma única palavra, como o exemplo de *recipio* (*re* + *cipio*⁶). Mas também podem vir apenas colocadas à frente de uma palavra sem necessariamente está formando uma única palavra, como as preposições que antecedem os casos. Após discorrer novamente sobre a possibilidade das preposições se juntarem ou não a outras palavras, Donato acrescenta que essas preposições, cujas sílabas antes possuíam peso leve, se seguidas das letras *s* e *f*, em geral, alongam-se, isto é, tornam-se pesadas⁷.

Após citar essas informações relativas à fonologia das preposições no processo de formação de novas palavras, o gramático retoma a ideia dos acidentes já explanada na *Arte menor*, mas agora de forma mais detalhada. Donato explica que as preposições têm como acidente, categoria de análise, apenas o caso, e que este pode ser apenas o caso ablativo e o caso acusativo (*Donati, Ars Maior*, 649). Em seguida, cita novamente quais são as que regem acusativo e as que regem ablativo, bem como as que regem um e outro caso; depois acrescenta exemplos e explora a diferença de sentido entre ambos (*Donati, Ars Maior*, 649-651).

Existe uma outra particularidade fonológica das preposições, como é apontado por Donato, o fato de, quando estão separadas das palavras ou casos, terem acento agudo, isto é, serem sílaba tônica e, quando juntas, terem acento grave, isto é, tornarem-se sílabas átonas, assim como o fato de as preposições poderem, morfologicamente, corromper palavras ou serem corrompidas por elas (*Donati, Ars Maior*, 651). Desse modo, podemos ver como principal função das preposições, o fato de elas serem partículas que vêm anteposta a outras partes da oração, sem o que, perdem a sua significação, valor e lei (*Donati, Ars Maior*, 651). Por fim, Donato⁸ destaca que preposições separadas não se ligam a preposições separadas, e que quando não acompanham nenhum caso, são consideradas advérbios (*Donati, Ars Maior*, 651).

Boa parte dos gramáticos latinos exploram a possibilidade de as preposições serem consideradas advérbios, ainda que atribuam essa possibilidade a motivos diferentes. Para Donato, elas são consideradas advérbios quando não vierem acompanhadas por um caso; para Máximo Vitorino, por exemplo, além da especificidade de vir sem o acompanhamento de um caso, o acento (a tonicidade) da preposição é um dado que deve ser levado em

6 *re*: repetição, movimento para trás; *cipio*: capturar, prender.

7 Na Língua Latina, a noção de peso silábico é pertinente e uma sílaba pode ser pesada se sua vogal for longa por natureza, ou se a sílaba for constituída por um ditongo ou se a sílaba for fechada, seguida de outra consoante que abra a sílaba posterior.

8 Donato (*Donati, Ars Maior*, 651-652) afirma ainda que “Há quem julgue que a preposição tem ainda como acidentes figura e ordem; figura, porque há preposições simples, como *abs*, e compostas, como *absque*; ordem, porque há preposições prepositivas, como *sine*, e pospositivas, como *tenus*. Mas nós contaremos estas e outras semelhantes entre aquelas que se denominam irregulares”.

conta para que ela seja considerada como tal ou como advérbio⁹; para Mário Plótio, se a preposição estiver regendo outro caso além do acusativo e ablativo ou qualquer outra parte da oração, passará à condição de advérbio¹⁰.

Como podemos perceber, de maneira geral, a preposição na Língua Latina está ligada à sua função na oração, a de estar anteposta a outra palavra para lhe modificar o sentido, seja a partir de uma justaposição ou apenas como ligação. No entanto, há ainda preposições que podem estar pospostas às palavras a que regem, como podem acontecer com os pronomes, conforme apresentado por Donato. Tais características da Língua Latina foram herdadas por outras línguas como o Espanhol, Italiano e a Língua Portuguesa, usada no Brasil desde a colonização.

3 As preposições na Língua Portuguesa

As gramáticas são as norteadoras do padrão de uma dada língua e apresentam de forma particular a estrutura e o funcionamento desta. Nesse sentido, apresentamos agora as definições de preposição de acordo com três gramáticas de diferentes abordagens, uma descritiva, a de Mário Alberto Perini (Perini, 2016), uma normativa, a de Carlos Henrique da Rocha Lima (Lima, 2011) e uma histórica, a de Manuel Said Ali (Said Ali, 1964).

Mário Alberto Perini é autor da *Gramática descritiva do Português brasileiro* (Perini, 2016), a qual, cujo objetivo é descrever o português falado, põe em evidência a grande diferença da língua que é usada no dia a dia dos brasileiros e a língua que é escrita no Brasil nas ocasiões formais, mostrando um abismo que divide as classes sociais, nas quais a língua padrão é, em grande maioria, prestigiada, usada por uma pequena parte escolarizada da população, enquanto nas várias regiões brasileiras se fala o português com variantes adequadas aos contextos sociais.

Segundo sua gramática, a preposição é definida como “[...] uma palavra que se coloca antes de um SN [sintagma nominal] de maneira que a sequência resultante é um **sintagma adjetivo** ou um **sintagma adverbial**” (Perini, 2016, p. 440). Assim, podemos perceber que, segundo o gramático, a preposição conserva sua característica explorada desde as gramáticas latinas de vir anteposta às palavras, nesse caso de um SN. O autor destaca ainda que a preposição pode modificar esse SN, transformando-o em um sintagma de outro tipo, sintagma adjetivo ou sintagma adverbial. Isso pode ser percebido a partir do exemplo apresentado pelo gramático, “Tereza saiu sem uma palavra”, em que a preposição *sem* acrescida do sintagma nominal *uma palavra*, forma “um adjunto com o papel temático de modo” da mesma forma que o advérbio *silenciosamente* poderia desempenhar ((Perini, 2016, p. 441).

⁹ Maximus Victorinus (1961).

¹⁰ Marius Plotius (1961).

Ainda podemos perceber que, segundo Perini (2016, p. 241) “algumas preposições são funcionalmente especializadas” o que as fazem desempenhar, quando antepostas a sintagmas nominais, o papel de sintagmas adverbiais ou sintagmas adjetivos. Tal afirmação nos lembra, como vimos nos gramáticos latinos, que, na Língua Latina, há preposições específicas para os casos acusativo e ablativos, (que eram casos relacionados, respectivamente, ao nome e ao advérbio) ou para os dois casos, como acontece com a preposição *de*, que pode desempenhar as duas funções.

A gramática de Rocha Lima, por sua vez, aborda o assunto de maneira diferente. A sua *Gramática normativa da Língua Portuguesa* (Lima, 2011) parte da estrutura e funcionamento da língua enquanto norma ou padrão a ser seguido. Ela não exclui, todavia, a existência de variantes da língua falada, assim como os estilos, gírias ou regionalismo, no entanto, não tem seu foco nessa condição.

Rocha Lima define que “preposições são palavras que subordinam um termo da frase a outro — o que vale dizer que tornam o segundo dependente do primeiro” (Lima, 2011, p. 231). Sua classificação é muito parecida com as dos demais autores, no entanto, é muito mais conceitual e reduzida, pois apresenta um conceito do que é a classe de palavras da preposição e alguns poucos exemplos básicos, além de apresentar as próprias preposições usuais na língua e suas definições.

O autor discute ainda o breve conceito por meio do sentido primário de “subordinação” entre termos da oração. Para ampliar a sua definição, o autor recorre a outra gramática, a de Mario Pereira Souza¹¹:

“Em *livro de Pedro, obediente a seus pais, moro em São Paulo*, as palavras *de, a, em* ligam entre si os dois termos da frase, que vem respectivamente antes e depois delas. Essas palavras se denominam *preposição*. Os termos que precedem as preposições (*livro, obediente, moro*) chamam-se *antecedentes*; os que as seguem (*Pedro, seus pais, São Paulo*) chamam-se *consequentes*. Como se vê, a preposição mostra que entre o antecedente e o consequente há uma relação, de tal modo que o sentido do primeiro é explicado ou completado pelo segundo.” (Lima, 2011, p. 231)

A partir do exemplo, adiciona-se um novo dado no que diz respeito à qualidade semântica da preposição, e não mais somente à qualidade sintática como é apresentada sumariamente em sua própria designação. Assim, a gramática de Perini traz como principal qualidade das preposições o fato de elas estabelecerem relações de sentido, enquanto a de Rocha Lima destaca as relações sintáticas de dependência. Em Lima (2011) ainda é possível observar que, no que tange à conceituação das locuções prepositivas, quando ocorre esse fenômeno, a última palavra será sempre a preposição, o que a

11 Mário Pereira de Sousa Lima, *Gramática portuguesa*, 2a ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1945, p. 38-9.

caracterizará como locução prepositiva, diferenciando-se de uma locução adverbial, em que a preposição vem antecedendo o advérbio.

Rocha Lima faz uma separação entre as preposições, intitulado-as como essenciais, (aquelas que vieram diretamente das preposições latinas), e acidentais (as que vieram e são formadas a partir dos advérbios). No entanto, o gramático não explora essa proximidade entre as duas classes de palavra.

Outra abordagem que podemos ter da Língua Portuguesa é a histórica, aqui representada por Manuel Said Ali. A sua abordagem da gramática da língua portuguesa parte de uma análise histórica de sua evolução e uso, considerando a língua latina e sua função atual no português do Brasil. No que diz respeito às preposições, em sua *Gramática histórica da Língua Portuguesa* (Said Ali, 1964), o autor, logo na sua introdução ao assunto, afirma que (Said Ali, 1964, p. 203):

Há pontos de contato entre os advérbios e as preposições, e sabe-se que as preposições latinas foram primitivamente advérbios. Mas ao passo que a função destes é ajuntar-se a verbo, adjetivo ou também a advérbio e modificá-lo, desempenham as preposições papel análogo ao dos sufixos dos antigos casos oblíquos. Usam-se antepostas a substantivos e pronomes (e também, ao infinitivo como forma nominal) para lhes acrescentar noções de lugar, instrumento, meio, posse, etc., e êste [*sic*] resultado se obtém mais completamente e com mais clareza do que era possível com os poucos casos oblíquos da declinação latina.

Por ser uma gramática de abordagem histórica, é dado mais destaque às relações que a preposição tem com a Língua Latina. Percebamos que o autor relaciona a preposição aos advérbios, como já foi visto que outros gramáticos também já fazem, todavia traz outras informações a respeito. Inicialmente, destacamos a afirmação de que, na própria Língua Latina, algumas preposições já terem pertencido à classe dos advérbios (Pinkster, 2005, p. 147-152), deixando um pouco mais claro o fato de algumas preposições em construções frasais atribuírem circunstâncias junto a seus sentidos. Outro aspecto explorado, é que ela vem sempre anteposta a substantivos, pronomes ou formas nominais do infinitivo, ou seja, de qualquer forma, aparecem sempre antepostas a nomes ou outras classes que exerçam função própria dos nomes, da mesma forma que se observa na gramática de Mário Perini, que diz que elas se prepoem a sintagmas nominais. Porém, Said Ali explora o fato de as preposições funcionarem como prefixos, possibilitando assim a formação de novos vocábulos, fato bastante comum na Língua Portuguesa e que, no entanto, não é suficientemente abordado. Por fim, o autor destaca os sentidos que a preposição pode conferir aos substantivos e pronomes (bem como verbos no infinitivo), os quais estão diretamente ligados às noções comumente relacionadas ao advérbio.

Ao longo do texto, Said Ali aborda também a possibilidade de a preposição vir na forma simples ou composta:

A preposição pode ser apresentada por um vocábulo ou por uma combinação de vocábulos: *sôbre o outeiro, em cima do outeiro; em uma gaveta, dentro de uma gaveta; sob o domínio, debaixo do domínio*, etc. Havendo necessidade ou conveniência, diferencemos as maneiras de exprimir umas das outras, reservando para as do segundo tipo o nome de locuções prepositivas (Said Ali, 1964, p. 203).

Quanto às locuções prepositivas, Said destaca que “vieram-nos as preposições parte do idioma latino, que conhecemos através da literatura, parte dos românicos; outras foram tiradas de advérbios portugueses acrescentando-lhes a palavras *de*: *depois de, diante de, defronte de, em cima de*, etc.” (Said Ali, 1964, p. 203). Logo, podemos perceber que a contribuição na formação das preposições não vieram exclusivamente do Latim, sobretudo quando ele fala das locuções, mostrando que algumas vieram de advérbios portugueses, fazendo-nos entender mais ainda a relação entre essas duas classes de palavras.

O autor apresenta ainda a evolução das preposições do Latim que se transformaram ou permaneceram e influenciaram em nossa língua. Said Ali (1964, p. 203) afirma que,

Grande número das partículas usadas na língua mãe desapareceram ou ficaram desaproveitadas como preposições. Passaram ao português: 1) sem modificação de forma, *ante, contra, de, per*; 2) alteradas, *ad*> *a*; *post*> *pós*; *cum*> *com*; *inter*> *antre, entre*; *sine*> *sem*; *trans*> *trás*; *pro*> *por*; *secundum*> *segundo*; *in*> *em*; *sub*> *sob, so*. De *tenus* viria, segundo alguns, *ataa, até, té*; segundo outros, filiar-se-ia esta partícula ao árabe *hatta*.

Segundo o autor (Said Ali, 1964, p. 204), por exemplo, o *de* “exprimiu em Latim a princípio afastamento no sentido ‘de cima para baixo’ [...]”, logo, tinha uma função e uso próprio, os quais foram perdidos na Língua Portuguesa e a preposição *de* passou a desempenhar várias funções e sentidos.

Em seu uso, como preposição na Língua Portuguesa, segundo Poggio (2016, p. 2), “a preposição **de**, em português, passou a assumir as três noções do Latim representadas pelas preposições **ab, ex e de** e mais a ideia de posse encontrada no seu sentido de base, que se exprime pela relação de subordinação de um substantivo a outro”, assim vemos que na gramaticalização para nossa língua, o *de* passou a assumir o sentido das demais preposições latinas, o que justifica sua multiplicidade de uso em construções de sentido em Língua Portuguesa.

Conforme vemos, alguns vocábulos se uniram a preposições latinas e se modificaram para formar novas palavras na Língua Portuguesa. Sustentando a afirmação de Dezotti (2011, p. 89) sobre a função das preposições na *Arte de Donato* na Língua Latina, “o gramático contempla não só a preposição propriamente dita, introdutória de uma palavra

casual, mas também a preposição empregada numa função que atualmente atribuímos ao prefixo, isto é, entrando em composição com nomes e verbos [...]”. Logicamente, na Língua Portuguesa, essas preposições passaram a desempenhar a função própria de prefixos como é o caso de *ad* (com sentido de aproximação ou direção) e também *ab* (com sentido de afastamento, separação) que também pode ser encontrada nas palavras **adjunto, advogado, abdicar e abster** (Cavalheiro, 2010).

O sentido usual permanece o mesmo, porém com nomenclatura e função modificada de uma língua a outra. Assim, em relação à função de antepor qualquer palavra como na primeira definição de Donato, o prefixo *Ad* e *Ab* também são preposições, pois estão antepostos a palavras e mudando seu sentido de maneira justaposta. No entanto, quando vistos a partir da modificação na Língua Portuguesa, é entendido apenas como prefixo de palavras, não havendo uma norma que a identifique de forma justaposta a outras palavras, somente se abrindo às locuções prepositivas em que outra palavra faz a função com outra preposição.

Em suma, podemos observar que na gramática histórica a preocupação é mostrar a evolução dos vocábulos da Língua Portuguesa. Como apresentado, algumas preposições vieram sem perda fonética, já outras sofreram modificações ao longo do tempo para que possivelmente se adequassem aos falantes e seus contextos. Em sua gramática histórica, Manuel Said Ali dedica um espaço bem maior que os outros autores para discussão das preposições, destacando as evoluções fonológicas, morfológicas, e semânticas ocorridas ao longo dos séculos, oferecendo, portanto, uma perspectiva mais ampla da classe gramatical em questão.

Considerações finais

A partir da apresentação das três gramáticas, vemos que, na Língua Portuguesa, basicamente há uma uniformidade quando se trata da classe das preposições pelo menos no sentido primário de prepor. No entanto, cada abordagem explora aspectos diferentes quanto à conceituação. Nas gramáticas normativas, as mais comuns nas escolas brasileiras, a preocupação é ensinar como é estruturada a língua e como ela deve ser usada. Na gramática descritiva, a maior preocupação está em descrever a língua que é falada, o que faz com que as preposições tenham pouco espaço, como na gramática de Perini. Por outro lado, a gramática histórica de Said Ali é mais expositiva em relação a como os vocábulos chegaram à Língua Portuguesa e, conseqüentemente, há maior espaço para as discussões em torno das preposições.

Expostas as definições das preposições tanto na Língua Portuguesa como no Latim, percebemos alguns pontos que as aproximam ou podem até justificar alguns usos na

Língua Portuguesa. Muito disso se deve à própria herança do Latim trazida ao Português. Todavia, algumas características do Latim se perderam e outras permaneceram, da mesma forma que outras sofreram leves mudanças no seu uso.

A estratégia primária para nomear a preposição, que se apresenta na Língua Latina, permanece a mesma nas gramáticas de Língua Portuguesa, mudando de maneira sutil sua funcionalidade dependendo da abordagem gramatical, seja descritiva, normativa ou a histórica. De modo geral, como mostra Júnior (2002, p. 20) “o reconhecimento e a definição da classe das preposições, tais como se encontram hoje nas gramáticas escolares, é produto da tradição gramatical greco-latina”.

Nesse sentido, entendemos como um ponto de aproximação entre as gramáticas das duas línguas, o próprio sentido lógico da definição, de prepor a um termo da oração, como vimos tanto nos gramáticos latinos como nos de Língua Portuguesa, ainda que no Latim seja explorado também o fato de que essa capacidade possa acontecer de várias formas, por exemplo, na justaposição de palavras, em que uma preposição se junta a outra palavra a fim de criar uma nova. Tal fato pode ser percebido na Língua Portuguesa, uma vez que várias palavras, sobretudo verbos, são formados por meio da junção de preposição + raiz do verbo (*abdicar, enterrar, discordar*, por exemplo) o que, no entanto, não é abordado em nenhuma das gramáticas do nosso *corpus*, pelo menos quando tratam da classe gramatical preposição, nosso foco neste trabalho.

Nas gramáticas da Língua Portuguesa como vimos acima, a própria maneira de definir as preposições se torna uniforme, uma vez que são apresentados, de maneira geral, pela lógica do significado, seguindo certos critérios, sejam sintáticos ou semânticos, tipos e classificações em que são geralmente apresentadas em um quadro com as principais mais usuais e exemplificados a partir da literatura (Júnior, 2002).

Do mesmo modo, podemos ver, a partir da gramática histórica, que a gramática normativa se assemelham à tradição de conceituação das gramáticas latinas, usando a lógica e uma conceituação de maneira mais memorizável, em que se tenta presumir a eficiência em internalizar no leitor o sentido da classe de palavra, usando termos próprios e divisões usuais das preposições assim também como é mostrado nas gramáticas latinas.

A partir da *Gramática descritiva do português brasileiro* (2016) de Mario Perini, podemos perceber uma maneira diferente da apresentar a preposição, menos presa às nomenclaturas e mais relacionadas ao seu uso na língua e nas atribuições diárias. Ela é tomada justamente por sua função de proporcionar uma mudança gramatical e semântica nas construções, podendo ter valor adjetivo ou adverbial, como também podemos notar nas gramáticas latinas, que seguem de muito perto a maneira de expor a classe gramatical adotada pela gramática de Donato. Nela vemos também que as preposições podem demonstrar papel temático ou não, dependendo da construção e da situação, assim ela se

apresenta de forma mais contextualizada, dado que visa a língua em seu uso no dia a dia pelos falantes.

A nossa Língua Portuguesa, por ser uma língua de origem românica, assemelha-se em muitos aspectos ao Latim, assim como outras línguas que também derivaram dele. Mesmo que o português brasileiro seja constituído por uma miscigenação de culturas e línguas, como os povos aborígenes e africanos, muito da estrutura do Latim antigo, classificações e usos podem ser vistos na língua, sobretudo, quando tratamos de gramáticas de abordagem histórica e normativa. As próprias classes de palavras são nomeadas a partir da lógica herdada do Latim, como o caso da preposição.

Referências

- CAVALHEIRO, C. E. D. B. **Reaprendendo o Português: gramática, redação e literatura**. Belo Horizonte: Cedec, 2010.
- CEGALLA, D. P. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 48. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do Português contemporâneo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2016.
- DEZOTTI, L. C. **Arte menor e arte maior de Donato: tradução, anotação e estudo introdutório**. São Paulo: (dissertação de mestrado) Universidade de São Paulo, 2011.
- JUNIOR, E. D. **Preposições do português brasileiro: um estudo frequencial**. Curitiba: (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal do Paraná, 2002.
- LIMA, C. H. D. R. **Gramática normativa da Língua Portuguesa**. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.
- MARIUS PLOTIUS. *Grammatici Latini, VI. Scriptores artis metricae*. Marius Victorinus, Maximus Victorinus, Caesius Bassus etc., ex recensione H. Keilii, Hildesheim 1961, p. 428-429.
- MAXIMUS VICTORINUS. *Grammatici Latini, VI. Scriptores artis metricae*. Marius Victorinus, Maximus Victorinus, Caesius Bassus etc., ex recensione H. Keilii, Hildesheim 1961, p. 203-204.
- PERINI, M. A. **Gramática descritiva do Português brasileiro**. Petrópolis: Vozes (coleção de linguística), 2016.
- PINKSTER, H. **On Latin adverbs**. Amsterdam: Amsterdam Academic Archive, 2005.
- SAID ALI, M. **Gramática histórica da Língua Portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

Vol. 02, **Nº 04** (2025)
ISSN: 2966-0130

REVISTA FIOS DE **LETRAS**



editora
UEA



UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS

